

INTERSEÇÕES LINGUÍSTICAS: Estudos Diversos

Dermeval da Hora
Ángela Helmer
Organizadores

COMUNICAÇÕES DIVERSAS

**COLEÇÃO ALFAL:
ALÉM DAS FRONTEIRAS**

COORDENADORES:
Dermeval da Hora
Ángela Helmer



 LÍQUIDO EDITORIAL

copyright © 2023 Derneval da Hora e Ângela Helmer

Todos os direitos autorais dos textos publicados neste livro estão reservados aos autores e foram cedidos para uso da Líquido Editoria Ltda., exclusivamente para a publicação desta obra. O conteúdo dos textos é de inteira responsabilidade de seus autores.

Capa e Diagramação:

Líquido Editorial

Editor responsável

Carlos Augusto Baptista de Andrade

Conselho Editorial

Adolfo Elizaincín - Universidad de la República – Uruguay

Ângela Helmer - University of South Dakota - USA

Angelita Martínez - Universidad de la Plata - Argentina

Beatriz Arias Álvarez - Universidad Nacional Autónoma de México - UNAM

Benjamim Corte-Real - Universidade Nacional de Timor-Leste

Carlos Augusto Batista de Andrade – Universidade Cruzeiro do Sul

Cleide Antônia Rapucci - UNESP – Assis

Derneval da Hora - Universidade Federal da Paraíba - Brasil

Elisa Battisti - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil

Gerson Albuquerque - Universidade Federal do Acre - Brasil

Guaraciaba Micheletti - Universidade Cruzeiro do Sul e USP - Brasil

Guillermo Arias Beatón - Cátedra Vigotski - Universidade de Havana - Cuba

Marlise Vaz Bridi – Universidade de São Paulo – UCP - Brasil

Moisés de Lemos Martins - Universidade do Minho - Portugal

Neusa Barbosa Bastos – PUC-SP e Universidade Presbiteriana Mackenzie

Regina Pires de Brito – Universidade Presbiteriana Mackenzie

**Dados de Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Interseções linguísticas [livro eletrônico] :
estudos diversos / organização / Derneval da
Hora, Ângela Helmer. – 1. ed. – São Paulo :
Líquido Editorial, 2023. – (Coleção ALFAL :
além das fronteiras ; 2)
PDF.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-999248-0-4

1. Filosofia 2. Linguística 3. Psicolinguística
I. Hora, Derneval da. II. Helmer, Ângela, III. Série

22-135754

CDD-401.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicolinguística 401.9

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB – 1/3129

Todos os direitos desta edição reservados à Líquido Editorial
www.liquidoeditorial.com.br

ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA DA AMÉRICA LATINA – ALFAL

DIRETORIA

Presidente: Dermeval da Hora
Secretária: Angelita Martínez
Tesoureira: Ángela Helmer

VOGAIS

Adolfo Elizaincín
Beatriz Arias Álvarez
Constanza Moya Pardo
Elisa Battisti
Martín Hummel
Mireya Cisneros Estupiñán

UMA OBRA DO PROJETO 7 PSICOLINGÜÍSTICA E INTERFACES

Márcio Martins Leitão
Marcus Maia

COLEÇÃO ALFAL: ALÉM DAS FRONTEIRAS

COORDENADORES:

Dermeval da Hora
Ángela Helmer



Interseções Linguísticas: Estudos diversos

Dermeval da Hora
Ángela Helmer
organizadores

2023

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – <i>Dermeval da Hora e Ângela Helmer</i>	6
VOCALIZAÇÃO DE CODA LATERAL NO PORTUGUÊS PRINCIPENSE (PP) – <i>Amanda Macedo Balduino; Nacy Mendes Torres Vieira e Ana Lúvia Agostinho</i>	12
ANÁLISE DA LETRA E DA MÚSICA DE CANTIGAS DE SANTA MARIA: EM BUSCA DE PISTAS DOS LIMITES DO SINTAGMA ENTOACIONAL NO PORTUGUÊS MEDIEVAL <i>Gladis Massini-Cagliari</i>	30
METODOLOGIA DE ALINHAMENTO SOM/GESTO: O QUE NOS REVELA A FALA ESPONTÂNEA - <i>Camila Barros e Heloísa Melo</i>	54
PICOS MELÓDICOS PRETÔNICOS EM FINAL DE ENUNCIADO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO QUANTITATIVO - <i>Puillippe Boula de Mareüil e Plínio A. Barbosa</i>	71
ESTRUTURAS DESGARRADAS À LUZ DA TEORIA DA ESTRUTURA RETÓRICA - <i>Maria Beatriz Nascimento Decat</i>	86
UMA REVISÃO DAS ORAÇÕES CORRELATIVAS PELA ABORDAGEM MULTISSISTÊMICA - <i>Marcelo Módolo</i>	108
LA VARIACIÓN LINGÜÍSTICA EN EL ESPAÑOL Y SU COMPARACIÓN CON EL PORTUGUÉS BRASILEÑO: EL OBJETO PRONOMINAL ACUSATIVO - <i>Adriana Martins Simões</i>	140
ESTUDIO CONTRASTIVO DE LOS MARCADORES DE REFORMULACIÓN EXPLICATIVOS Y REFORMULATIVOS EN ESPAÑA Y MÉXICO - <i>Sara Fernández Gómiz e M. Amparo Soler Bonafont</i>	168
DO CONTO À SÉRIE TELEVISIVA: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA DA(S) RAINHA(S) MÁ(S) DA DISNEY - <i>Ana Beatriz Maia Barissa</i>	197
COLABORADORES	218

APRESENTAÇÃO

Dermeval da Hora
Presidente da ALFAL

Ángela Helmer
University of South Dakota
Tesorera de la ALFAL
(organizadores)

A Associação de Linguística e Filologia da América (ALFAL), em seu XIX Congresso Internacional, tem a satisfação de apresentar à comunidade científica este livro, que resulta de uma série de discussões de temas diversificados, cobrindo diferentes áreas da linguística.

É a ALFAL abrindo fronteiras com uma série pensada para abrigar quatro volumes de textos, sendo cada volume voltado para um tema, exceto este que apresenta temas diversificados. Aqui veem-se textos que vão da fonologia e da prosódia, passando pela sintaxe com um estudo baseado na variação, chegando à análise textual, propriamente dita. É uma forma de demonstrar o quanto a linguística é pluridimensional.

No Capítulo 1, sob o título Vocalização de coda lateral no português principense (PP), Amanda Macedo Balduino, Nancy Mendes Torres Vieira e Ana Lívia Agostinho analisam a coda lateral no português principense, considerando como restrições estruturais acento, classe gramatical, contexto fonológico precedente e posição da lateral na palavra. Além disso, a vocalização da lateral foi analisada considerando a relevância da estrutura formativa gramatical do português, bem como do cenário de contato linguístico no qual o PP está inserido. Com base nas análises apresentadas, as autoras ressaltam a urgência de reconhecimento de tal variedade, indicando, mediante o estudo da vocalização, que o PP possui características gramaticais compartilhadas com variedades congêneres

como o português brasileiro e o português europeu, mas possui, também, estruturas linguísticas singulares.

Gladis Massini-Cagliari, no Capítulo 2, intitulado Análise da letra e da música de cantigas de Santa Maria: em busca de pistas dos limites do sintagma entoacional no português medieval apresenta resultados de uma pesquisa que objetiva verificar em que medida uma análise em paralelo do texto poético e da notação musical de cantigas medievais trovadorescas – mais especificamente, as Cantigas de Santa Maria (Afonso X, 1221-1284, Bertolucci Pizzorusso, 1993) - pode se constituir em um instrumento auxiliar para a análise linguística da prosódia de períodos passados da língua, dos quais não sobreviveram registros orais. O pressuposto considerado pela autora é o de que a consideração da música das cantigas, combinada com a relação que tem com a “letra” (texto poético) que a acompanha, ajuda a elucidar questões de agrupamentos prosódicos em termos de constituintes superiores, principalmente com relação aos fenômenos rítmicos.

No Capítulo 3, Camila Barros e Heloísa Mello, explorando o título Metodologia de alinhamento som/gesto: o que nos revela a fala espontânea, analisam a questão da segmentação da fala multimodal, especialmente quanto à sua estruturação em diferentes níveis analíticos, como, por exemplo: o enunciado, o nível metailocucionário (principalmente fala reportada) e o nível parentético. Para isso, dez textos multimodais monológicos são analisados quanto à segmentação prosódica e gestual. O mapeamento entre a gestualidade e estrutura informacional também é discutido. Propõe-se que gestos e fala precisam ser entendidos conjuntamente para uma segmentação consistente e confiável, uma vez que as pistas para a segmentação se encontram tanto nos gestos quanto na fala numa interação multimodal. Funcionalmente, os níveis analíticos podem ser marcados por diferentes padrões gestuais e prosódicos e, na análise, são mostradas as mudanças que ocorrem do nível do enunciado para o nível da unidade informacional Parentético.

No Capítulo 4, cujo título é Picos melódicos pretônicos em final de enunciado no português brasileiro: um estudo quantitativo, Philippe Boula de Mareüil e Plínio A. Barbosa, partindo do pressuposto de que alguns falares/dialetos e idiomas, como o português brasileiro, são descritos como cantados, avaliam essa impressão, quando não é puramente um mito, como difícil de quantificar por vários motivos. Pode nascer em alguns falantes e não em outros, em algumas situações, em algumas variedades da língua e não em outras. Pode ser difusa ou pontual, aparecendo apenas em certos pontos do enunciado. Sempre existe alguma variabilidade prosódica dialetal, que descreve o contorno declarativo neutro em todas as capitais brasileiras. O contorno nuclear, mais frequentemente em torno do último acento lexical do enunciado é um domínio apropriado para observar o que se chamou de clichês melódicos. Esses clichês são padrões melódicos de grande regularidade que criam ligações “diretas e constantes” entre uma sequência verbal e uma situação particular. Essa regularidade poderia contribuir para a percepção de caráter cantado de certas variedades de língua. É sobre essa ideia que o texto se desenvolve.

Maria Beatriz Nascimento Decat no Capítulo 5, desenvolvendo o tema Estruturas desgarradas à luz da Teoria da Estrutura Retórica, procura mostrar como a Teoria da Estrutura Retórica – RST pode contribuir para a caracterização de “estruturas desgarradas” no português em uso. A autora pretende apresentar uma análise sob o viés dessa teoria funcionalista para explicar alguns aspectos do desgarramento em português, em termos das relações retóricas – aqui entendidas como relações semântico-pragmáticas, ou relações de coerência – que as estruturas desgarradas estabelecem com outras porções do texto, indicadas no contexto. A autora, procura, inicialmente explicar o que vem a ser “estrutura desgarrada”, termo cunhado desde 1999.

No Capítulo 6, Marcelo Módolo, com o título Uma revisão das orações correlativas pela abordagem multissistêmica propõe que os linguistas de orientação funcionalista, ao investigarem os processos de articulação de

orações, usualmente se referem ao traço dependência e empregam-no como um critério na identificação das diversas estratégias de combinação. Uma vez que se trata de um traço de natureza formal, era de se esperar que o continuum dos processos de articulação fosse segmentado em pontos similares na vasta literatura sobre esse assunto. A análise das propostas tipológicas de alguns autores revela, todavia, que tal não é o caso. Partindo para a gramaticografia de língua portuguesa, vemos fato semelhante, pois as gramáticas parecem não estar de acordo com a definição das “orações correlativas”. Ora são classificadas como parte das orações coordenadas, as aditivas e as alternativas, ora são classificadas como parte das orações adverbiais (hipotáticas), as consecutivas, as comparativas e as proporcionais, ora como distintas dos dois tipos de ligação anteriores. Dito isso, neste texto verifica-se a classificação das orações correlativas na gramaticografia portuguesa que perpassa o tema. Para além disso, adota-se a Abordagem Multissistêmica da Língua, baseada em Castilho (2010), para elaborar uma nova visão sobre as orações correlativas, analisando-as em quatro sistemas: (1) Léxico, (2) Discurso, (3) Semântica (4) Gramática. Esses sistemas não correspondem a escolhas ao acaso, em uma espécie de “bricolage” sem fundamento, visto serem circunscritos por categorias específicas, que serão mencionadas ao correr desse artigo. Para visualização de resultados, a discussão foca na discursivização, semanticização e gramaticalização desses pares, tentando-se construir algumas generalizações a partir de caminhos já trilhados e, ao mesmo tempo, análises novas potencialmente produtivas para a compreensão desse tipo de articulação de orações

No Capítulo 7, que leva o título *La variación lingüística en el español y su comparación con el portugués brasileño: el objeto pronominal acusativo*, Adriana Martins Simões analisa o objeto anafórico acusativo de 3ª pessoa nas variedades do espanhol de Madrid e de Montevideo, baseando-se em entrevistas que formam parte do PRESEEA (Proyecto Sociolingüístico para el Estudio del Español de España y de América), e logo realiza uma comparação com o português brasileiro. A autora adota a perspectiva

gerativa (Chomsky 1981, 1986), así como alguns aspectos sociolinguísticos mencionados em Labov 2008 e Weinreich et al. (2009). Em seu trabalho, a autora estuda que contextos linguísticos das variedades do espanhol de Madrid e Montevideo favorecem a realização do objeto mediante a elipse para desta maneira poder verificar sua adaptação na estrutura linguística. Graças à análise dos contextos linguísticos e a perspectiva gerativa, a autora pode identificar as possibilidades de omissão que existem nessas variedades do espanhol.

Sara Fernández Gómiz y M. Amparo Soler Bonafont, no Capítulo 8, com o trabalho sob o título Estudio contrastivo de los marcadores de reformulación explicativos y reformulativos en España y México, nos apresentam os resultados de suas investigações sobre a frequência do uso de marcadores discursivos de reformulação, especificamente, os explicativos (p. ex. o sea, es decir, esto es...) e os retificativos (p. ex. mas bem, melhor dito, digo...) no discurso digital do espanhol da Espanha e do México. Para esta investigação, as autoras analisam as principais diferenças e semelhanças de funcionamento deste tipo de marcadores discursivos em um corpus compilado com base em textos das redes sociais Twitter e Facebook. As redes sociais favorecem o estudo do discurso personal, interativo e social, já que muito provavelmente representam a fala real da população. O estudo é qualitativo e se baseia nas tendências de uso contrastivo entre ambas variedades regionais do espanhol. As autoras propõem que estas tendencias possam, mais adiante, ser analisadas também quantitativamente, inclusive em trabajos contrastivos mais amplos.

No Capítulo 9, Do conto à série televisiva: uma análise bakhtiniana da(s) rainha(s) má(s) da Disney, Ana Beatriz Maia Barissa propõe refletir sobre a (re)significação da personagem Rainha Má, mãe-vilã do conto popular Branca de neve e os sete anões, produzido pelas indústrias Disney em 1937. Na nova leitura midiática, denominada Era uma vez, a Rainha Má é apresentada com uma proposta de humanização, o que a distância – de certa forma – de sua configuração arquetípica da sua versão literária – e

reproduzida pela Disney na década de 1930 –, mas mantém a discussão sobre maternidade, clássico nas narrativas populares. Devido ao foco do sermão (mote para a construção humanizada desse sujeito), o objetivo da autora é observar como essa discussão sobre o ser-mulher e o ser-mãe traz em Era uma vez uma proposta, não somente de humanização em sua construção, mas uma ideia de empoderamento feminino (a fim de se atender a um determinado público) aparente. Pela extensão do seriado e, a fim de analisar de forma mais verticalizada os corpora, foram selecionados o episódio dezoito da primeira temporada, o episódio nove da segunda temporada e a animação Branca de Neve e os sete anões. Como critério de seleção de episódio, a autora pensou a relação da personagem da Rainha Má com Branca de Neve e com Henry, seu filho adotivo no seriado. Como a reflexão se propõe a pensar sobre uma personagem clássica dos contos de fadas, a autora também faz uma recuperação das personagens arquetípicas vindas das narrativas populares, refletida e refratada tanto na Rainha Má de Branca de Neve e os sete Anões, quanto a de Era uma vez.

É um prazer oferecermos aos investigadores da ALFAL e à comunidade científica em geral uma plataforma a mais —além da Revista Lingüística e dos Cuadernos de la ALFAL—para publicar la pesquisas que se apresentaram durante o intercâmbio intelectual de nosso último Congreso ALFAL em agosto de 2021. Desta maneira, podemos aumentar a difusão das investigações recentes de nossos membros. Como observamos anteriormente, este quarto volumen da série “ALFAL abrindo fronteiras” não aborda um tema específico, a diferença dos otros três, uma vez que cobre diversas linhas de investigação linguística e inclui capítulos em português e espanhol.

Agradecemos a todos os autores por suas excelentes contribuições ao campo de la linguística do português e do espanhol. Também, agradecemos aos colegas que contribuíram com suas avaliações dos capítulos.

VOCALIZAÇÃO DE CODA LATERAL NO PORTUGUÊS PRINCIPENSE (PP)

Amanda Macedo Balduino

<http://orcid.org/0000-0002-1062-973X>

Nancy Mendes Torres Vieira

<http://orcid.org/0000-0002-7291-9759>

Ana Livia Agostinho

<http://orcid.org/0000-0002-2395-4961>

INTRODUÇÃO

Neste estudo, analisamos a vocalização da coda lateral no português principense (PP), tendo em vista aspectos linguísticos tais como acento, classe gramatical, contexto fonológico precedente e posição da lateral na palavra. Ademais, a vocalização de /l/ foi examinada, também, considerando a relevância da estrutura formativa gramatical do português, bem como do cenário de contato linguístico no qual o PP está inserido. Visamos, com base nas análises apresentadas, ressaltar a urgência de reconhecimento de tal variedade, indicando, mediante o estudo da vocalização, que o PP possui características gramaticais compartilhadas com variedades congêneres como o português brasileiro e o português europeu, mas possui, também, estruturas linguísticas singulares.

De fato, a língua portuguesa, difundida por políticas de imposição e assimilação cultural aos povos colonizados da América do Sul e da África Atlântica (Faraco, 2012), é atualmente a língua oficial de nove países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e, desde 2010, Guiné Equatorial. Desse modo, o português é veículo de comunicação em diversos espaços, sendo, inclusive, a língua materna (L1), e muitas vezes única, de uma parte substancial da população de países como Portugal, Brasil e São Tomé e

Príncipe¹. No entanto, a despeito de o português ser falado majoritariamente como L1 nesses três países, seu uso difere em cada um desses espaços sociolinguísticos configurando, desse modo, variedades distintas e únicas da língua portuguesa.

O desenvolvimento de traços inerentes às diferentes variedades do português é promovido, dentre outros fatores sociolinguísticos, pelo contato linguístico, podendo este fomentar reanálises estruturais (Lucchesi; Baxter, 2009). Consequentemente, as variedades de português, emergidas no período pós-colonial, distanciam-se das variedades de língua portuguesa faladas em Portugal, referidas a partir de então como português europeu (PE), adquirindo padrões inovadores, bem como estruturas que podem refletir a ecologia linguística particular na qual estão inseridas – como é o caso do PP.

O PP, falado na Ilha do Príncipe em São Tomé e Príncipe (STP), descende de uma variedade do português que inicialmente era adquirida como L2 e, posteriormente, foi transmitida e disseminada como L1 (Gonçalves, 2010; Balduino, 2018). Além do mais, está em contato com o lung'le (ISO 639-3: pre) e com o kabuverdianu (ISO 639-3: kea), fato que o insere em um contexto sociolinguístico próprio.

Verificamos que a lateral /l/ em coda pode ser, por exemplo, velarizada, vocalizada ou apagada em PP, como indicado nos dados em (1) e (2).

(1) difícil [di.'fi.siʃ] ~ [di.'fi.siw] ~ [di.'fi.si]

(2) bolso ['boʃ.sʊ] ~ ['bow.sʊ] ~ ['bo.sʊ]

Neste capítulo, nosso objetivo é analisar a vocalização de /l/ em coda em tal variedade, no entanto, para uma visão mais ampla do tema, é possível consultar Balduino et al. (2021), estudo baseado em um corpus maior em que o apagamento da coda também é considerado. Para tanto, após apresentar possíveis variáveis linguísticas que podem influenciar a vocalização da lateral, discutiremos a possibilidade de tal processo configurar um fenômeno previsto na estrutura do português, sendo possível em outras variedades da língua portuguesa, como o PB. Compararemos, também, o processo de vocalização do PP com a coda em lung'le, refletindo acerca da possibilidade de o contato linguístico ser relevante para a

¹ Em São Tomé e Príncipe há programas de rádio e TV transmitidos em lung'le e em forro, mas a maior parte da programação é em português. Além do mais, artistas locais produzem músicas em línguas autóctones (Agostinho, 2015; Bouchard, 2017).

vocalização nesta variedade (Avelar; Galves, 2014; Souza, 2020). Sugerimos que fenômenos como a vocalização da coda sejam avaliados a partir de uma perspectiva que considere a atuação de múltiplos fatores em seu desencadeamento, abarcando aspectos da própria estrutura formativa gramatical do português, mas refletindo, outrossim, sobre o cenário de contato linguístico no qual o PP está inserido.

Isso posto, dedicamos a seção 2 a seguir a uma breve discussão a respeito do estatuto da língua portuguesa em São Tomé e Príncipe. Na seção 3, apresentamos o corpus e, feito isso, na seção 4, discutimos o processo de vocalização no PP. Para tanto, na seção 4.1 apresentamos os resultados estatísticos mediante regressão logística, discutindo quais variáveis linguísticas foram relevantes para explicar a vocalização nesta variedade. Já na seção 4.2, abordamos a questão mediante o debate entre deriva e contato linguístico. As considerações finais são apresentadas na seção 5.

VARIETADES DE PORTUGUÊS AUTÓCTONES DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

São Tomé e Príncipe é um país insular da Costa Oeste africana, Golfo da Guiné. Reconhecido como um país multilíngue, durante muito tempo, STP possuiu vasta diversidade linguística, havendo um amplo emprego das línguas crioulas autóctones como o santome, o lung'le e o angolár e mesmo o kabuverdianu, língua transplantada ao arquipélago pela entrada massiva de mão de obra cabo-verdiana nos séculos XIX e XX (Seibert, 2015). Contudo, a partir do período pós-colonial, tal diversidade linguística tem se perdido, já que, atualmente, o arquipélago é o país africano com o maior número de falantes de português como primeira língua (98,4%) (INE 2012), enquanto o número de falantes das línguas crioulas é cada vez menor (Gonçalves, 2010; Christofolletti, 2013; Agostinho, 2015, 2016; Gonçalves; Hagemeyer, 2015; Balduino, 2018; Araujo, 2020; Santiago; Agostinho, 2020).

No período colonial, a língua portuguesa era restringida a uma parcela populacional irrisória de STP, porém, a partir do período pós-colonial, tal cenário foi modificado. Face às pressões assimilatórias disseminadas pela metrópole portuguesa e incorporada, posteriormente, pelos nativos de STP, a população não-portuguesa passou a empregar o português e desfavorecer o uso e a transmissão das línguas autóctones, ameaçando, atualmente, a vitalidade dessas línguas (Seibert, 2015; Gonçalves, 2010; Gonçalves;

Hagemeyer, 2015; Braga, 2018; Balduino, 2018; Araujo, 2020). É, portanto, no período pós-colonial que a língua portuguesa passa a ser amplamente transmitida entre diferentes gerações, estabelecendo-se como L1 da maior parte da população santomense.

A oficialização do português como língua burocrática do arquipélago em 1975, foi, portanto, um dos fatos substanciais para a promoção da língua portuguesa como L1 da população santomense. Mesmo depois de 1975, quando STP se tornou independente de Portugal, a língua portuguesa foi eleita como a única língua oficial do arquipélago e, por isso, desde o início do processo de descolonização tem se mantido como a língua de prestígio do arquipélago. A língua portuguesa é ensinada nas escolas e massivamente difundida na mídia, principalmente na televisão – local que adota a norma europeia para transmissão, ao passo que restritos são os espaços sociais destinados às línguas autóctones (Araujo; Agostinho, 2010).

Apesar dos impactos glotocidas do português sobre as línguas autóctones, notamos que a(s) variedade(s) do português empregadas no arquipélago possuem traços particulares. Ademais, a difusão do português não se fez ou se faz através do aprendizado formal da variedade lusitana disseminada pelos meios oficiais, a despeito das pressões que o PE exerce nas diferentes variedades do arquipélago. O português consolidado como L1 de grande parte da população de STP corresponde a novas variedades autóctones, as quais apresentam estruturas resultantes do processo do contato linguístico e de sua aprendizagem ter se dado em um contexto plurilíngue particular a STP. Assim, mesmo o PE sendo considerado no sistema escolar como língua-alvo, o português vernacular dos falantes da cidade de Santo Antônio do Príncipe (PP) – e de outras localidades da ilha - difere do paradigma europeu divulgado no arquipélago (Agostinho, 2016; Balduino, 2018; Araujo; Balduino, 2019; Santiago, 2019; Santiago; Agostinho, 2020; Agostinho et al. 2020; Agostinho; Mendes 2020; Balduino 2020; Balduino et al. 2020; Santiago et al. 2021). Esse fato é reforçado, ainda, por diferentes estudos que atestam estruturas linguísticas particulares às variedades faladas em STP (Gonçalves, 2010; Agostinho, 2016; Bouchard, 2017; Brandão et al. 2017; Braga, 2018; Araujo; Balduino, 2019; Santiago; Agostinho, 2020; Agostinho; Mendes, 2020).

Dentre as diferentes variedades de português faladas no arquipélago, nos ateremos, neste trabalho, ao Português Vernacular Principense (PP), o qual possui uma longa convivência histórica com o lung'le e é falado em Santo

Antonio do Príncipe (Agostinho, 2015). O movimento de abandono da língua nacional sugere que os falantes nativos do lung'le com mais de sessenta anos aprenderam o português como L2 e, posteriormente, transmitiram a variedade portuguesa às novas gerações, que, por sua vez, a adquiriam como língua materna, principalmente nos anos pós-independência quando não falar o português se tornou um sinal de contrariedade à política de unificação nacional do governo vigente. Logo, o emprego do lung'le – assim como das demais línguas - foi sendo reduzido em contraposição ao uso da língua portuguesa expandido (Araujo, 2020). Entretanto, o abandono das línguas minoritárias do país, em direção ao português, não ocorre de forma regular, pois o input parte de uma variedade de L2 e não de L1, o que pode engatilhar mudanças estruturais e reanálises gramaticais (Lucchesi; Baxter, 2009). Tendo isso em vista, notamos que as variedades de português de STP – dentre as quais o PP – podem apresentar estruturas gramaticais similares tanto ao PE e outras variedades do português, quanto às línguas autóctones que coexistiam e coexistem com as variedades de português emergidas no arquipélago e, ainda, apresentar características singulares.

Com o propósito de examinar a vocalização da lateral em coda no PP, visamos contribuir, ainda, com a descrição e sistematização de tal variedade de português emergida em STP. Para tanto, apresentamos, na seção 3, o corpus e a metodologia.

CORPUS E METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste estudo, utilizamos dados de um corpus coletado in loco na cidade de Santo Antônio do Príncipe em 2019, em São Tomé e Príncipe, constituído por frases elicitadas coletadas mediante a repetição de frases-veículo. Durante as sessões de gravação, uma imagem era mostrada ao falante que, após nomear a ação ou objeto apontado pelo pesquisador, repetia a palavra-alvo três vezes dentro da sentença “Eu falo x baixinho”, onde x era substituído pelo item alvo.

Os informantes eram todos naturais da Ilha do Príncipe, com pais também nascidos na ilha, e tinham o português como língua materna (L1), mas podiam, também, falar outras línguas locais em diferentes graus de proficiência. Fatores sociais como sexo, idade e nível de escolaridade podem influenciar os resultados deste estudo. Nosso objetivo, contudo, é realizar uma análise introdutória da lateral em coda, no PP, a partir de uma

perspectiva exclusivamente estrutural, então, analisamos apenas variáveis estruturais. De forma, no entanto, a limitar a influência de variáveis sociais sob o fenômeno analisado, padronizamos a escolaridade e a idade dos falantes: todos tinham entre 11 e 12 anos de escolarização e possuíam entre 18 e 20 anos de idade, totalizando três homens e três mulheres.

O corpus é constituído por 56 itens lexicais que continham a estrutura-alvo, sendo consideradas duas, das três ocorrências das palavras com coda preenchida pela lateral, dentro e na fronteira de palavra morfológica. No total, excluindo os descartes, contabilizamos 587 ocorrências submetidas a uma inspeção acústica, de modo a identificarmos as variantes observadas. Para isso, utilizamos o programa Praat (Boersma; Weenink, 2020), por meio do qual, considerando as formas espectrais geradas, delimitamos as possíveis realizações fonéticas da lateral em coda no corpus analisado.

Na análise espectral, a presença de formantes foi um critério relevante para determinar a vocalização da lateral /l/ (Balduino; Vieira, 2020). As laterais, por corresponder a consoantes líquidas produzidas obrigatoriamente com a vibração das pregas vocais, possuem um aspecto físico semelhante às vogais. Por isso, distintamente de outras consoantes, as laterais têm uma nítida estrutura de formantes que, entretanto, é menos intensa em relação aos formantes vocálicos, mudando, abruptamente, de intensidade no início das vogais coarticuladas (Ladefoged; Johnson 2011, p. 203).

Em variedades de PB, como a florianopolitana, por exemplo, são encontradas diferenças gradientes na produção do segmento /l/ velarizado em posição de coda, além de ocorrências de vocalização [w] ou velarização [ɭ]. Conforme Brod (2014), o estabelecimento de [l] ou [ɭ], em coda, pode ser feito a partir dos valores de F1 e F2, dado que, caso a consoante seja produzida em uma região linguo-velar, F1 tenderá a ser alto e mais próximo a F2, ao passo que, se a consoante for realizada em uma região linguo-alveolar, F1 será menor (Brod, 2014, p. 32). Por fim, a coda lateral, ao ser realizada como um segmento vocalizado [w], demarcada por uma articulação dorso-velar, apresenta estrutura formântica intensa, a exemplo das vogais, além de possuir valores mais baixos para os três primeiros formantes e menor duração do segmento vocalizado em relação às realizações de sons laterais (Brod, 2014, p. 119). Ademais, durante a análise acústica dos dados do PP, as produções vocalizadas [w] compunham um ditongo decrescente sempre fechado pelo offglide [w], sendo sempre evidenciada a transição de formantes entre as vogais nucleicas e o offglide.

Após os exames espectrais que identificaram os casos de vocalização, realizamos a análise quantitativa mediante uma modelagem estatística de regressão logística mista. O software utilizado para realizar os cálculos foi o Rbrul. No modelo estatístico, analisamos a vocalização da lateral em coda como uma variável binária – sendo suas variantes a lateral vocalizada e a lateral não vocalizada –, considerando as seguintes variáveis previsoras fixas: Tonicidade da sílaba (átona e tônica), Posição do segmento na palavra morfológica (final e medial), e Contexto fonológico precedente ([a, ε, ɔ, i, e, o, u]). Todas as palavras do corpus pertencem a uma mesma classe gramatical (nomes), portanto, a classe morfológica não é uma variável a ser testada. Um modelo de regressão misto calcula o valor do efeito de cada fator de uma variável previsora fixa considerando o efeito das variáveis aleatórias incluídas no modelo (Vieira no prelo). Nesse caso a variável aleatória incluída foi Item lexical. Os resultados estimados pelo modelo são apresentados em valores de probabilidade (numa escala de 0 a 1) e utilizamos a nomenclatura empregada em estudos sociolinguísticos para nomeá-los: peso relativo (P.R.) (Vieira no prelo).

ANÁLISE DOS DADOS

A vocalização em PP corresponde a um processo de caráter variável, podendo ser implementada ou não na fala de um mesmo falante (Balduino; Vieira, 2020). Esse fator confere uma característica interessante ao fenômeno no PP, uma vez que o distingue do PB, variedade cuja variação [w] ~ [ɥ] é estabelecida, sobretudo, devido a fatores diacrônicos e diatópicos (Quednau, 1993; Brod, 2014; Battisti; Moras, 2016). Devido à sua implementação variável, a análise de variáveis linguísticas pode nos conceder pistas acerca de seu comportamento, assim como a distribuição das demais variantes observadas: [ɥ] e o apagamento.

A Tabela 1 mostra a distribuição dos dados apresentando a frequência absoluta (F.A.) e os percentuais (%) de velarização, vocalização e apagamento, em coda medial e final, encontrados em nosso corpus.

Variante	Coda Medial		Coda Final		Totais	
	F. A.	%	F. A.	%	F. A.	%
Velarização	96/232	41,4%	136/232	58,6%	232/587	39,5%
Vocalização	57/110	51,8%	53/110	48,1%	110/587	18,7%
Apagamento	138/245	56,3%	107/245	43,7%	245/587	41,7%
Totais	291/587	49,6%	296/587	50,4%	587/587	100%

Tabela 1: Distribuição das variantes da lateral em coda medial e final no PP

Os resultados da Tabela 1 indicam que, além de vocalizada, a lateral em coda também pode ser apagada. Esse fato corrobora trabalhos como o de Balduino et al. (2020) que, a partir de um corpus de fala espontânea, verificam que o apagamento em coda é um processo recorrente às codas /r, l, S/ no PP. Ademais, comparando o percentual de apagamento (41,7%) e vocalização (18,7%) de /l/ é possível verificar que o primeiro é ainda mais recorrente que o segundo. Considerando que, em *lung'le*, língua em contato com o PP, não há /l/ em coda (Agostinho, 2015), é possível que a vocalização, enquanto processo de lenição consonantal, e a alta ocorrência de apagamentos da lateral sejam reflexos do contato entre o português e o *lung'le* que enfraquecem uma sílaba CVC em direção a um template CVV/CV. Desse modo, além de avaliar a vocalização, foco deste capítulo, apontaremos alguns aspectos do apagamento como um fator importante para compreendermos o papel do contato na realização ou não realização da coda /l/ no PP.

Dedicamos a seção 4.1 à apresentação dos resultados estatísticos obtidos a partir de uma regressão logística, discutindo quais variáveis linguísticas foram relevantes para explicar a vocalização de /l/. Isso feito, na seção 4.2, abordamos o processo tendo em vista o debate entre deriva e contato linguístico – questão que, embora muitas vezes polarizada, não será tratada neste trabalho a partir de uma perspectiva dicotômica. Tendo por hipótese que tanto a deriva quanto o contato são fatores potenciais para explicar a vocalização: (i) discutimos a possibilidade de a vocalização corresponder a uma característica inerente à gramática da língua portuguesa, sendo observada também em outras variedades do português e, mesmo, em outras línguas românicas; e (ii) abordamos o fenômeno, também, a partir do cenário plurilíngue de contato linguístico no qual o PP está inserido, considerando também o apagamento e defendendo que o contato é um aspecto que não deve ser excluído.

VOCALIZAÇÃO DA LATERAL EM CODA: CONSIDERAÇÕES ESTATÍSTICAS

Com base no corpus de 587 ocorrências de dados elicitados, verificamos a vocalização da lateral em 18,7% (110/587) dos dados. Das três variáveis previsoras fixas controladas: Posição do segmento na palavra morfológica

(final e medial), Tonicidade da sílaba (átona e tônica) e Contexto fonológico precedente ([a, ε, ɔ, i, e, o, u]) foram selecionadas como sendo significativas para a vocalização as duas últimas (cf. Tabela 2).

Variável	Fatores	Apl./N	% l-w	P.R.
Contexto precedente	[a]	84/216	38,9	.99
	[ε]	13/36	36,1	.99
	[i]	8/70	11,4	.99
	[o]	2/54	3,7	.98
	[ɔ]	3/82	3,6	.97
	[e]	0/36	0	.00
	[u]	0/93	0	.00
		110/587		Range .98
Tonicidade	Tônica	83/355	23,4	.63
	Átona	27/232	11,6	.37
		110/587		Range .24
<i>Input: .001</i>				<i>p < 0,0001</i>

Tabela 2: Variáveis atuantes na vocalização da lateral em coda no PP

De acordo com a Tabela 2, com exceção dos contextos precedentes [e] e [u] que bloqueiam de forma categórica a vocalização nos dados elicitados, as demais vogais favorecem o fenômeno, com pesos relativos que variam entre .97 e .99, sendo que os maiores índices de vocalização ocorrem após as vogais [a] e [ε]. O descompasso entre o input .001 e a taxa geral de aplicação da vocalização (18,7%) pode ser explicado pela distribuição dos dados através dos fatores dessa variável, visto que, dois contextos bloqueiam, categoricamente, a ocorrência da vocalização. Quanto à variável tonicidade, verificamos que o maior índice de vocalização da lateral ocorre nas sílabas tônicas (23,4%; P.R.: .63), enquanto o menor ocorre nas átonas (11,6%; P.R.: .37).

A despeito das variáveis linguísticas que favorecem ou não a vocalização no PP, notamos que ocorrências de [w] são observadas em diversos contextos – com exceção das vogais [e] e [u], cuja vocalização não foi atestada em nenhum dos dados investigados. Esse resultado estaria de acordo com a análise da vocalização no Português Santomense (PST) proposto por Balduino e Vieira (2020: 605-606). As autoras, ao analisar

dados de fala espontânea, indicam que a produção de [w] pode ser favorecida por vogais [dorsal]. Conforme o estudo em questão, 132 ocorrências de [w] foram atestadas diante de vogais [dorsal] como [a, ɔ, o], totalizando 92.9% (132/142) dos dados. De outro modo, apenas 7% (10/142) das ocorrências de [w] foram contabilizadas na sequência de vogais anteriores [ɛ, e, i] (Balduino; Vieira, 2020, p. 606). A não ocorrência da vocalização diante de [u] em conjunto com a alta proporção de apagamentos da lateral em coda diante deste mesmo contexto segmental, podem indicar a ação do Princípio do Contorno Obrigatório (OCP) (McCarthy 1986) no PP: tanto a vogal [u] quanto o glide [w] compartilham os traços [dorsal] e [+alto] e, de modo a evitar a adjacência de traços idênticos, o apagamento seria preferido nesses casos.

A vocalização de /l/, é, em suma, um processo recorrente no PP, podendo ser explanada pelo enfraquecimento de traços consonantais (Quednau, 1993). Para a vocalização, os traços [coronal] e [+lateral], responsáveis por conferirem ao segmento a característica de consoante, são desligados, restando, portanto, apenas a associação ao nó vocálico, o qual é preenchido pelos mesmos traços que a lateral velar: [dorsal, +posterior] e [+alto]. Logo, [w], distintamente de [ɬ], não apresenta uma articulação secundária e pode ser representado por traços vocálicos, demarcando, então, o processo de vocalização em que [w] resulta de um item consonantal, mas, ao mesmo tempo, passa a ter características silábicas (Quednau, 1993; Mateus e D'Andrade, 2000). Já o apagamento, fenômeno também constatado no corpus, o segmento é desassociado da coda por completo.

Alterações articulatórias e perceptuais associadas ao enfraquecimento consonantal são recorrentes no PP, especialmente na coda – mas não de modo exclusivo a esse constituinte. Para autores como Selkirk (1982) e Goldsmith (1990), isso ocorre porque a coda é um licenciador secundário e, conseqüentemente, licencia menos contrastes do que o onset, constituinte licenciado logo após o estabelecimento do núcleo durante a silabificação dos segmentos. Assim, além da vocalização de /l/ em coda, motivada por restrições prosódicas, o PP apresenta processos como lenição do rótico em coda, além de apagamentos frequentes dos segmentos licenciados em coda que apontam em direção a um enfraquecimento silábico gerando outputs como CVC >> CVG; CVC >> CV. Embora a análise conjunta desses fenômenos cujo domínio é a coda possa revelar aspectos fonológicos

relevantes dessa variedade que dialogam com o contato linguístico, nos ateremos, na seção 4.2 a seguir, à vocalização de /l/.

VOCALIZAÇÃO DA LATERAL EM CODA: O CONTATO LINGUÍSTICO

A vocalização, como discutido na seção 4.1, é um processo fonológico responsável por modificar uma consoante em uma semivogal ou vogal, ou seja, devido a algum fator linguístico, uma determinada consoante perde seu traço consonântico e adquire características articulatorias e acústicas vocálicas. Esse fenômeno é frequente em diversas línguas e pode ser constatado em processos sincrônicos, diacrônicos e na aquisição de língua materna ou mesmo de segunda língua. De fato, a vocalização é observada como fenômeno diacrônico tanto na especiação do português (Viaro, 2011), quanto do lung'Ie (Bandeira, 2007).

Sendo a vocalização um fenômeno diacrônico presente na formação da língua portuguesa, além de identificado em outras variedades de português, como o PB, é possível hipotetizarmos, a princípio, que a vocalização da lateral constitui uma marca gramatical específica a tal língua, não havendo, por isso, nenhuma propriedade inovadora devida à ação do contato linguístico do PP com o lung'Ie. Isto é, a vocalização da lateral, em diferentes variedades da língua portuguesa, seria um fenômeno recorrente justamente por corresponder a uma possibilidade da própria gramática do português (Naro; Scherre, 2007).

Todavia, notamos, ainda, que a vocalização é um fenômeno diacrônico presente, também, na especiação do lung'Ie, língua cujos contatos pretéritos e sincrônicos com o PP são atestados. Além do mais, conforme Agostinho (2015, p. 55), a sílaba fonológica do lung'Ie pode ser preenchida por um único elemento que pode ser /N, G, S/, em que G corresponde a um glide /j, w/, porém não é verificado /l/. De acordo com a autora, as codas [ɫ, r], como em (3) e (4), são resultados de processos fonológicos como síncope (Agostinho, 2015, p. 93), ou de empréstimos recentes como [a' tura] 'altura' pela influência da fala portuguesa (Agostinho 2015, p. 39) – mostrando que não somente o lung'Ie pode exercer influência no PP pelo contato, mas o contrário também é possível. Conforme demonstra Agostinho (2015, p. 93, adaptado), mesmo nesses casos, há variação entre [ɫ] ~ [w] como indicado em (3) e (4).

(3) /malimeNte/ [maliméte] ~ [maɫméte] ~ [mawméte] 'tudo bem'

(4) /saliva/ [saliva] ~ [sałva] ~ [sawva] ‘salvar’

Observamos, por um lado, que a vocalização é um processo recorrente no português, sendo historicamente atestado em sua formação, ao mesmo tempo em que é observado em diferentes variedades sincrônicas da língua como o PB, PST e o PP. Essas, a despeito de estarem inseridas em ecologias singulares, se desenvolveram em ambiente multilíngue. Por outro lado, a vocalização também é recorrente na especificação do lung’Ie (Bandeira, 2017), além das formas [ɫ] ~ [w] serem realizações fonéticas de uma coda [w] ou de um [l] reestruturado à coda em decorrência de síncope. Assim, não é possível excluirmos o fato de que o PP emergiu em situação de contato com uma língua cuja vocalização faz parte de sua constituição fonológica, cuja coda comporta /w/, apresentando [ɫ] ~ [w] como realizações fonéticas sincrônicas possíveis nesse constituinte. Esse contato, ademais, foi estabelecido em diversos níveis, posto que o lung’Ie não somente convive com o português, como também foi, por muito tempo, a língua materna dos falantes que adquiriram o português como L2 e o transmitiram como L1 para as novas gerações.

Somando-se a isso, Agostinho (2016, p. 77) demonstra que, sincronicamente no lung’Ie, 68,2% das sílabas em um corpus de aproximadamente 4.000 palavras não possui coda. Nesse corpus, a coda nasal corresponde a 25,1% dos dados, a coda preenchida por glide /w,j/ a 3,7% e a preenchida por fricativa a 2,9%, corroborando o fato de que o lung’Ie desfavorece coda preenchida. Apesar de variedades do português como o PB apresentarem ainda uma forma sincrônica [w] para a realização de /l/ em coda, a língua portuguesa, distintamente do lung’Ie, não evitou codas líquidas em sua especificação, ao contrário: há mudanças que ocorreram, justamente, nessa direção. Somando-se a isso, mesmo variedades como o PB possuindo apagamentos sincrônicos de coda, a /l/ não é um alvo muito frequente, sendo mais recorrente, nesse caso, a vocalização. Em geral, o maior índice de apagamento de /l/ ocorre na região nordeste e não ultrapassou 13%, no estudo de Pinho e Margotti (2010). Já nos dados do PP analisados, esse percentual foi de 41,7%, número consideravelmente maior em relação ao PB.

O recorrente apagamento de /l/ verificado em nosso corpus pode, assim, ser mais um argumento de que o contato com o lung’Ie, língua que não somente evitou /l/ em sua especificação mediante apagamentos e epênteses, mas também não possui /l/, sincronicamente, como coda, esteja atuando como

catalisador do apagamento e da vocalização enquanto processo de lenição que também evita /l/. Naturalmente, para avaliarmos se há, no PP, uma gradiência de [w] em direção ao apagamento, ou mesmo uma mudança em curso, é preciso avaliarmos um corpus mais heterogêneo, considerando dados de falantes nascidos antes de 1975, estudo que já está sendo desenvolvido por Balduino et al. (2021).

A deriva e o contato, no caso da vocalização da lateral, parecem, à primeira vista, estar então conectados (Souza, 2020), dado que o PP, enquanto língua portuguesa, apresenta a vocalização como possibilidade gramatical, e, ademais, está inserido em uma conjuntura de contato com o lung'le. Esta língua, por sua vez, não só é demarcada por processos diacrônicos e sincrônicos de vocalização, evitou /l/ em sua especiação a partir de apagamentos e epênteses, como também tem como coda fonológica /w/, fato que em conjunto com a própria possibilidade estrutural do português, pode reforçar uma tendência à vocalização – reportada, por alguns estudos, como fenômeno natural que privilegia uma forma universal menos marcada (Johnson e Britain, 2007). É preciso, no entanto, que tal discussão seja aprofundada e testada diante de mais dados (Balduino et al. 2021).

CONCLUSÃO

A lateral /l/, em coda, pode ser vocalizada no PP – fenômeno influenciado pelas variáveis previsoras fonológicas: Tonicidade da sílaba e Contexto fonético precedente. Sílabas tônicas favorecem o fenômeno (P.R. .63) assim como os contextos precedente: [a] (P.R. .99), [i] (P.R. .99), [ɛ] (P.R. 99) e [ɔ] (P.R. .97). A vocalização não foi verificada, em nenhum dado, quando a vogal que precedia a lateral em coda era [e] ou [u], indicando que essas vogais bloqueiam a ocorrência do fenômeno. Discutida a vocalização como fenômeno sincrônico do PP, examinamos o processo revistando o debate entre deriva e contato linguístico (Avelar e Galves, 2014; Souza, 2020). Dessa forma, discutimos a vocalização enquanto processo histórico presente na constituição do português e do lung'le, além de examinar os segmentos licenciados na coda sincrônica do lung'le, língua em contato e partícipe da formação do PP.

Baseados na discussão tecida a partir de fatores linguísticos e históricos, analisamos a vocalização no PP como um fenômeno que pode ser avaliado em consonância com uma confluência de fatores, os quais incluem aspectos característicos à própria estrutura formativa gramatical do português, bem

como o cenário de contato linguístico no qual o PP está inserido, uma vez que, a lenição de consoantes em semivogais é um fenômeno, também, reportado em lung'Ie (Agostinho, 2015). Dado que tanto o português quanto o lung'Ie suportariam esse fenômeno em sua gramática, identificamos a sobreposição de tais traços como um fator relevante para [l] ~ [w] no PP. Constatamos, por fim, que além de traços próprios à estrutura gramatical do português, o contato é um fator relevante para a implementação da vocalização no PP e, por isso, deve ser considerado.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, A. L. (2015). Fonologia e Método Pedagógico do lung'Ie. **Tese de Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo. 446 pp.
- AGOSTINHO, A. L. (2016). **Fonologia do lung'Ie**. Lincom. München.
- AGOSTINHO, A. L. (2016b). Róticos intervocálicos no Português da Ilha do Príncipe: fonologia e educação. In: Naves, R. R.; Andrade, C. Q.; Pacheco, C. S. (ed.). **Caderno de resumos IX Encontro da Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares (ABECS)**, Universidade de Brasília, 28 de novembro - 01 de dezembro de 2016. pp. 48-49.
- AGOSTINHO, A. L.; MENDES, M. (2020). A grafia dos róticos intervocálicos no português da Ilha do Príncipe: fusão fonológica e ensino. **Veredas - Revista de Estudos Linguísticos**. 24(3). Consultado a 25.10.2020, em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/31830>.
- AGOSTINHO, A. L. (2020). Merging of quasi-phonemes in contact situations: Evidence from rhotics in Principense Portuguese. In: **Annual Meeting on Phonology: 2020**, California, University of California Santa Cruz.
- ARAUJO, G. A.; Agostinho, A. L. (2010). Padronização das línguas nacionais de São Tomé e Príncipe. **Língua e Instrumentos Linguísticos**. 26: 49-81. Consultado a 02.12.2020, em http://www.revistalinguas.com/edicao26/artigo_3.pdf.
- ARAUJO, G. A.; BALDUINO, A. M. (2019). Nasalização Vocálica no Português Urbano de São Tomé e Príncipe. **Diacrítica**. 33(2): 41-68. Consultado a 21.11.2020, em <https://doi.org/10.21814/diacritica.256>.

- ARAÚJO, G. A. (2020). Há uma política linguística para o português em São Tomé e Príncipe? In S. Souza e F. C. Olmo (ed.), **Línguas em português** - A Lusofonia numa visão Crítica. Universidade do Porto Press, Porto.
- AVELAR, J.; GALVES, C. (2014). O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro. **Linguística: Revista da Associação de Linguística e Filologia da América Latina-ALFAL**. 30(2): 241-288.
- BALDUINO, A. M. (2018). A nasalidade vocálica no português falado em São Tomé e Príncipe. **Dissertação de Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo. 296 pp.
- BALDUINO, A. M. (2020). Nasality Triggered by /ɲ/ in two Portuguese of São Tomé and Príncipe. **Diadorim**. 22(3): 23-45. Consultado a 20.11.2020, em <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/36244/21425>.
- BALDUINO, A. M.; VIEIRA, N. M. T. (2020). Distribuição da lateral /l/ em coda no português santomense. **Revista Estudos Linguísticos**. 49(2): 594-615. Consultado a 16.12.2020, em <https://doi.org/10.21165/el.v49i2.2490>.
- BALDUINO, A. M., VIEIRA, N. M. T.; FREITAS, S. (2020). A coda no Português Santomense (PST) e Principense (PP): aspectos gerais e processos de apagamento. **Revista da Associação Brasileira de Linguística-Abralin**. 19(1): 1-26. Consultado a 10.10.2020, em <https://doi.org/10.25189/rabralin.v19i1.1690>.
- BALDUINO, A. M.; VIEIRA, N. M. T.; AGOSTINHO, A. L. (2021). Linguistic Contact in **Perspective**: Lateral Coda in Principense Portuguese. Manuscrito.
- BANDEIRA, M. (2017). Reconstrução fonológica e lexical do protocioulo do Golfo da Guiné. **Tese de Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo. 439 pp.
- BATTISTI, E.; MORAS, V. T. (2016). **A vocalização da consoante lateral em coda silábica em uma variedade de português brasileiro**: análise sociolinguística em tempo real. Gragoatá. 40: 90-112.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. (2020). **Praat**: doing phonetics by computer (Version 5.3.82) Computer Program. Consultado a 15.09.2020, em <http://www.praat.org>.

- BOUCHARD, M. (2017). Linguistic variation and change in the Portuguese of São Tomé. **Doctoral dissertation in Philosophy**. Department of Linguistics - New York University, Nova York. 389 pp.
- BRAGA, G. (2018). A prosódia do português de São Tomé: a entoação do contorno neutro. **Dissertação de Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo. 191 pp.
- BRANDÃO, S. F., et al. (2017). Róticos na variedade urbana do Português de São Tomé. **Papia - Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**. 27(2): 293-315. Consultado a 10.11.2020, em <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/2762/pdf>.
- BROD, L. E. M. (2014). A lateral nos falares florianopolitano (PB) e portuense (PE): casos de gradiência fônica. **Tese de Doutorado em Linguística**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 200 pp.
- CHRISTOFOLETTI, A. (2013). Ditongos no português de São Tomé e Príncipe. **Dissertação de Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo. 109 pp.
- FARACO, C. (2012). Lusofonia: utopia ou quimera? Língua, história e política. In T. Lobo, Z. Carneiro, J. Soledade, A. Almeida e S. Ribeiro (ed.), **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. EDUFBA. Salvador.
- GOLDSMITH, J. (1990). Syllable Structure. In J. Goldsmith (ed.), **Autosegmental and metrical phonology**. Wiley-Blackwell Publishing. Nova Jersey.
- GONÇALVES, R. (2010). Propriedade de Subcategorização verbal no português de São Tomé. **Dissertação de Mestrado em Linguística**. Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa, Lisboa. 151pp.
- GONÇALVES, R.; HAGEMELJER, T. (2015). **O português num contexto multilíngue: o caso de São Tomé e Príncipe**. Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane. 1(1): 84-103. Instituto Nacional de Estatística (INE): São Tomé e Príncipe em Números. São Tomé: 2001. Consultado a 25.08.2020, em <http://http://www.ine.st/2012.html>.
- JOHNSON, W.; BRITAIN, J. (2007). **L-vocalisation as a natural phenomenon: explorations in sociophonology**. Language Sciences. 29(2): 294-315.

- LADEFOGED, P.; JOHNSON, K. (2011). **A Course in Phonetics**. Wadsworth. CENGAGE Learning. Boston.
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A. (2009). A transmissão linguística irregular. In D. Lucchesi, A. Baxter e I. Ribeiro (eds.), **O Português Afro-Brasileiro**. EDUFBA. Salvador.
- MATEUS, M. H.; D'ANDRADE, E. (2000). **The Phonology of Portuguese**. Oxford linguistics. Oxford.
- MCCARTHY, J. (1986). **OCP effects**: Gemination and Antigemination. *Linguistic Inquiry*. 17(1): 207-63.
- NARO, A. J.; Scherre, M. P. (2007). **Origens do português brasileiro**. Parábola. São Paulo.
- PINHO, A. J.; MARGOTTI, F. W. (2010). A variação da lateral pós-vocálica /l/ no português do Brasil. **Working Papers em Linguística**. 2: 67-88.
- QUEDNAU, L. R. (1993). A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não linear. **Dissertação de Mestrado em Letras**. Instituto de Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 110 pp.
- SANTIAGO, A. M. (2019). As vogais do português do Príncipe. **Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Letras**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 68 pp.
- SANTIAGO, A. M.; AGOSTINHO, A. L. (2020). **Situação linguística do português em São Tomé e Príncipe**. *A cor das Letras*. 21(1): 39-61.
- SANTIAGO, A. M., et al. (no prelo). As Vogais no Português do Príncipe. In T. Hagemeyer, M. Oliveira e F. C. Santos (ed.), **Novas dinâmicas do português: a África Atlântica e o Brasil**. Manuscrito.
- SEIBERT, G. (2015). Colonialismo em São Tomé e Príncipe: hierarquização, classificação e segregação da vida social. **Anuário Antropológico**. Consultado a 14.09.2020, em <http://journals.openedition.org/aa/1411>.
- SELKIRK, E. (1982). The syllable. In H. Hulst e N. Smith (ed.), **The Structure of Phonological Representations**. Foris. Dordrecht.
- SOUZA, J. L. (2020). O debate deriva/contato na história do Português Brasileiro. **Alfa: Revista de Linguística**. 64: 1-24. Consultado a 11.09.2020, em <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e11584>.
- VIARO, M. (2011). **ETIMOLOGIA**. Contexto. São Paulo.

VIEIRA, N. M. T. (No prelo). Monotongação de ditongos orais no português brasileiro: Uma revisão sistemática da literatura. **Dissertação de Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo.

ANÁLISE DA LETRA E DA MÚSICA DE CANTIGAS DE SANTA MARIA: EM BUSCA DE PISTAS DOS LIMITES DO SINTAGMA ENTOACIONAL NO PORTUGUÊS MEDIEVAL

Gladis Massini-Cagliari

<https://orcid.org/0000-0002-4050-7645>

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa que objetiva verificar em que medida uma análise em paralelo do texto poético e da notação musical de cantigas medievais trovadorescas – mais especificamente, as *Cantigas de Santa Maria* (Afonso X, 1221-1284, Bertolucci Pizzorusso, 1993) - pode se constituir em um instrumento auxiliar para a análise linguística da prosódia de períodos passados da língua, dos quais não sobreviveram registros orais. O pressuposto de que se parte é o de que a consideração da música das cantigas, combinada com a relação que tem com a “letra” (texto poético) que a acompanha, ajuda a elucidar questões de agrupamentos prosódicos em termos de constituintes superiores, principalmente com relação aos fenômenos rítmicos (Massini-Cagliari, 2010, 2011; Costa, 2010).

Como *corpus*, este estudo considera as primeiras 25 *Cantigas de Santa Maria* (CSM), uma coleção de 420 cantares, descontadas as repetidas (Mettmann, 1986, p. 7 e 24; Parkinson, 1998, p. 179), atribuídas a Afonso X, correspondendo ao cancionero religioso de louvor à Virgem Maria mais rico da Idade Média.

Particularmente, o presente estudo analisa o comportamento dos fraseamentos linguístico e musical nos momentos das pausas ditadas pelo ritmo poético, cesura e final de verso, em busca de pistas para a constituição dos constituintes (linguísticos) prosódicos superiores, sobretudo do sintagma entoacional (I), suporte da entoação. Com o intuito de verificar se a ocorrência de pausas e cesuras e a organização em versos podem indicar limite de agrupamentos musicais que corresponderiam a agrupamentos em termos de constituintes prosódicos, consideram-se os seguintes parâmetros de análise: a duração da(s) nota(s) musical(is) que corresponde(m) à sílaba proeminente de I; ocorrência ou não da sílaba proeminente de I em posição de proeminência rítmica musical; movimentos melódicos envolvendo a(s)

nota(s) musical(is) que corresponde(m) à sílaba proeminente de I (ocorrência de ornamentos, sustentação da nota, etc.).

Neste sentido, esta análise avança em relação a estudos realizados anteriormente (Massini-Cagliari, 2019, 2021), que consideram a relação entre a letra e a música das cantigas medievais religiosas, em busca de pistas dos constituintes prosódicos superiores. Em Massini-Cagliari (2019), a partir da análise da linha melódica dos enunciados, procurou-se verificar se havia alguma relação entre o direcionamento da linha (ascendente, descendente) e a diferença entre afirmação e interrogação, a partir da análise de três *Cantigas de Santa Maria*, cujas letras contêm tanto frases afirmativas quanto interrogativas. O trabalho apontou que a mesma melodia pode servir para o canto de frases interrogativas e afirmativas, indicando que parece não haver correlação entre o movimento melódico da música e o do enunciado linguístico. Já em Massini-Cagliari (2021), foram analisados apenas os parâmetros da duração da(s) nota(s) musical(is) que corresponde(m) à sílaba proeminente de I e da ocorrência ou não da sílaba proeminente de I em posição de proeminência rítmica musical, considerando somente as primeiras dez *Cantigas de Santa Maria*. O estudo publicado em 2021 revelou que a análise da duração da(s) nota(s) musical(is) que coincide(m) com a sílaba que carrega a proeminência da frase entoacional (I) revelou que, na maioria dos casos, a sílaba que carrega a proeminência da frase entoacional (I) tem duração maior do que a das sílabas circundantes, o que pode evidenciar uma tendência à marcação da proeminência de I a partir da duração mais longa da sílaba proeminente. Relacionando a duração da(s) nota(s) musical(is) que coincide(m) com a sílaba que carrega a proeminência da frase entoacional (I) com a posição da proeminência rítmica musical, verificou-se também que, na maioria expressiva dos casos, a sílaba proeminente de I ocorre na posição de proeminência rítmica musical, o que pode indicar uma preferência pela cumulação de fatores rítmicos na marcação da saliência de I. O intuito na análise agora apresentada é, pois, avançar no estudo do domínio melódico, no que diz respeito à relação entre letra e música.

SOBRE O CORPUS: AS CANTIGAS DE SANTA MARIA 1 A 25

O objeto de análise deste estudo são as *Cantigas de Santa Maria* (CSM) atribuídas ao Rei Sábio Afonso X de Castela e numeradas por Mettmann (1986) de 1 a 25, ou seja, o primeiro quarto da primeira centena, o que corresponde a aproximadamente 6% do total de 420 cantares de louvor mariano que sobreviveram em quatro manuscritos diferentes (Mettmann, 1986, p. 7 e 24; Parkinson, 1998, p. 179).

A época da confecção dos quatro manuscritos em que as cantigas religiosas remanesceram não coincide exatamente, embora sejam todos datados do final do século XIII. Cada um dos códices em que as cantigas religiosas a Santa Maria sobreviveram é conhecido por um nome e uma abreviatura que representa a Biblioteca originalmente sua depositária. O mais antigo é o códice de Toledo (To), que, atualmente, se encontra na Biblioteca Nacional de Madrid, registrado como MS 10.069. Dois códices encontram-se no Real Monasterio de San Lorenzo em Escorial: o *códice rico* ou *códice das histórias* (T), registro MS T.I.1, e o *códice dos músicos* (E): MS B.I.2. O último códice, que corresponde ao segundo volume de T, está depositado em Florença (F), Itália, na Biblioteca Nazionale Centrale de Firenze, sob o código Banco Rari, 20 (Parkinson, 1998, p. 180).

Fidalgo (2002, p. 204-205) chama atenção para o fato de que a notação musical da época não tinha a pretensão de reproduzir todos os parâmetros musicais da mesma maneira como a notação musical atual. Por este motivo, a maior parte das *performances* atuais² das CSM se baseia na edição de

² Para a realização desta pesquisa, tivemos acesso às seguintes gravações: *Alfonso X “El Sabio”*, *Cantigas de Santa Maria*. Ensemble Unicorn, Vienna. HNH International Ltd., 1995; *The Black Madonna*. Pilgrim Songs from the Monastery of Montserrat (1400-1420). Ensemble Unicorn, Vienna. HNH International Ltd., 1996; *Miracles. Thirteenth-century Spanish Songs in Praise of the Virgin Mary*. The Duffay Collective with Vivieb Ellis (voice). Chandos Records, 1997; *Madre de Deus. Cantigas de Santa Maria*. Micrologus. Paris, Opus, 1998; Alfonso X El Sabio – *Cantigas de Santa Maria*. Camerata Mediterranea Joel Cohen with Abdelkrim Rais Andalusian Orchestra of Fès – Mohammed Briouel. Paris, Erato Disques S. A., 1999; *Cantigas from the Court of D. Dinis*. Devotional, satirical & courtly medieval love songs. Theatre of Voices. Paul Hillier (director). Harmonia Mundi, 1995; *Cantigas Martin Codax – Jaufre Rudel – Dom Dinis*. Theatre of Voices. Paul Hillier (voice). Harmonia Mundi, 1995, 2000, 2006; *Cânticos de amor e louvor*. Música antiga da UFF. Núcleo de Estudos Galegos da UFF, 1997; *Annua Gaudia. A música do caminho de Santiago*. Música antiga da UFF. Núcleo de Estudos Galegos da UFF, 1999; *Medievo-Nordeste. Cantigas e Romances*. Música antiga da UFF. Núcleo de Estudos Galegos da UFF, 2004; *The life of Mary*. Cantigas for the feasts of Holy Mary, Alfonso X “The Wise” 1221-1284. Eduardo Paniagua. Sony Music, 1995; *Cantigas de Flauta y tamboril (pipe & tabor)*. Alfonso X El Sabio 1221-1284. Eduardo Paniagua. Madrid, Pneuma, 2002; *Cantigas de Jerez*. Alfonso X El Sabio 1221-1284.

Anglés (1943), que buscava a representação exata da duração e do ritmo dos sons na notação das CSM. Por este motivo, esta foi a edição escolhida para a análise aqui desenvolvida, apesar de haver abordagens divergentes da de Anglés (especialmente Ferreira, 1986, p. 188, que considera que a interpretação rítmica das CSM deve se pautar na liberdade e na flexibilidade), por considerarmos que, apesar das críticas, a edição de Anglés é ainda a mais popular em termos de *performance* musical, podendo trazer interessantes dados para a discussão da relação texto-música das CSM. Rossell (2006) e Colantuono (2012) também divergem da interpretação de Anglés para a música das CSM.

Fidalgo (2002, p. 201) acredita que, em termos de execução, as estrofes fossem cantadas por solistas, ao passo que o refrão estaria a cargo de um grupo maior de pessoas. Ferreira (2005, p. 42) afirma que a participação de um instrumento na sua execução se deve provavelmente ao fato de serem as CSM majoritariamente narrativas.

Todas as CSM, em termos de autoria, tradicionalmente são atribuídas a Afonso X, que, indiscutivelmente, é o seu “autor”, no sentido de que é o chefe da empreitada, uma atividade essencialmente coletiva na composição, de acordo com Parkinson (2015, p. 11).

O cancioneiro religioso empreendido por Afonso X se organiza em torno do formato de rosário, sendo que as cantigas são agrupadas de dez em dez: as nove primeiras correspondem a cantigas “de milagre”, narrando fatos maravilhosos e fantásticos ocorridos por intercessão da Virgem, e a décima, “de louvor” (Mettmann, 1986, p. 13). Nas cantigas de milagre, o estribilho ou refrão se repete depois de cada estrofe, apresentando a ideia principal, ou a “lição” moral que se quer passar, enquanto que as cantigas não narrativas (louvores) constituem hinos em que Maria é celebrada como auxiliadora, medianeira e procuradora (Mettmann, 1986, p. 14-15). Todas as cantigas são precedidas de epígrafes resumitivas de seu conteúdo. No contexto deste trabalho, foram consideradas na análise duas cantigas de louvor (CSM10 e CSM20) e 23 cantigas de milagre.

Eduardo Paniagua. Madrid, Pneuma, 2003; *Cantigas de Sevilla*. Alfonso X El Sabio 1221-1284. Eduardo Paniagua. Madrid, Pneuma, 2003; *Llena de Gracia*. Cantigas de Alfonso X el Sabio sobre la concepción inmaculada de Santa María. Eduardo Paniagua. Madrid, Pneuma, 2004; *Lo mejor de las cantigas*. Pneuma, colección: Cantigas de Alfonso X El Sabio 1221-1284. Eduardo Paniagua. Madrid, Pneuma, 2004; Amares. *Anima*. São Paulo, Rimo, 2001.

Para exemplificar a estrutura das CSM, transcrevemos, em (1), o texto da CSM24, no seu texto completo, tal como editado por Mettmann (1986, p. 115-117).

- (1) ESTA É COMO SANTA MARIA FEZ NACER HÛA FROR NA BOCA AO CRERIGO, DEPOIS QUE FOI MORTO, E ERA EN SEMELLANÇA DE LILIO, PORQUE A LOAVA.

Madre de Deus, non pod' errar | quen en ti á fiança.

Non pod' errar nen falecer
quen loar te sab' e temer.

Dest' un miragre retraer
quero, que foi en França.

Madre de Deus, non pod' errar | quen en ti á fiança.

En Chartes ouv' un crerizon,

que era tafur e ladron,
mas na Virgen de coraçon
avia esperança.

Madre de Deus, non pod' errar | quen en ti á fiança.

Quand' algur ya mal fazer,
se via omagen seer
de Santa Maria, correr
ya là sen tardança.

Madre de Deus, non pod' errar | quen en ti á fiança.

E pois fazia oraçon,
ya comprir seu mal enton;
poren morreu sen confisson,
per sua malandança.

Madre de Deus, non pod' errar | quen en ti á fiança.

Porque tal morte foi morrer,
nono quiseron receber
no sagrad', e ouv' a jazer
fora, sen demorança.

Madre de Deus, non pod' errar | quen en ti á fiança.

Santa Maria en vison
se mostrou a pouca sazon
a un prest', e disse-ll' enton:

«Fezestes malestança,

Madre de Deus, non pod' errar | quen en ti á fiança.

Porque non quisestes coller
o meu crerigo, nen meter
no sagrad', e longe pões
o fostes por viltança.

Madre de Deus, non pod' errar | quen en ti á fiança.

Mas cras, asse Deus vos perdon,
ide por el con procisson,

con choros e con devoçon,
 ca foi grand' a errança.»
Madre de Deus, non pod' errar / quen en ti á fiança.
 O preste logo foi-ss' erger
 e mandou os sinos tanger,
 por ir o miragre veer
 da Virgen sen dultança.
Madre de Deus, non pod' errar / quen en ti á fiança.
 Os crerigos en mui bon son
 cantando «kyrieleyson»,
 viron jazer aquel baron,
 u fez Deus demostrança.
Madre de Deus, non pod' errar / quen en ti á fiança.
 Que, porque fora ben dizer
 de ssa Madre, fez-lle nacer
 fror na boca e parecer
 de liro semellançá.
Madre de Deus, non pod' errar / quen en ti á fiança.
 Esto teveron por gran don
 da Virgen, e mui con razon;
 e pois fezeron en sermon,
 levárono con dança.
Madre de Deus, non pod' errar / quen en ti á fiança.

A cantiga CSM24 sobreviveu em três dos quatro códices que registram as CSM. As Figuras 1, 2 e 3, respectivamente, trazem o registro dessa cantiga nos códices de Toledo (To17), Escorial rico (T24) e Escorial (E24). A partir dessas Figuras, pode-se observar o costume de os códices registrarem a melodia apenas para a primeira estrofe e para o refrão, não repetindo a melodia para as demais estrofes e, na maior parte das vezes, apenas abreviando o refrão, grafando apenas a sua primeira linha, nas repetições.



Figura 3. E24 (Cantiga CSM24).

Fonte: Códice dos músicos (Escorial), fólhos 30v-31r. (Reproduzido de Anglés, 1964, 48v-49r).

METODOLOGIA

A análise desenvolvida por esta pesquisa parte da edição de Anglés (1943), que faz a transposição da notação musical medieval utilizada nos códices para uma notação atualizada, que possa ser lida por usuários contemporâneos, inclusive visando a *performances*, para a análise das 25 cantigas consideradas. Dada a necessidade de conhecimentos técnicos especializados para a interpretação da notação musical medieval, que apenas musicólogos dedicados à pesquisa e à edição desses manuscritos têm, optamos por sustentar a análise em uma edição crítica da música das CSM.

Seguindo o costume dos códices em que as CSM sobreviveram, Anglés (1943) distribui apenas os versos do refrão e da primeira estrofe sob a

notação musical resultante da edição, tomando por base o “códice dos músicos”, ao qual acrescenta as variantes do “códice rico”. Mendes (2019, p. 17) mostra que as transcrições de Anglés refletem a crença do editor de que a notação utilizada pretende representar não apenas as melodias, mas também o ritmo que ele supunha para as cantigas da época.

Na Figura 4, transcrevemos a edição de Anglés (1943, p. 32) para a CSM24.

24

*Esta é como Santa Maria fez nacer hũa fror na boca ao crerigo depois que
foi morto, et era en semellança de lilio, porque a loava.*

N^o A^o b^o b^o a^o
α β γ γ α γ

To, 17, f. 27 e-d
Eg, 24, f. 36 a
Et, 24, f. 38 d

Ma - dre de Deus, non pod' er -
rar que[n] en to ti á fi - aa - pa.
Non pod' er - rar nen fa - lo - cer que[n] lo - ar
te sab', e te - mer. D'est' un ml - ra - gre
re - tra - er que - ro, que foi en Fran - ça.

Figura 4. CSM24: notação musical.

Fonte: Adaptado de Anglés (1943, p. 32).

Dado o costume medieval de distribuir apenas a primeira estrofe sob a notação musical, nesta pesquisa, optamos por considerar, na análise das 25 cantigas religiosas escolhidas, apenas o refrão e a primeira estrofe, uma vez que, para eles, a partir da observação dos fac-símiles e microfimes e da edição de Anglés, tem-se a certeza da relação entre letra e música. A este

respeito, Colantuono (2012, p. 56) chama atenção para o fato de que, porque a melodia da primeira estrofe se impõe aos demais versos, na música da CSM pode haver “percursos melódicos independentes do desenvolvimento do texto literário”.

Considerando a edição de Anglés (1943) como ponto de partida, a análise observa, primeiramente, a segmentação dos versos da primeira estrofe e do refrão de todas as cantigas consideradas em constituintes prosódicos (Nespor; Vogel, 1986; Vigário, 2001; Tenani, 2002, 2017; Bisol, 2005, 2017). Em (2), apresentamos os constituintes prosódicos, a partir da teoria de domínios de Nespor e Vogel (1986), na leitura de Tenani (2017, p. 110):

(2) Hierarquia prosódica

enunciado	U (do inglês, <i>utterance</i>)
sintagma entoacional	I (do inglês, <i>intonational phrase</i>)
sintagma fonológico	Φ
grupo clítico	C
palavra fonológica	w
pé	Σ
sílaba	σ

Para a efetivação da análise empreendida nesta pesquisa, a segmentação em constituintes prosódicos, tais como especificados em (2), é uma etapa anterior necessária à identificação dos sintagmas entoacionais (objeto deste estudo). A identificação de qual das sílabas de cada sintagma entoacional recebe a proeminência principal desse constituinte é o ponto de partida da análise da relação entre letra e música. Para tal, consideramos, como Verluyten (1982, p. 257), que propôs uma correspondência entre categorias métricas (isto é, poéticas) e categorias prosódicas (ou seja, linguísticas), que pode ser considerada, para os textos poéticos, uma equivalência entre enunciado prosódico e verso. No caso de versos longos, em que ocorre cesura, consideram-se, por verso, dois enunciados fonológicos.

Em (3), apresentamos a estruturação do refrão da CSM24, na edição de Mettmann (1986, p. 115), em constituintes prosódicos. A marcação da parentetização dos constituintes foi realizada em cores, para facilitar a visualização (palavra fonológica: preto; grupo clítico: azul; sintagma fonológico: verde; grupo entoacional: vermelho; enunciado fonológico: roxo).

(3)

[[[[[Madre]_ω]C [[de]_ω [Deus]_ω]C]_φ]_I, [[[[[non]_ω]C [[pod']_ω]C [[errar]_ω]C]_φ]_I |
[[[[[quen]_ω]C [[em]_ω [ti]_ω]C]_φ [[à]_ω]C [[fiança]_ω]C]_φ]_I]_U

Em (4), reproduzimos o mesmo exemplo, apenas focalizando os sintagmas entoacionais, com a indicação, em negrito, da sílaba proeminente desse constituinte:

(4)

[Madre de **Deus**]_I, [non pod' **errar**]_I | [quen em ti à **fiança**]_I

A partir da segmentação dos versos do refrão e da primeira estrofe das primeiras 25 CSM em sintagmas entoacionais e identificada a sílaba proeminente (em nível linguístico) de cada um dos Is, são analisados os seguintes parâmetros: a duração da(s) nota(s) musical(is) que corresponde(m) à sílaba proeminente de I; ocorrência ou não da sílaba proeminente de I em posição de proeminência rítmica musical; movimentos melódicos envolvendo a(s) nota(s) musical(is) que corresponde(m) à sílaba proeminente de I (ocorrência de ornamentos, sustentação da nota, etc.).

Do ponto de vista da duração, analisa-se a duração da sílaba que carrega a proeminência do sintagma entoacional em comparação com as sílabas de seu entorno, como mostra a figura 5. Quando a proeminência de I é precedida e seguida de outras sílabas, compara-se a duração da nota correspondente ou da soma das notas correspondentes à sílaba proeminente de I com a duração da nota ou das notas correspondentes a essas sílabas. Na Figura 5, a nota correspondente à sílaba *Deus*, proeminência linguística do primeiro sintagma entoacional do refrão da CSM24, é precedida de uma nota cuja duração equivale à metade da duração da nota relativa a *Deus*; por outro lado, a soma da duração das notas relativas à sílaba *non*, que a sucedem, é igual à da sílaba *Deus*. Por sua vez, a duração da soma das notas relativas à sílaba *an*, da palavra *fiança*, proeminência linguística do último sintagma entoacional do refrão citado, é maior do que a duração das notas relativas às sílabas *fi* e *ça*.

To, 17, f. 27 e-d
 E₂, 24, f. 36 a
 E₁, 24, f. 48 d

Mã - dre de Deus, non pod' er -
 rar que en ti á fi - an - ça.

Figura 5. CSM24: notação musical: linhas 1 e 2.

Fonte: Anglés (1943, p. 32).

Quando a proeminência linguística do sintagma entoacional ocupa o final do último enunciado fonológico da estrofe, a comparação é realizada apenas com a(s) nota(s) correspondente(s) à sílaba que precede essa proeminência. Exemplificando, na Figura 6, que retrata o último verso da primeira estrofe da CSM5, a nota relativa à proeminência do sintagma entoacional “a cuydou vencer”, a sílaba *cer* de *vencer*, corresponde uma nota cuja duração é equivalente à duração das notas correspondentes à sílaba *ven*.

e do de - mo que, por ten - tar, a cuy - dou ven - cer.

Figura 6. CSM5: notação musical: linha 8.

Fonte: Anglés (1943, p. 11).

Em relação à dimensão rítmica, observou-se o seguinte parâmetro: se a sílaba proeminente de I (no nível linguístico) ocupa a posição de proeminência musical rítmica. Considerou-se como proeminência musical a posição inicial do compasso, na edição de Anglés (1943). Na Figura 7, que traz as duas primeiras linhas da edição de Anglés (1943, p. 32) para a

CSM24, englobando o refrão da cantiga, pode-se observar que as proeminências dos três sintagmas entoacionais (conforme explicitado no exemplo 3) que compõem o refrão ocupam a posição inicial do compasso.

To, 17, f. 27 e-d
E₂, 24, f. 36 a
E₁, 24, f. 38 d

Ma - dre de Deus, non pod' er -
rar que en ti á fi - an - ça.

Figura 7. CSM24: notação musical: linhas 1 e 2.

Fonte: Anglés (1943, p. 32).

Já na Figura 8, que traz o primeiro verso da primeira estrofe da CSM5, que aparece na terceira linha da edição musical de Anglés (1934, p. 10), a proeminência linguística do primeiro dos três Is que compõem o verso não ocorre em posição inicial de compasso ([E d'esto vos quer'eu]_I [ora contar]_I [segund' a letra diz]_I); as outras duas, no entanto, ocupam essa posição.

E d'es-to vos quer' eu o - ra con - tar, segund' a le - tra diz,

Figura 8. CSM5: notação musical: linha 3. Linha sólida: ocorrência da proeminência de I em posição de proeminência rítmica musical; linha tracejada: ocorrência da proeminência de I fora da posição de proeminência rítmica musical.

Fonte: Anglés (1943, p. 10).

Com relação à melodia, partindo da dificuldade que tivemos anteriormente para estabelecer um parâmetro que fornecesse pistas seguras da divisão dos enunciados fonológicos em constituintes prosódicos (Massini-Cagliari, 2021) e do direcionamento da curva entoacional (Massini-Cagliari, 2019), decidimos, na presente pesquisa, investigar outros parâmetros melódicos, em busca de pistas, na notação musical, da constituência do sintagma entoacional e da posição de sua proeminência linguística. Em Massini-

Cagliari (2019), observamos o movimento ascendente ou descendente do contorno melódico musical atribuído aos enunciados fonológicos. Infelizmente, como pudemos comprovar naquela ocasião, apenas o movimento ascendente ou descendente da(s) nota(s) que coincide com a sílaba que carrega a proeminência de I em comparação com as notas do seu entorno não se mostrou suficiente como indício da constituição de I. Por este motivo, no presente estudo, o foco de investigação, no domínio melódico musical, recai sobre a(s) nota(s) musical(is) que corresponde(m) à sílaba proeminente de I, em comparação com o entorno imediato - ou seja, as notas que vêm antes e depois da(s) que corresponde(m) à proeminência de I. Foram exploradas três possibilidades:

- (a) a sílaba proeminente do sintagma entoacional (I) corresponde a mais de uma nota, ou pela ocorrência de ornamentos ou pela constituição da própria melodia;
- (b) a sílaba proeminente do sintagma entoacional (I) corresponde a apenas uma nota, que apresenta duração maior do que as do seu entorno;
- (c) a sílaba proeminente do sintagma entoacional (I) corresponde a apenas uma nota, que apresenta duração menor do que as do seu entorno.

Na Figura 9, que traz novamente a edição musical de Anglés (1943, p. 32) para o refrão da CSM 24, pode-se observar que as notas que correspondem à proeminência linguística do terceiro I ([quen em ti à fiança]_I) exemplificam o caso (a); já as notas que correspondem às sílabas proeminentes dos dois primeiros Is ([Madre de **Deus**]_I, [non pod' **errar**]_I) exemplificam o caso (b).

To, 17, f. 27 e-d
E₂, 24, f. 36 a
E₁, 24, f. 48 d

Ma - dre de **Deus**, non pod' er -
rar que en ti á fi - an - ça.

Figura 9. CSM24: notação musical: linhas 1 e 2.

Fonte: Anglés (1943, p. 32).

RESULTADOS

Seguindo os procedimentos metodológicos explicitados na seção anterior, comparamos a duração da(s) nota(s) musical(is) que coincide(m) com a sílaba que carrega a proeminência do sintagma entoacional (I), em todos os versos dos refrões e das primeiras estrofes das 25 primeiras CSM. Com base nesse levantamento, foi construída a Tabela 1, que traz os dados divididos pelas 25 cantigas³, mostrando que, em 75,8% dos casos, a duração da(s) nota(s) musical(is) que coincide(m) com a sílaba que carrega a proeminência da frase entoacional (I) é maior do que a das sílabas circundantes, o que talvez evidencie uma tendência à marcação da proeminência de I a partir da duração mais longa da sílaba proeminente. Em 22.3% dos casos, entretanto, a duração da(s) nota(s) que acompanha(m) essa sílaba é menor do que as notas relativas às sílabas do entorno; em apenas 1.9% dos casos a duração é igual à das notas do entorno.

Cantiga de Santa Maria	Duração maior	Duração igual	Duração menor	Subtotal
1	16	4	0	20
2	22	0	4	26
3	20	1	3	24
4	15	0	9	24
5	16	0	8	24
6	11	1	0	12
7	18	0	0	18
8	6	0	6	12
9	20	0	0	20
10	5	1	6	12
11	8	0	6	14
12	14	0	2	16
13	6	0	6	12
14	6	0	5	11
15	6	0	6	12
16	12	0	0	12
17	6	0	0	6
18	12	0	0	12
19	12	0	0	12
20	8	0	8	16
21	7	0	5	12

³ Os dados relativos às dez primeiras CSM, apresentados na Tabela 1, foram revistos em relação ao artigo publicado anteriormente (Massini-Cagliari, 2021, p. 15), uma vez que há diferenças em algumas quantidades, pelo fato de que, em alguns casos, pode haver alternativas diversas para a construção de I. Em alguns casos específicos, a consideração da estrutura prosódica foi revisada, o que ocasionou a consideração de outra sílaba como proeminência principal de I.

22	10	0	2	12
23	6	0	6	12
24	7	0	0	7
25	10	0	0	10
Subtotal	279 (75.8%)	7 (1.9%)	82 (22.3%)	368 (100%)

Tabela 1. Comparação da duração da sílaba em posição de proeminência de I com a duração das notas musicais correspondentes às sílabas circundantes (anterior e posterior, quando houver) à sílaba que carrega a proeminência de I. CSM1-CSM25: refrão e 1ª estrofe.

Como mostra a Tabela 1, a duração claramente é um fator importante que marca a(s) nota(s) musical(is) que corresponde(m) à sílaba proeminente de I. No entanto, há 22.3% de dados em que a proeminência de I recai sobre nota(s) cuja duração é menor do que as notas circundantes. Invariavelmente, nesses casos, como mostra a Figura 10, essa(s) nota(s), mesmo breves, em termos de duração, ocupam posição de proeminência rítmica, o que pode indicar a cumulação de parâmetros musicais na marcação das fronteiras e proeminências prosódicas, nos níveis musical e linguístico.

T0, 14, f. 24 *b-d*
E2, 13, f. 25 *a*
E1, 13, f. 41 *a-b*

As - si co - mo Je - su - cris - to es - tand' en a
cruz sal - vou un ta - dron, as - si sa Ma - ãre ou - tro de mor - te li -

Figura 10. CSM13: notação musical: linhas 1 e 2.

Fonte: Anglés (1943, p. 21).

A Tabela 2 traz os resultados obtidos com relação ao mapeamento da coincidência ou não entre a proeminência linguística de I e a proeminência rítmica; em outras palavras, essa Tabela mostra as ocorrências da sílaba proeminente de I em posição de proeminência rítmica musical, ou seja, no início do compasso, ou fora dessa posição.

Cantiga de Santa Maria	Posição de proeminência rítmica musical	Fora da posição de proeminência rítmica musical	Subtotal
1	18	2	20
2	18	8	26
3	17	7	24
4	20	4	24
5	16	8	24
6	12	0	12
7	18	0	18
8	12	0	12
9	20	0	20
10	9	3	12
11	14	0	14
12	14	2	16
13	12	0	12
14	11	0	11
15	12	0	12
16	11	1	12
17	6	0	6
18	12	0	12
19	12	0	12
20	16	0	16
21	11	1	12
22	12	0	12
23	12	0	12
24	7	0	7
25	10	0	10
Subtotal	332 (90.2%)	36 (9.8%)	368 (100%)

Tabela 2. Ocorrência da sílaba em posição de proeminência de I em posição de proeminência rítmica no nível musical. CSM1-CSM25: refrão e 1ª estrofe.

A Tabela 2 mostra que a ocorrência em posição de proeminência rítmica musical é o principal fator que marca a(s) nota(s) musical(is) que corresponde(m) à sílaba proeminente de I. De fato, a coincidência entre proeminência de I e proeminência rítmica musical acontece em 90.2% dos casos. Só em 9.8% dos casos a sílaba proeminente de I não cai na posição de proeminência rítmica musical. Na cantiga em que esse fenômeno é mais frequente, segundo o levantamento realizado, a CSM5, pode-se observar que a não coincidência entre proeminências linguística e musical acontece no primeiro I dos três que compõem o verso (Figura abaixo, refrão). Na Figura 11, em que está transcrito o refrão da CSM5, que ocupa as duas primeiras linhas musicais na edição de Anglés (1943, p. 10), pode-se observar que as proeminências do primeiro dos três Is que compõem cada verso do refrão não ocorrem na posição inicial do compasso.

Figura 11. CSM5: notação musical: linhas 1 e 2.

Fonte: Anglés (1943, p. 10).

Como mostram Nespor; Vogel (1986), a constituição de I pode variar, a depender do foco e do significado que se quer dar; a partir desse pressuposto, talvez se possa levantar a hipótese de que há apenas dois I constituindo os versos do refrão desta cantiga específica (exemplo 5b), ao contrário dos três considerados na análise (5a), a partir da edição de Mettmann (1986, p. 66).

(5)

a.

[Quenas **coi**tas]_I [deste **mun**do]_I [ben quiser **soff**rer,]_I
 [Santa **Maria**]_I [deve **semp**r']_I [ante si pōer.]_I

b.

[Quenas coitas deste **mun**do]_I [ben quiser **soff**rer,]_I
 [Santa **Maria**]_I [deve semp'r' ante si pōer.]_I

A Tabela 3 traz os resultados relativos à análise da dimensão melódica, a partir da comparação da(s) nota(s) musical(is) que corresponde(m) à sílaba proeminente de I com o entorno imediato, considerando 3 possibilidades: (a) a sílaba proeminente do sintagma entoacional (I) corresponde a mais de uma nota, ou pela ocorrência de ornamentos ou pela constituição da própria melodia; (b) a sílaba proeminente do sintagma entoacional (I) corresponde a apenas uma nota, que apresenta duração maior do que as do seu entorno; e (c) a sílaba proeminente do sintagma entoacional (I) corresponde a apenas uma nota, que apresenta duração menor do que as do seu entorno.

Tabela 3. Movimento melódico: comparação da(s) nota(s) musical(is) que corresponde(m) à sílaba proeminente de I com o entorno imediato. CSM1-CSM25: refrão e 1ª estrofe.

(a) a sílaba proeminente do sintagma entoacional (I) corresponde a mais de uma nota, ou pela ocorrência de ornamentos ou pela constituição da própria melodia;

(b) a sílaba proeminente do sintagma entoacional (I) corresponde a apenas uma nota, que apresenta duração maior do que as do seu entorno;

(c) a sílaba proeminente do sintagma entoacional (I) corresponde a apenas uma nota, que apresenta duração menor do que as do seu entorno.

Cantiga de Santa Maria	Caso (a)	Caso (b)	Caso (c)	Subtotal
1	7	13	0	20
2	12	12	2	26
3	11	10	3	24
4	6	10	8	24
5	9	10	5	24
6	8	4	0	12
7	10	8	0	18
8	3	3	6	12
9	7	13	0	20
10	3	5	4	12
11	4	4	6	14
12	2	13	1	16
13	2	6	4	12
14	2	5	4	11
15	0	6	6	12
16	1	11	0	12
17	6	0	0	6
18	6	6	0	12
19	4	8	0	12
20	0	8	8	16
21	1	6	5	12
22	6	4	2	12
23	5	5	2	12
24	4	3	0	7
25	5	5	0	10
Subtotal	124 (33.7%)	178 (48.4%)	66 (17.9%)	368 (100%)

Os resultados mostrados na Tabela 3 parecem indicar que, de fato, a melodia é o parâmetro menos acionado para marcar no nível musical os limites e as proeminências do sintagma entoacional no nível linguístico. Dentre as três possibilidades analisadas, o fator mais acionado, caso (b) (48.4%), tem, de

fato, uma interface com o ritmo, porque se realiza como a sustentação da duração de uma nota. O único fator que realmente se marca como melódico é o caso (a) (33.7%), em que há um movimento melódico de mais de uma nota, ou da própria melodia ou de um ornamento musical, sobre a sílaba proeminente de I. Mas esse fator é responsável por marcar a proeminência de I em apenas 1/3 dos casos.

Por outro lado, este resultado evidencia mais uma vez a dificuldade de se tratar o nível melódico, quando se buscam indícios da prosódia linguística no nível musical.

CONCLUSÃO

Com o objetivo de buscar pistas do agrupamento de constituintes prosódicos superiores, focalizando o sintagma entoacional (I), a partir da consideração da música que acompanha as *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X, este estudo partiu da construção de uma metodologia, de modo a verificar, por meio da observação da relação entre letra e música, se fatores como duração, proeminência musical e movimento melódico podem elucidar o processo de constituição prosódica no nível linguístico, ou seja, a marcação das fronteiras dos constituintes prosódicos superiores e a sua proeminência.

Os resultados obtidos neste estudo indicam que a duração da(s) nota(s) musical(is) que corresponde(m) à sílaba proeminente de I, em conjunto com o movimento melódico e com a ocorrência da sílaba proeminente de I em posição de proeminência rítmica musical, podem indicar agrupamentos em termos de constituição prosódica, sobretudo em relação ao sintagma entoacional (I). Apesar de esses fatores interagirem, a partir da metodologia adotada na análise realizada, os fatores rítmicos (posição de proeminência rítmica musical e duração) mostraram-se mais relevantes do que os fatores de ordem melódica, na marcação em nível musical da proeminência de I.

Assim, no caminho inverso (ou seja, partindo da língua para a música), quando se buscam indícios de qual das sílabas possíveis ocupa a proeminência do sintagma entoacional, podem ser utilizadas as pistas aqui indicadas no nível musical como indícios dessa “prosódia inaudível” ancestral.

REFERÊNCIAS

AFONSO X O SABIO. (2003). ***Cantigas de Santa María***: edición facsímil do Códice de Toledo (To). Biblioteca Nacional de Madrid (Ms. 10.069). Vigo: Consello da Cultura Galega, Galáxia.

ANGLÉS, H. (1943). **La Música de las Cantigas de Santa María del Rey Alfonso el Sabio**. – Facsímil, transcripción y estudio crítico por Higinio Anglés. Barcelona: Diputación Provincial de Barcelona; Biblioteca Central; Publicaciones de la Sección de Música. Volume II – Transcripción Musical.

ANGLÉS, H. (1964). **La Música de las Cantigas de Santa María del Rey Alfonso el Sabio**. – Facsímil, transcripción y estudio crítico por Higinio Anglés. Barcelona: Diputación Provincial de Barcelona; Biblioteca Central; Publicaciones de la Sección de Música. Volume I: Facímil del Códice *j.b.2* de El Escorial.

PIZZORUSSO, B. V. (1993). Alfonso X. In: Lanciani, G. e Tavani, G. (org.). ***Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa***. Lisboa: Caminho. p. 36-41.

BISOL, L. (2005). Constituintes prosódicos. In Bisol, L. (org.). ***Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro***. Porto Alegre: EDIPUCRS. p. 243-255.

COLANTUONO, M. I. (2012). ***Cantigas de Santa Maria di Alfonso X el Sabio: Composizione musicale e oralità***. Tese Doutoral. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona. <https://www.tdx.cat/handle/10803/96668#page=1>

COSTA, D. S. (2010). **A interface música e linguística como instrumental metodológico para o estudo da prosódia do português arcaico**. Tese de Doutorado (Linguística e Língua Portuguesa). Araraquara: FCL/UNESP.

FERREIRA, M. P. (1986). **O som de Martin Codax**: sobre a dimensão musical da lírica galego-portuguesa (séculos XII-XIV). Lisboa: UNYSIS, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

FERREIRA, M. P. (2005). **Cantus coronatus**: 7 cantigas d'El-Rei Dom Dinis. Kassel: Reichenberger.

FIDALGO, E. (2002). **As Cantigas de Santa María**. Vigo: Xerais.

MASSINI-CAGLIARI, G. (2010). From Musical Cadences to Linguistic Prosody: How to Abstract Speech Rhythm of the Past. In: Partridge, J. (ed.).

Interfaces in language. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars. p. 113-134.

MASSINI-CAGLIARI, G. (2011). Contribuição para a análise do ritmo linguístico das cantigas medievais profanas e religiosas a partir de uma interface Música-Linguística. In: Rebelo, Helena (Coord.) **Lusofonia: Tempo de Reciprocidades.** Actas do IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. Madeira, 4 a 9 de agosto de 2008. Porto: Edições Afrontamento. Vol. I, p. 41-53.

MASSINI-CAGLIARI, G. (2019). O papel da relação entre letra e música na investigação de elementos prosódicos em períodos passados da língua: análise de duas Cantigas de Santa Maria. In: Carrilho, E.; Martins, A. M.; Pereira, S.; e Silvestre, J. P. (org.). **Estudos Linguísticos e Filológicos oferecidos a Ivo Castro.** Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. p. 805-830.

MASSINI-CAGLIARI, G. (2021). Em busca da prosódia inaudível: a duração musical como pista da constituição das frases entoacionais e dos enunciados prosódicos nas *Cantigas de Santa Maria*. **Cadernos de Linguística.** V. 2, N. 1, 2021, p. 1-20.

MENDES, L. (2019). **As Cantigas de Santa Maria e o legado de Afonso X:** coletânea de artigos. Latvia: Novas Edições Acadêmicas.

METTMANN, W. (1986). (ed.). **Cantigas de Santa María (cantigas 1 a 100):** Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia.

NESPOR, M.; VOGEL, I. (1986). **Prosodic Phonology.** Dordrecht: Foris Publications.

PARKINSON, S. (1998). **As Cantigas de Santa Maria:** estado das cuestións textuais. *Anuario de estudos literarios galegos,* Vigo, p. 179-205.

PARKINSON, S. (2015). (Ed.) **Alfonso X, the Learned.** Cantigas de Santa Maria. *An Anthology.* Cambridge: The Modern Humanities Research Association.

ROSSELL, A. (2006). Les Cantigas de Santa Maria: stratégie et composition, de l'élément métrique à l'élément idéologique. In Billy, D.; Clément, F. e

Combes, A. (ed.). **L'espace lyrique méditerranéen au Moyen Âge. Nouvelles approches.** Toulouse: Presses Universitaires du Mirail. p. 231-250.

TENANI, L. E. (2002). **Domínios prosódicos no português do Brasil:** implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. 2002. Tese (Doutorado em Lingüística) - IEL, UNICAMP, Campinas.

TENANI, L. E. (2017). Fonologia Prosódica. In da Hora, D.; Matzenauer, C. L. **Fonologia, Fonologias.** Uma introdução. São Paulo: Contexto. p. 109-123.

VERLUYTEN, S. P. M. (1982). *Recherches sur la prosodie et la métrique du Français.* Tese de Doutorado. Wilrijk, Universitaire Instelling Antwerpen.

METODOLOGIA DE ALINHAMENTO SOM/GESTO: O QUE NOS REVELA A FALA ESPONTÂNEA

Camila Barros

<https://orcid.org/0000-0002-3776-7606>

Heloísa Melo

<https://orcid.org/0000-0003-0267-9005>

INTRODUÇÃO

A fala espontânea é tão rica em informações que capturar essa riqueza em uma análise apresenta uma série de desafios, por exemplo: quais situações comunicativas são pertinentes para a análise, como coletar os dados de forma menos invasiva possível e quais equipamentos usar nesse processo, como tratar e anotar os dados e qual a duração dos trechos coletados, entre tantas outras. Ainda assim, recentes avanços tecnológicos possibilitam não só capturar a fala de maneira multimodal, mas transpor alguns desses problemas e conseguir criar um corpus seguro e confiável. Isso, por sua vez, depende de uma metodologia teoricamente coerente, que ampare as peculiaridades tanto da fala quanto dos gestos.

Esse texto se debruça sobre a questão da segmentação da fala multimodal, especialmente quanto à sua estruturação em diferentes níveis analíticos, como, por exemplo: o enunciado, o nível metailocucionário (principalmente fala reportada) e o nível parentético. Para isso, dez textos multimodais monológicos são analisados quanto à segmentação prosódica e gestual. O mapeamento entre a gestualidade e estrutura informacional também é discutido. Propõe-se que gestos e fala precisam ser entendidos conjuntamente para uma segmentação consistente e confiável, uma vez que as pistas para a segmentação se encontram tanto nos gestos quanto na fala numa interação multimodal. Funcionalmente, os níveis analíticos podem ser marcados por diferentes padrões gestuais e prosódicos e, na análise, são mostradas as mudanças que ocorrem do nível do enunciado para o nível da unidade informacional Parentético.

O presente texto está organizado da seguinte forma: após esta introdução, a seção 2 explora o aparato teórico que fundamenta o estudo de gestos e fala sob uma perspectiva guiada pela ação. Então, a seção 3 apresenta o corpus BGEST, fonte dos dados aqui analisados. O BGEST é composto por monólogos em português brasileiro, que narram experiências pessoais. A seção 4 explora diferentes exemplos que evidenciam como a multimodalidade auxilia e esclarece aspectos circunscritos à segmentação do fluxo da fala. Por fim, a seção 5 faz algumas considerações finais sobre as repercussões da análise proposta em uma perspectiva mais ampla.

REVISÃO DE LITERATURA

O entendimento de que gestos e prosódia caminham juntos não é novo. Ainda assim, a associação entre gestos e prosódia continua a suscitar mais questionamentos do que a respondê-los. Esse fato é um indicativo do amplo campo de investigação que se mantém aberto a novas propostas e a constante desenvolvimento teórico e prático. Os pontos de acordo na literatura permitem que tenhamos uma base comum a ser explorada na análise multimodal. Um desses pontos é que tanto a fala quanto a gestualidade partem da acionalidade (Wagner et al., 2014; Pouw et al., 2014). Outro ponto é que ambos processos estão ancorados temporal e, até certa medida, funcionalmente, criando uma relação de correspondência entre o domínio gestual e prosódico, até certa medida (Hostetter; Alibali, 2008; Kendon, 2004; Kita et al., 2017; Kita; Özyürek, 2003; McNeill, 1992; Pouw et al., 2014; Wagner et al., 2014). Sendo assim, uma metodologia capaz de organizar e oferecer ferramentas analíticas deve se basear tanto em modelos de segmentação que entendem o papel da ação na segmentação da fala e do gesto, quanto prover unidades de análise compatíveis para a fala e para os gestos.

Gestos concomitantes com a fala, ou *co-speech gestures* conforme proposto por McNeill (1992), são movimentos de mãos e braços que compõem a mensagem veiculada verbalmente. Esses movimentos, de acordo com o *modelo da interface*, proposto por Kita e Ozyürek (2003), são um mecanismo possível para expressar representações espaço-motoras que coevoluem com a fala. Seguindo a proposta de Levelt (1989), isso significa

dizer que gestos e fala são conjuntamente formulados em uma única conceptualização, a qual, no entanto, resulta em produções qualitativamente diferentes. Por um lado, a fala está restrita às possibilidades linguisticamente viáveis e convencionalizadas. Por outro lado, os gestos podem reproduzir as características não verbalizadas dos eventos codificados. Ambos são produzidos conjuntamente e coevoluem na produção, realizada em pacotes (*chunks*). Para explorações mais detalhadas sobre a ação e sua relação com gestos, cf. Pouw et al. (2014) e Wagner et al. (2014).

Para a fala, a Teoria da Língua em Ato (L-AcT) propõe que as ilocuções são ações veiculadas por atos de fala e pautam a organização interna do enunciado (Cresti, 2000; Moneglia; Raso, 2014). Assim, a L-AcT é uma teoria de organização informacional que define o enunciado como a menor unidade prosódica e pragmaticamente autônoma da fala. Enunciado é uma sequência prosodicamente terminada de pelo menos uma unidade tonal (tendencialmente isomórfica com os valores informacionais). Cada enunciado possui uma unidade tonal que expressa a ilocução. Existe uma tendência que aponta para a correspondência funcional e temporal entre gestos e segmentação prosódica: grosso modo, cada frase gestual corresponde a uma unidade entonacional/informacional (Cantalini, 2018; Cantalini; Moneglia, 2020). A ilocução do enunciado é veiculada apenas pela unidade informacional Comentário, a única unidade necessária e suficiente para a existência de um enunciado. Ela pode ser emoldurada por outras unidades não terminais que a complementam textualmente ou regulam a interação. Em 1, abaixo, está exemplificado um padrão de Tópico-Comentário. A unidade informacional Tópico delimita o escopo de atuação da ilocução expressa na unidade Comentário.⁴

⁴ Nota sobre as convenções usadas para os exemplos: as barras duplas indicam uma unidade informacional terminada (quebra prosódica terminal), uma barra simples indica uma unidade informacional não terminal (quebra prosódica não terminal), as etiquetas informacionais estão entre sinais de igual (“=COM=”), o falante é indicado por um acrônimo de três letras iniciado por asterisco e terminada por dois pontos (*CAM:) e o número entre colchetes indica o número do enunciado no texto original. A sigla “bfamdl” ou “bfamcv” indica que os textos são em português brasileiro (“b”) e foram retirados da seção familiar do C-ORAL-BRASIL I (<c-oral-brasil.org>), sendo ou dialógicos (“dl”) ou conversacionais (3 ou mais falantes) (“cv”). Os retirados do corpus BGEST são indicados como “bgest”, monológicos, também em português brasileiro. As convenções ortográficas

Exemplo 1. Padrão de Tópico-Comentário – bfamdl03[257]

**LUZ: [257] e essas placas /=TOP= cê confunde ||=COM=*

A correspondência temporal e funcional entre *phrasing* prosódico e frases gestuais é mencionada na literatura desde os estudos iniciais de Kendon (1980), seguindo a definição de unidades tonais dada por Crystal (*tone units*, Crystal, 1969; Crystal; Davy, 2016). Em outros exemplos da literatura é evidenciado que gestos também marcam de maneira qualitativamente diferentes unidades funcionalmente diferentes, como Parentéticos dentro de outros quadros teóricos (Loehr, 2004; McNeill, 1992). Cantalini (2018) evidencia que a relação entre unidades prosódicas não terminadas e frases gestuais também ocorre para outros tipos de unidades informacionais, incluindo a unidade terminada Comentário. De acordo com a L-AcT, Parentéticos são unidades que inserem informações complementares ao enunciado. São caracterizados prosodicamente por um abaixamento (em alguns poucos casos, alçamento) dos valores de f_0 e intensidade e um aumento de taxa de articulação em relação às unidades adjacentes. Dado esse padrão, o que seria esperado é que os gestos concomitantes com Parentéticos é que sinalizassem alguma mudança do padrão gestual durante a unidade. O exemplo (2) traz um Parentético modal.

Exemplo 2. Padrão com Parentético modal – bfamcv02[56]

**RUT:[56] quarenta-e-três /=COM= por aí ||=PAR=*

O quadro teórico da L-AcT propõe, portanto, que cada enunciado contém uma ilocução. Para compor tanto o conteúdo textual (quanto o dialógico-interacional), a unidade ilocucionária é emoldurada por unidades não terminais, como o Parentético e o Tópico (cf. Moneglia; Raso (2014) para uma descrição mais completa). De maneira análoga, o *modelo da interface* entende que os gestos são um produto da interface de representação entre gestos e fala, em que a informação é organizada em pacotes verbalizáveis. Os gestos são ajustados ao conteúdo verbalizado em unidades funcionalmente complementares, ainda que qualitativamente diferentes (Kita; Özyürek, 2003). Sendo assim, as propostas são compatíveis tanto por

e não ortográficas usadas na transcrição podem ser consultadas a fundo em Mello et al. (2012).

entenderem que a fala é guiada pela ação, mas também por entenderem que a maneira com que a mensagem é formulada está ligada aos recursos disponíveis para isso. Isto é, quais padrões prosódicos vão veicular a mensagem da maneira mais apropriada (semântica- e pragmaticamente) e quais gestos vão representar melhor o conteúdo imagético.⁵ Ambas as perspectivas foram levadas em conta para a elaboração do corpus BGEST para o estudo de gestos em relação à L-AcT, que será explicado na seção 3, a seguir.

O CORPUS BGEST

Para conduzir o estudo sobre relações entre gestos e fala, e como parte de uma pesquisa de mestrado, o corpus BGEST foi compilado. O corpus compreende dez excertos de fala espontânea monológica de até três minutos cada, correspondendo a cerca de 450 gestos anotados e aproximadamente 4000 palavras (Barros, 2021). Foram gravados dez participantes residentes há pelo menos dois anos na cidade de Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais, com alta escolaridade (curso superior em curso ou completo) entre 18 e 40 anos. Nenhum dos participantes era falante de Libras (Língua Brasileira de Sinais) e a mão dominante foi controlada (4 canhotos e 6 destros), o que revelou não ser um fator de influência na posição em que o gesto era realizado.⁶

Essas decisões metodológicas foram guiadas principalmente para tornar o BGEST comparável com a família de corpora C-ORAL (Cresti; Moneglia, 2005; Raso; Mello, 2012), desenvolvida para o estudo da fala espontânea. A principal característica da família é sua variabilidade diamésica, compreendendo desde situações de jogo de futebol a palestras. No entanto,

⁵ É preciso atentar-se para o fato de que algumas correntes teóricas (principalmente as derivadas de Kendon, 2004) usam uma definição interacional de enunciado (“any unit of activity that is treated by those co-present as a communicative ‘move’, ‘turn’ or ‘contribution’. (...) ‘Gesture’ is the visible bodily action that has a role in such units of action”, p. 7) que não é usada neste capítulo. Nesse capítulo, *enunciado* é a menor unidade pragmática e prosodicamente autônoma (Cresti, 2000; Moneglia; Raso, 2014). Para uma discussão mais extensa, cf. Müller (2018).

⁶ O controle de fluência de língua de sinais se deve às possibilidades de um sinal ser usado como um gesto e isso ser um fator confundidor na análise, cf. (Casey; Emmorey, 2009; Emmorey et al., 2008).

no tempo disponível para a coleta e o tratamento dos dados, não foi possível reproduzir essa característica em um corpus multimodal, principalmente considerando que o trabalho foi desenvolvido durante a pandemia de covid-19 e que se tratava de um projeto piloto dentro do grupo C-ORAL-BRASIL. Por isso, optou-se por uma coleta menor, controlando a variação diarmétrica para monólogos de até três minutos de duração. Esse tipo de texto também está representado no C-ORAL-BRASIL (Raso; Mello, 2012). Além disso, textos com baixa interatividade, em que o falante está estático, tendem a ter um número maior de gestos. Abaixo (Tabela 1) vê-se um quadro-resumo das principais características do corpus BGEST.

Arquivo ID	Duração	Nº palavras	Nº ataques (<i>strokes</i>)	Nº unidades terminadas
bgest-001	02:24	325	44	18
bgest-002	02:24	484	35	35
bgest-003	02:40	416	53	27
bgest-004	02:11	382	43	17
bgest-005	02:04	333	42	22
bgest-006	02:40	375	41	36
bgest-007	02:39	514	58	39
bgest-008	02:04	276	28	18
bgest-009	02:39	540	73	36
bgest-010	02:43	418	32	36
Total	24:28	3963	449	284

Tabela 1. Corpus BGEST

Fonte: Elaboração própria.

Os textos foram transcritos seguindo o formato CHAT (MacWhinney, 2000), adaptado pelo grupo C-ORAL-BRASIL (Raso; Mello, 2012), assim como os metadados que informam as condições da gravação e sobre o falante. O corpus foi anotado nos softwares Praat (Boersma; Weenink, 2020) e ELAN (Wittenburg et al., 2006), ambos livres, gratuitos e com ampla utilização pela comunidade científica. No primeiro, foram anotados e segmentados os enunciados, as unidades tonais e as etiquetas informacionais. No segundo, foram anotadas as informações de unidade, frase e fase gestuais, forma de mão, orientação, posição e tipo de movimento. O alinhamento entre as anotações do arquivo de som e os gestos foi feito com o ELAN, via importação da anotação previamente feita no Praat. As convenções de anotação de gestos foram retiradas e simplificadas do *Linguistic Annotation System for Gestures* (Bressem et al., 2013). Não

foram usados softwares de anotação automática por duas razões, quais sejam: i) as tentativas de implementar anotações automáticas de fala no C-ORAL-BRASIL não satisfizeram os critérios necessários de qualidade e ii) a anotação manual deveria ter o mínimo de erro possível.

SEGMENTAÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

A segmentação da fala, conforme proposta pela L-AcT, é guiada, tomando-se como unidade básica o enunciado, subdivido em unidades tonais. Essas duas instâncias permitem segmentar o fluxo da fala de maneira consistente em todo o corpus, com alto acordo entre diferentes anotadores. O C-ORAL-BRASIL, por exemplo, chegou a alcançar acordos de 86% entre anotadores (Mello et al., 2012). O mesmo tipo de segmentação foi utilizado no corpus BGEST, conforme exemplificado abaixo (3), do qual constam os enunciados numerados de 5 a 9, cujo término é marcado assinalado com //, e as unidades que os compõem, cujo término é assinalado com /:

Exemplo 3. Segmentação prosódica – bgest_002[5-9]:

*GUI: [5] que é tipo assim / qual é a sua linhagem // [6] e outra / porque / diferente do que a gente pensa / cê não tinha documento igual cê tem agora // [7] em que cê tem / a sua família garantida por documento / porque você é filho de nũ sei o que / seu érrege vem / escrito isso / cê tem certidão de nascimento / nũ tinha isso // [8] então como que você se identifica né // [9] né / cê se identifica falando da sua linhagem / sabe //

Isso faz com que a segmentação seja de fato *guiada pela fala* e não *usada para a fala*, no sentido de não se usarem parâmetros criados para o tratamento da escrita para a tarefa.⁷ Com isso, o fluxo é segmentado em enunciados (indicado por duas barras “//”) e em unidades não terminais (indicado por uma única barra “/”).

Gestos também levantam a questão da segmentação por diferentes razões, como a ausência de uma transcrição apropriada, enormidade de características veiculadas, dentre outros aspectos. Ainda assim, diferentes correntes teóricas concordam (ou ao menos adotam) a proposta inicial de Kendon (1972) de que os principais marcos gestuais são posições de

⁷ Um debate sobre diferentes perspectivas de segmentação guiadas pela fala pode ser encontrado em Izre’el et al. (2020).

descanso e picos de esforço. O primeiro se refere ao momento em que as mãos descansam sobre o colo do falante, dividindo as unidades gestuais. Dentro dessas unidades, estão as frases gestuais que capturam o pico do gesto (que pode estar acompanhado ou não de uma preparação e uma retração) que compõe o ataque, porção mais importante do gesto que veicula sua função. Na Figura (1), abaixo, temos o caso de uma unidade gestual composta apenas por uma frase gestual.

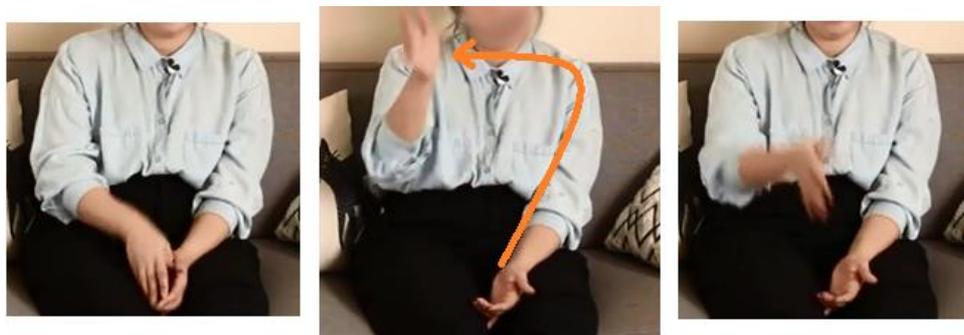


Figura 1. Excursão do gesto

Fonte: bgest_001 [106], Corpus BGEST (Barros, 2021).

Na Figura (1) acima, a falante movimentava a mão direita da posição de repouso (mãos juntas no colo) para o centro do tronco, em um movimento ascendente fazendo uma curva para a direita. O ataque mostrado no segundo quadro da Figura (1) indica a porção principal do gesto e o ponto em que o esforço é maximizado é chamado de pico (Bressemer, 2013; Bressemer et al., 2013; Kendon, 2004; Ladewig; Bressemer, 2013). A precisa definição de pico encontra-se sob forte escrutínio, principalmente em termos biomecânicos e suas implicações (Pouw et al., 2020).

Essa diferenciação não sana todos os problemas que emergem durante a segmentação, visto que a diferenciação entre diferentes ataques e sua associação com as unidades tonais correspondentes nem sempre é clara. A Figura (2) abaixo exemplifica um caso em que as frases gestuais aparecem de maneira claramente diferenciada por diferentes parâmetros de forma de mão, posição e movimento, mesmo na ausência de som.



Figura 2. Excursão de uma unidade gestual composta por três frases gestuais

Fonte: bgest_003 [103], Corpus BGEST (Barros, 2021).

A questão da presença ou ausência da oitiva na segmentação gestual é um aspecto metodológico de debate na literatura. Há pesquisadores que defendem que invariavelmente a oitiva condicionará a divisão dos gestos (Bressem et al., 2013; Ladewig; Bressem, 2013) e há a perspectiva adotada por Cantalini e Moneglia (2020), segundo a qual segmentar gestos *concomitantes a fala*, sem acesso à oitiva, é um contrassenso, uma vez que eles só ganham sentido à luz da fala.⁸ O corpus BGEST seguiu a diretriz de Cantalini e Moneglia. Isso pode ser exemplificado pela sequência de gestos que acompanha o trecho reproduzido no exemplo (2) e, abaixo, disposto em suas frases gestuais.



Figura 3. Frases gestuais síncronas aos enunciados bgest_002[5-9]:

Fonte: bgest_003 [103], Corpus BGEST (Barros, 2021).

Nesse trecho, os ataques se diferenciam em pouquíssimos parâmetros, pequenos o suficiente para passar despercebidos na ausência da fala, oferecendo, assim, pistas sobre como segmentar os gestos. A sequência sem

⁸ É importante apontar que acesso a oitiva não pressupõe acesso à segmentação realizada no Praat.

o áudio poderia ser considerada iterada, apesar de nem todos os movimentos serem iterados.

Sob essa perspectiva ainda é relevante apontar que os gestos também auxiliam na etiquetagem de unidades tonais, indicando com mais precisão o contexto em que determinada unidade é realizada e como ela pode ser mais bem compreendida. Para exemplificar essa diferenciação, a seção (4.1) se debruçará sobre como o mapeamento gestual marca os Parentéticos.

MUDANÇAS NO PADRÃO GESTUAL: NÍVEL DO ENUNCIADO VERSUS NÍVEL PARENTÉTICO

O primeiro exemplo (Figura 4, exemplo 4) indica como o Parentético é concomitante com uma interrupção do gesto com redução da amplitude gestual próxima à posição de repouso, marcando uma suspensão do padrão gestual. A quebra do padrão gestual é concomitante à quebra prosódica que delimita o Parentético e ao abaixamento de f_0 e de intensidade característico do Parentético.



Figura 4. Parentético mapeado por interrupção

Fonte: bgest_003 [204-205], Corpus BGEST (Barros, 2021).

Exemplo 4. Parentético mapeado por interrupção – bgest_001[1]:

*JUL: ... / e aí tinha gente / que era da / Selênio / **que é a [1] a rua do poste /=PAR=**
e a [2] e atravessando a Amazonas / ...

Nesse trecho, a falante explica como seus pais costumavam se encontrar em um poste durante a adolescência. Para indicar isso, JUL realiza uma

seqüência de gestos icônicos representando ruas, o que evidencia que a disposição é crucial para o enredo. A unidade de Parentético é adicionada para trazer uma especificação sobre qual das ruas era o ponto de encontro, “a rua do poste”, na época da história, na forma de uma suspensão do conteúdo ilocucionário.

No exemplo seguinte (Figura 5, exemplo 5), temos um Parentético mapeado por uma mudança de movimento que é antecipada pela hesitação do participante tanto nos gestos (quadro 1) quanto na fala (marcada por retrações).



Figura 5. Parentético marcado por mudança de movimento (antecipado por hesitação)

Fonte: *bgest_003 [225-227], Corpus BGEST (Barros, 2021).*

Exemplo 5. Parentético mapeado por mudança de movimento – bgest_003[19]:

**GUS: e aí / tipo / aí o primeiro a gente / &he / eu faço &geral [1] &he / aí acho que a Elisa faz assim também /=PAR= duas aulas //*

Na Figura (5), exemplo (5), existe uma indicação de diversos movimentos que marcam a diferenciação do nível do enunciado (quadros 1, 2 e 4) para o Parentético (quadro 3). O participante GUS explica como organiza suas aulas de escrita acadêmica. No primeiro quadro, o movimento das mãos segue a hesitação, evidenciada pela retração e tomada de tempo (“&he”). O enunciado é quebrado internamente pela inserção de um Parentético, dada a mudança do padrão de gestos. No nível do enunciado, os gestos se dão em direção ao tronco, com ambas as mãos semiabertas. No nível do Parentético, o participante GUS usa apenas a mão esquerda em punho fechado no centro do tronco. Ao retornar ao nível do enunciado, o participante usa, então, a mão esquerda, com alguns dedos esticados. Isso reflete que o padrão gestual não muda apenas quando suas fronteiras são idênticas, mas também quando o enunciado não possui uma única realização.

Isso revela outro aspecto muito pertinente da organização multimodal da fala: os parâmetros se adequam ao contexto em que estão inseridos. Na fala, a adequação de parâmetros prosódicos para a veiculação de Parentéticos já era conhecida (Tucci, 2010), visto que o abaixamento de f_0 e de intensidade se dá em oposição ao enunciado e não em termos absolutos. A mesma estratégia é usada para os gestos.

Na Figura (6), exemplo (6), abaixo, o participante insere duas informações no enunciado: a primeira como um Parentético, a segunda como um outro Parentético que explica o primeiro. Esse padrão é nomeado Parentético de mais de um nível. Cada Parentético é acompanhado por um gesto que muda de padrão juntamente com o nível, seja ele do enunciado, Parentético ou Parentético de segundo nível.



Figura 6. Parentéticos de diferentes níveis

Fonte: bgest_003 [103], Corpus BGEST (Barros, 2021).

Exemplo 6. Parentéticos de diferentes níveis – bgest_003[9]:

*GUS: eu vou / &he [3] eu vou explicando / o que é esperado deles / por exemplo / **se es vão / produzir um *statement of purpose* /=PAR_1= que é o [1] a escrita dele /=PAR_2=** o que é esperado / quais são as fases disso / né //

Como no exemplo (5), o exemplo (6) também é do falante GUS, que conta como prepara aulas de escrita acadêmica. O primeiro Parentético insere a informação que o esperado dos alunos é a produção de um *statement of purpose*. O gesto indicado pelo quadro 2 da Figura (6) muda de um movimento reto em direção ao tronco com a mão espalmada para um gesto afastando-se do tronco em um movimento circular. A forma e o movimento se alteram levemente, com a mão voltada para baixo e os dedos levemente curvados em círculos contínuos.

A iteração do movimento foi indicada por Bressemer (2014) como uma estratégia de complexificação do conteúdo verbal. Assim, não só o falante marca que está trazendo uma informação nova sobre o *statement of purpose* através do Parentético, como também marca essa novidade através de seu

gesto. Ao descer a mão e fazer um movimento reto em direção ao tronco, o nível Parentético é interrompido e o falante volta para o mesmo tipo de padrão que o restante do enunciado (quadros 1 e 4).

No último exemplo (7), o falante manipula a posição do gesto para indicar a oposição de níveis de enunciado e Parentético.

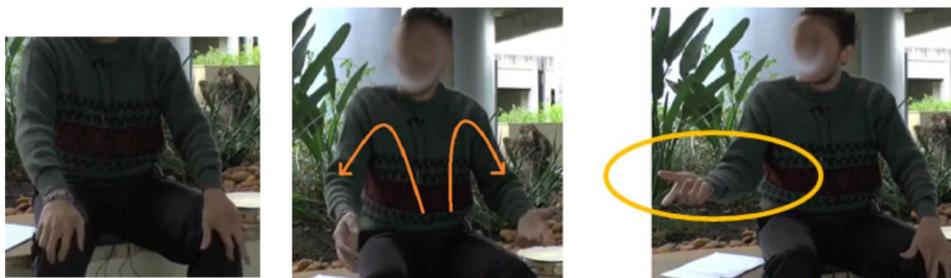


Figura 7. PAR marcado por suspensão do gesto (posição de quase repouso)

Fonte: bgest_002 [201], Corpus BGEST (Barros, 2021).

Exemplo 7. Parentéticos de diferentes níveis – bgest_002[1]:

*GUI: e outra é que / na cultura / grega / né / digamos assim / **pelo o que a gente tem de /=PAR= crítica até hoje /=PAR= né /=PAR= que consegue entrever isso /=PAR=** é muito importante a [1] a questão da procedência / né //

O falante GUI explica os impactos da ascendência familiar na Grécia Antiga em relação à atualidade. A explicação é iniciada com as mãos em repouso (Figura 7, quadro 1). GUI inicia então uma sequência de Parentéticos que estão em um mesmo nível (compõem uma sequência textual, ao invés de trazerem níveis diferentes). Gestualmente, isso é marcado com ambas mãos afastando-se do centro (quadro 2). Quando retorna ao nível do enunciado, o falante muda a posição do gesto para a direção do interlocutor (quadro 3).

Com isso, os exemplos revelam que os gestos seguem estratégias similares às da fala para marcar os Parentéticos, usando contrastes de padrões que destacam o Parentético, sendo que o contraste é dado contextualmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os exemplos indicados aqui revelam como a interpretação de gestos e da fala pode se beneficiar de uma análise baseada em acionalidade, que considere concomitantemente esses dois níveis modais. Isso não apenas explica como a mesma função é realizada multimodalmente, mas também oferece as bases de uma interpretação ancorada na ação. A análise do gesto, levando-se em conta as proposições teóricas da L-AcT, fornece uma interpretação coerente para diferentes tipos de mudanças no fluxo gestual, além de explicitar como gestos se combinam com a prosódia, o que também reforça a sua sincronicidade.

A pesquisa brevemente relatada aqui indica que Parentéticos podem ser veiculados, portanto, por interrupções no padrão gestual: seja por oposição entre gesto e repouso ou mudança de um ou mais parâmetros constituintes dos gestos. A natureza dessas mudanças se dá de maneira contextual, de modo a configurar uma ruptura do padrão do enunciado. Na fala, o nível do Parentético é marcado por um abaixamento de f_0 e de intensidade e pelo aumento de taxa de articulação em relação ao enunciado. Nos gestos, suspensão ou aparecimento dos gestos, ou mudança dos parâmetros de movimento, direção, forma de mão ou posição em relação ao enunciado.

Pesquisas experimentais que revelem como essas estratégias são amparadas e seu impacto na cognição humana são bem-vindas. Faz-se necessário desenvolver estudos empíricos, pautados por corpora multimodais, que sejam ampliados e cubram diferentes unidades analíticas. Dado o custo de tempo, recursos e esforço humano para a compilação de corpora multimodais, os dados já compilados no BGEST podem servir para o estudo de diferentes unidades informacionais e sua relação com a gestualidade. É possível que estudos que apresentem a possibilidade de análises estatísticas e saiam, portanto, da análise qualitativa, dependam de um empenho de processamento de som e imagens computacionalmente automatizados para serem viáveis.

As dificuldades e lacunas de pesquisa acima assinaladas servem como um estímulo à continuidade da pesquisa, que pode ser viabilizada em colaboração multidisciplinar.

REFERÊNCIAS

- BARROS, C. (2021). **A relação entre unidades gestuais e quebras prosódicas: O caso da unidade informacional Parentético** [Mestrado]. Universidade Federal de Minas Gerais.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. (2020). **Praat: Doing phonetics by computer** (6.1.16) [Computer software]. <http://www.praat.org/>.
- BRESSEM, J. (2013). A linguistic perspective on the notation of form features. In: C. Müller, A. Cienki, E. Fricke, S. Ladewig, D. McNeill, e S. Tessendorf (org.), **Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK)** 38/1. De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110261318.1079>
- BRESSEM, J. (2014). Repetitions in gesture. In C. Müller, A. Cienki, E. Fricke, S. Ladewig, D. McNeill, e J. Bressemer (org.). **Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK)** 38/2. De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110302028.1641>
- BRESSEM, J.; LADEWIG, S.; MÜLLER, C. (2013). Linguistic Annotation System for Gestures. In C. Müller, A. Cienki, et al. (org.). **Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK)** 38/1. De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110261318.1098>
- CANTALINI, G. (2018). **La gestualità co-verbale nel parlato spontaneo e nel recitato**. Università degli studi Roma Tre.
- CANTALINI, G.; MONEGLIA, M. (2020). The annotation of gesture and gesture/prosody synchronization in multimodal speech corpora. **Journal of Speech Sciences**, 9, 7–30.
- CASEY, S.; EMMOREY, K. (2009). Co-speech gesture in bimodal bilinguals. **Language and Cognitive Processes**, 24(2), 290–312. <https://doi.org/10.1080/01690960801916188>
- CRESTI, E. (2000). **Corpus del italiano parlato**. Accademia della Crusca.
- CRESTI, E.; MONEGLIA, M. (org.). (2005). **C-ORAL-ROM: Integrated reference corpora for spoken Romance languages**. J. Benjamins.
- CRYSTAL, D. (1969). **Prosodic Systems and Intonation in English**. Cambridge University Press. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=aS45AAAAIAAJ>. Acesso em: XXXXX

- CRYSTAL, D., e DAVY, D. (2016). **Investigating English Style**. Taylor e Francis. <https://books.google.com.br/books?id=4kcGDAAAQBAJ>.
- EMMOREY, K., *et al.* (2008). Bimodal bilingualism. **Bilingualism: Language and Cognition**, 11(1), 43–61. <https://doi.org/10.1017/S1366728907003203>.
- HOSTETTER, A. B., e ALIBALI, M. W. (2008). Visible embodiment: Gestures as simulated action. **Psychonomic Bulletin e Review**, 15(3), 495–514. <https://doi.org/10.3758/PBR.15.3.495>.
- IZRE'EL, S., *et al.* (org.). (2020). **Search of Basic Units of Spoken Language: A corpus-driven approach**. v. 94. John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/scl.94>.
- KENDON, A. (1972). **Relationships between body motion and speech**, p. 177-210.
- KENDON, A. (1980). Gesticulation and speech: Two aspects of the process of utterance. In M. R. Key (org.). **The relationship of Verbal and Nonverbal Communication**, p. 207–227. Mouton and Co.
- KENDON, A. (2004). **Gesture: Visible Action as Utterance**. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511807572>.
- KITA, S.; ALIBALI, M. W.; CHU, M. (2017). How do gestures influence thinking and speaking? The gesture-for-conceptualization hypothesis. **Psychological Review**, 124(3), 245–266. <https://doi.org/10.1037/rev0000059>.
- KITA, S., e ÖZYÜREK, A. (2003). What does cross-linguistic variation in semantic variation. **Journal of Memory and Language**, 48, 16–32.
- LADEWIG, S., e BRESSEM, J. (2013). 69. A linguistic perspective on the notation of gesture phases. In C. Müller; *et al.* (org.). **Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK) 38/1**. DE GRUYTER. <https://doi.org/10.1515/9783110261318.1060>.
- LEVELT, W. J. M. (1989). **Speaking: From intention to articulation**. (p. xiv, 566). The MIT Press.
- LOEHR, D. (2004). **Intonation and Gesture** [Doctoral dissertation]. University of Georgetown.
- MACWHINNEY, B. (2000). **The CHILDES Project: Tools for Analyzing Talk** (3rd Edition). Lawrence Erlbaum Associates. <https://talkbank.org/manuals/CHAT.pdf>.

MCNEILL, D. (1992). **Hand and mind**: What gestures reveal about thought (p. xi, 416). University of Chicago Press.

MELLO, H., *et al.* (2012). Transcrição e segmentação prosódica do corpus C-ORAL-BRASIL: critérios de implementação e validação. In T. Raso e H. Mello, **C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal** (p. 125–176). Editora UFMG.

MONEGLIA, M., e RASO, T. (2014). Appendix: Notes on the Language into Act Theory. In T. Raso e H. Mello (org.). **Studies in Corpus Linguistics**. v. 61, p. 468–495. John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/scl.61.15mon>.

MÜLLER, C. (2018). Gesture and Sign: Cataclysmic Break or Dynamic Relations? **Frontiers in Psychology**, 9, 1651. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01651>.

POUW, W., *et al.* (2014). Toward a more embedded/extended perspective on the cognitive function of gestures. **Frontiers in Psychology**, 5. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2014.00359>.

POUW, W.; HARRISON, S. J.; DIXON, J. A. (2020). Gesture–speech physics: The biomechanical basis for the emergence of gesture–speech synchrony. **Journal of Experimental Psychology: General**, 149(2), 391–404. <https://doi.org/10.1037/xge0000646>.

RASO, T., e MELLO, H. (org.). (2012). **C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal**. Editora UFMG.

TUCCI, I. (2010). **Obiter dictum**: La funzione informativa delle unità parentetiche (M. Pettorino, A. Giannini, e F. Dovetto, Orgs.; Vol. 3, p. 365–654). Università l’Orientale Press.

WAGNER, P.; MALISZ, Z.; KOPP, S. (2014). Gesture and speech in interaction: An overview. **Speech Communication**, 57, 209–232. <https://doi.org/10.1016/j.specom.2013.09.008>

WITTENBURG, P., *et al.* (2006). ELAN: a Professional Framework for Multimodality Research. **Proceedings of LREC 2006**, 1556–1559. <https://archive.mpi.nl/tla/elan>.

PICOS MELÓDICOS PRETÔNICOS EM FINAL DE ENUNCIADO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO QUANTITATIVO

Philippe Boula de Mareüil

<https://orcid.org/0000-0002-8213-2693>

Plínio A. Barbosa

<http://orcid.org/0000-0001-6317-3548>

INTRODUÇÃO

Alguns falares/dialetos e idiomas, como o português brasileiro, são descritos como cantados (Freitag *et al.*, 2016). Essa impressão, quando não é puramente um mito, é difícil de quantificar por vários motivos. Pode nascer em alguns falantes e não em outros, em algumas situações, em algumas variedades da língua e não em outras. Pode ser difusa ou pontual, aparecendo apenas em certos pontos do enunciado. Sempre existe alguma variabilidade prosódica dialetal, como atestado nas cartas do Atlas linguístico do Brasil [AliB] (Cardoso *et al.*, 2014) e na dissertação de Silvestre (2012), que descreve o contorno declarativo neutro em todas as capitais brasileiras.

O contorno nuclear, mais frequentemente em torno do último acento lexical do enunciado – ou da *cláusula* (Carton *et al.*, 1991) – é um domínio apropriado para observar o que Fónagy (1983) chamou *clichês* melódicos. Esses clichês são padrões melódicos de grande regularidade que criam ligações “diretas e constantes” entre uma sequência verbal e uma situação particular (Fónagy *et al.*, 1983). Essa regularidade poderia contribuir para a percepção de caráter cantado de certas variedades de língua.

Um exemplo que poderia ser interpretado como clichê melódico é oferecido pelo português brasileiro (doravante PB), com um movimento ascendente e descendente perceptivamente muito saliente, quase imediatamente audível em diferentes cidades do Brasil e parodiado frequentemente por humoristas estrangeiros (constatação informal do primeiro autor). Esse fenômeno, talvez especialmente presente na fala das mulheres, foi tratado em várias publicações, e é relativamente regular, como veremos.

Barone (2013) relatou subidas melódicas salientes, seguidas por descidas nas sílabas tônicas nucleares, em frases declarativas do PB falado no Recife

utilizando um corpus formado por 3 homens e 4 mulheres. O autor mediu esse padrão no final de frases de estrutura sujeito-verbo-objeto (SVO). No caso de objetos complexos (na maioria das vezes, duas palavras conectadas por uma preposição, como no exemplo *Rio de Janeiro*), em particular, os picos antecipados (“early peaks”) foram notados na última palavra, especialmente na fala das mulheres (79% nas mulheres, 37% nos homens). Esse padrão também foi observado no Rio de Janeiro e em São Paulo (Frota; Moraes, 2016) sem referência a possíveis diferenças de gênero – ver também a carta F07 do ALiB (Cardoso *et al.*, 2014), Silvestre (2012), Frota, *et al.* (2015), Serra (2009, 2016), para a fala espontânea e a leitura; Frota; Vigário (2000), Cunha (2000), para uma comparação entre homens e mulheres, Tenani (2002), Fernandes (2007).

Com base em dados coletados de uma falante no Rio de Janeiro, Moraes (2008) propõe representar a descida entre a sílaba pretônica e a tônica final com um acento $H+L^*$, seguido por um tom de fronteira $L\%$, ou seja, um nível baixo (“Low”) ancorado com a sílaba tônica – notação também usada por Barone (2013) e outros autores, anteriormente citados. Em todos esses estudos, no entanto, não há nenhuma medida sobre as amplitudes das subidas e as descidas, nenhum comentário sobre a forma do contorno nuclear, nenhuma comparação de estilos de fala, dado que são baseados unicamente na leitura de frases isoladas e num equivo número de falantes, quando informado. Por outro lado, Serra (2009, 2016) coteja o estilo espontâneo com o lido, com medidas de frequência fundamental (F_0) nas sílabas da palavra nuclear; Cunha (2000) apresenta também medidas de F_0 (não só na posição nuclear do enunciado) na fala de mulheres e homens – ver ainda o estudo de Castro da Silva (2016), que focaliza a fala espontânea. Nosso próprio estudo é baseado em frases lidas conectadas (de um texto) e fala espontânea (aqui restrita à narração), de um número superior de locutores e locutoras. Limitaremos o trabalho apresentado aqui, no entanto, à variedade do PB paulista. Ressaltamos que o estudo aqui apresentado dá mais detalhes da extensão melódica dos contornos avaliados.

A seção seguinte descreve o corpus usado e o método adotado para a nossa abordagem quantitativa. A seção 3 apresenta os resultados obtidos, comparativamente para os homens e as mulheres, em duas situações de comunicação distintas. Finalmente, a seção 4 conclui e abre algumas perspectivas.

CORPUS E MÉTODO

Um texto de cerca de 1600 palavras, “O monge desastrado”, sobre a origem dos pastéis de Belém, foi lido por 10 falantes brasileiros (5 homens, 5 mulheres), seguido pela narração imediata da história. Os falantes eram todos estudantes de Graduação e Pós-Graduação que tinham entre 20 e 30 anos no momento da gravação. O corpus original foi estendido para integrar outras línguas a fim de realizar outros estudos comparativos (Barbosa *et al.*, 2017). Uma dessas línguas é o francês padrão, a partir de uma tradução, pelos autores deste capítulo, do texto adaptado para o PB a partir do texto original em português europeu. O texto é particularmente bem adaptado para produzir contornos entonacionais terminais, visto que as frases são bastante curtas, embora, claramente, os falantes não realizaram a mesma quantidade de unidades entonacionais na leitura em função de suas escolhas próprias para as fronteiras dessas unidades. Para considerar os contornos examinados como terminais – conclusivos, de final de enunciado – aplicamos um critério simples: utilizamos frases terminadas por um ponto ou um ponto de exclamação no caso de leitura. Assim, depois de excluirmos alguns casos (como os monossílabos precedidos por uma vírgula), conseguimos identificar 113 contornos de final de frase para o texto lido pelos falantes. As palavras localizadas no final das frases retidas para a análise dos clichês melódicos são distribuídas da seguinte forma: 19% são oxítonas, 77% são paroxítonas e 4% são proparoxítonas – ou seja a sílaba acentuada é a última, a penúltima ou a antepenúltima, respectivamente. Essa distribuição é próxima daquela encontrada no estudo de Cintra (1997) para o PB, cujos números são 20% de oxítonas, 70% de paroxítonas e 10% de proparoxítonas.

Na fala espontânea, é menos óbvio determinar o que é um contorno terminal. Na narração, em particular, encontramos muitos enunciados continuativos em que a voz permanece pendente, mesmo no final de frases sintaticamente bem formadas. Os autores (um nativo do PB, o outro falando uma variedade mais próxima do Português Europeu) escutaram conjuntamente a narração dos 10 falantes e anotaram o que eles percebiam como fronteiras terminais, no final de enunciados pragmaticamente completos e prosodicamente autônomos. Para definir esses enunciados, os autores se referiram aos critérios estabelecidos por Raso e Mello (2012), seguindo a proposta de Cresti (2000) de associar a propriedade de terminalidade a um determinado ato ilocucionário. Para validar o acordo

entre os autores, um dos contribuintes a esses critérios (T. Raso) anotou independentemente a narração mais longa (quase 10 minutos). Isso permitiu verificar que os acordos entre ele e os autores eram quase perfeitos, mesmo que não tenhamos aplicado testes estatísticos específicos (κ) para mensurar a concordância entre avaliadores: as raras exceções decorrendo de dúvidas sobre contornos melódicos que terminavam em tom alto e eram considerados por esse especialista como terminais. Dado que esses poucos desacordos não comprometem as tendências gerais, continuamos em seguida a anotação sem ajuda externa.

Como alguns falantes eram lacônicos, enquanto outros produziam contornos essencialmente continuativos, conseguimos medir muito menos contornos terminais na narração em relação à leitura. A Tabela 1 resume a duração dos textos lidos e narrados, bem como o número de contornos terminais analisados, para os homens e as mulheres. A Tabela também mostra o intervalo de tempo médio entre dois contornos terminais. Esse é muito variável na narração, variando em cerca de 9 a 34 s, o que é obviamente relacionado à maneira de narrar de cada locutor ou locutora. A locutora AG, em particular, contou a história com todos os detalhes: ela fez isso em cerca de cinco vezes mais tempo do que o segundo falante mais prolífico. Por sua vez, os enunciados lidos são definidos pelo texto escrito, o que confere uma regularidade aos contornos terminais ilustrados pelos valores dos intervalos médios na Tabela.

Sujeito.Sexo	Leitura			Narração		
	duração (s)	#contornos	Intervalo médio (s)	duração (s)	#contornos	Intervalo médio (s)
AG.F	743,0	113	6,6	544,9	33	16,5
DF.F	656,2	113	5,8	99,2	4	24,8
GR.F	522,3	113	4,6	78,7	9	8,7
NP.F	599,0	113	5,3	84,5	6	14,1
RA.F	679,0	113	6,0	26,9	2	13,5
CA.M	761,1	113	6,7	68,6	8	8,6
EM.M	573,1	113	5,1	64,0	4	16,0
FA.M	635,0	113	5,6	68,8	5	13,8
LC.M	428,7	113	3,8	102,9	3	34,3
MT.M	509,3	113	4,5	125,7	6	21,0

TABELA 1: Duração, número de contornos e intervalo de tempo médio entre dois contornos terminais nos trechos analisados (F = mulheres, M = homens)

Os trechos de fala contendo os contornos terminais que examinamos foram segmentados em sílabas – mais precisamente, em unidades indo do ataque de uma vogal ao ataque da vogal subsequente. Vários trabalhos mostraram a relevância dessas unidades (também mais fáceis de delimitar) para estudos sobre o ritmo (Dogil; Braun, 1988; Barbosa, 2006; Pettorino *et al.*, 2013, *inter alia*). Essa segmentação foi feita semi-automaticamente usando o software Praat (Boersma; Weenink, 2015), que também foi utilizado para extrair a F_0 . Em primeiro lugar, o script *BeatExtractor* (Barbosa, 2006) permitiu identificar os inícios de vogais; depois disso, com um número muito pequeno de correções manuais, símbolos fonéticos foram atribuídos manualmente à cadeia falada. Os máximos e mínimos de F_0 também foram anotados em camada de anotação do Praat, com a ancoragem temporal dos picos e vales melódicos, imediatamente antes e imediatamente depois da vogal pretônica (ou uma outra vogal, quando o pico recai sobre ela). A Figura 1 dá um exemplo, a título de ilustração.

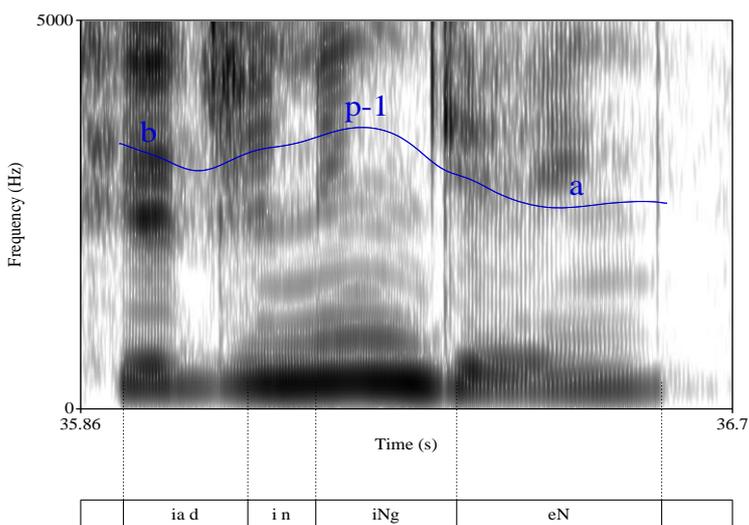


FIGURA 1: Trecho do texto lido pela locutora AG, para o contorno terminal associado a *de ninguém*. O símbolo b corresponde ao mínimo de F_0 antes do pico melódico; p-1, marcando a posição do pico, indica que este é ancorado na sílaba precedendo a tônica; o símbolo a corresponde ao mínimo de F_0 após o pico melódico.

A partir dessas anotações, foram calculadas as médias das extensões das subidas (p-b) e das descidas (a-p) a partir da diferença em semitons do pico em relação aos pontos marcados como b ou a. Foram elaborados histogramas dessas mesmas extensões de subidas e descidas para cada falante (em etapas de 1 semitom) e foram estabelecidas as proporções de movimentos excedendo um determinado limite. Finalmente, analisamos mais detalhadamente se tal ou tal padrão acentual (oxítono, paroxítono ou proparoxítono) ou as fronteiras de palavras favorecem ou desfavorecem um pico na pretônica. As comparações entre médias, variâncias e porcentagens foram feitas a partir de testes t , F e de proporção respectivamente com níveis de significância de 5 %, com o software R (R Development Core Team, 2018).

RESULTADOS

Deve-se notar que, para todos os falantes, os picos melódicos se encontram em mais de 90% em sílaba imediatamente pretônica (posição p-1), em ambos estilos de fala, e isso independentemente do padrão acentual das palavras. A Tabela 2 mostra, para cada falante, as médias e os desvios-padrão das subidas e descidas, bem como a porcentagem de subidas pretônicas superiores a 3 semitons. Segundo 't Hart (1981), este limiar é considerado como uma boa estimativa dos correlatos acústicos de proeminências prosódicas. Os números de subidas e descidas por falantes são os mesmos apresentados na T1.

Pode-se ver nesta Tabela que as mulheres variam menos do que os homens na leitura, tanto para as subidas ($F = 2,7; p < 10^{-6}$) quanto para as descidas ($F = 2,8; p < 10^{-7}$). Em valores médios, em ambos estilos de fala, as mulheres sobem e descem de um semitom mais que os homens (com t de pelo menos 2,03 e p de no máximo 0,05). Esses valores médios se aproximam, no entanto, entre homens e mulheres para as descidas na narração, em que não há significância. Tanto na leitura quanto na narração, as mulheres têm uma porcentagem de subidas superiores a 3 semitons, que é cerca do dobro do que os homens mostram, atingindo mais de 80% para algumas locutoras, diferença significativa em teste de proporção. Entre os dois estilos de fala, não há diferença significativa entre as médias das subidas e descidas, a não ser para descidas nas mulheres ($t = 2,4; p < 0,02$), com um valor médio maior na leitura.

Sujeito.Sexo	Leitura			Narração		
	subidas	descidas	% subida > 3 ST	subidas	descidas	% subida > 3 ST
AG.F	4,8 (2,0)	-8,4 (2,0)	84	6,0	-11,0	94
DF.F	3,9 (1,7)	-8,0 (2,2)	80	3,8	-5,5 (3,9)	50
GR.F	3,7 (1,4)	-6,9 (1,5)	69	4,3	-6,1 (1,9)	67
NP.F	4,0 (1,8)	-9,0 (2,0)	66	2,6	-5,3 (1,8)	60
RA.F	4,7 (1,6)	-9,3 (2,6)	89	4,5	-8,0 (0,9)	100
Média mulheres	4,2 (1,7)	-8,3 (2,1)	78	4,2 (1,9)	-7,2 (2,3)	74
CA.M	4,0 (2,9)	-12 (3,7)	67	3,6	-9,3 (4,7)	63
EM.M	3,0 (1,4)	-7,3 (2,5)	42	2,3	-3,6 (1,8)	25
FA.M	1,9 (7,0)	-0,1 (7,6)	40	3,3	-8,4 (5,7)	50
LC.M	2,5 (1,9)	-8,7 (1,6)	26	4,1	-6,1 (1,3)	33
MT.M	2,1 (0,7)	-7,4 (2,9)	10	2,2	-5,4 (1,1)	25
Média homens	2,8 (2,8)	-7,1 (3,5)	37	3,1 (2,0)	-6,6 (2,9)	39

TABELA 2: Médias (e desvios padrões) das subidas e das descidas em semitons (ST) e porcentagens de subidas superiores a 3 semitons (F = mulheres, M = homens)

A Figura 2 apresenta os histogramas das subidas e descidas em semitons conforme apontado anteriormente bem como as formas típicas dos contornos para todos os falantes, na leitura. Essas formas típicas não são médias, mas contornos reais (entre os 113 disponíveis) cujas subidas e descidas correspondem aos valores médios para um determinado falante. O retângulo à direita do contorno representa a extensão da descida a partir do início da sílaba tônica como indicativo de quanto tempo demora para descer o contorno até o final da palavra. O objetivo desses diagramas não é só mostrar a distribuição de subidas e descidas, mas também comparar as taxas das descidas entre homens e mulheres. Observa-se que a descida é mais rápida para as mulheres do que para os homens, em função de sua maior inclinação nessas últimas (mulheres no lado esquerdo da Figura). Além disso, a extensão dos histogramas no eixo das abscissas indica a variabilidade de uma subida ou descida de contorno melódico, como se vê claramente para CA e MT, em que os valores das descidas variam mais do que as subidas, como se vê no desvio-padrão total na Tabela 2. De fato, a

medida dessa velocidade, na leitura, dá uma queda média de 34,0 ST/s para as mulheres versus 31,7 ST/s para os homens.

Observamos também que os picos pretônicos afetam as palavras oxítonas ou paroxítonas (as proparoxítonas sendo muito poucas no nosso corpus) e que não são bloqueados por uma fronteira de palavra precedendo imediatamente um acento lexical na unidade nuclear. Geralmente, as subidas e descidas estão dentro de um sintagma que consiste em duas palavras, a primeira das quais pode ser: um clítico, o caso mais comum (ex. *de ferro, os lábios, a ele*), um advérbio (ex. *bem longe*) ou um determinante indefinido (ex. *nenhuma falta*). Podem observar-se picos em clíticos precedendo palavras paroxítonas dissilábicas, como nos exemplos citados acima. Essa configuração é muito comum em PB, enquanto que em francês, por exemplo, uma subida melódica no clítico é muito rara (Boula de Mareüil *et al.*, 2011).

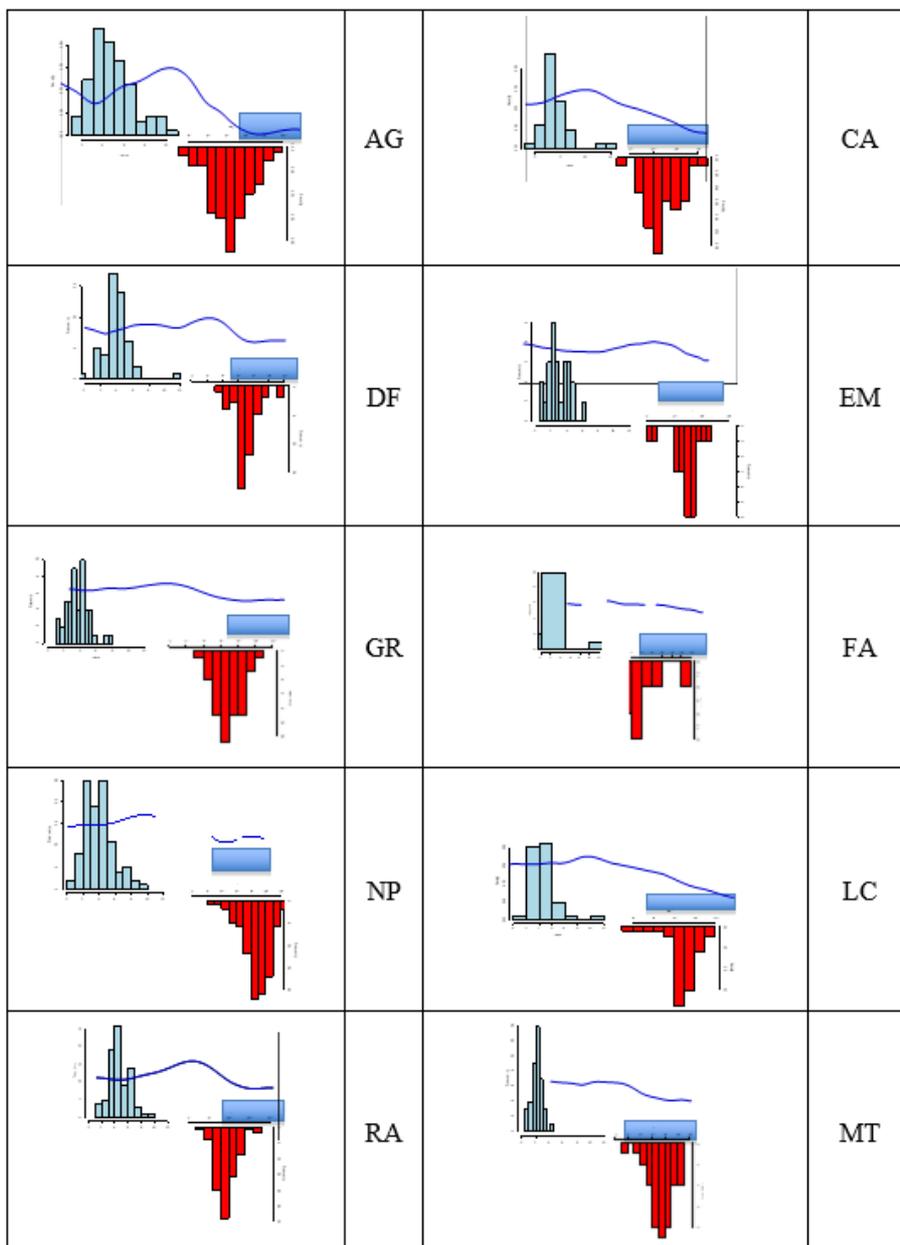


FIGURA 2: Histogramas das extensões em ST das subidas (em azul) e descidas (em vermelho), com os contornos típicos, na leitura, de todos os locutores (à direita) e todas as locutoras (à esquerda).

CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS

Este texto, centrado na medida da produção de contornos entonacionais terminais no português brasileiro da variedade paulista, mostrou uma tendência a fazer preceder o último acento do enunciado por uma subida melódica (de 3–4 semitons) que se prolonga por uma descida (de 7–8 semitons), de forma relativamente regular e recorrente, na leitura como na fala narrada – apesar de uma menor representatividade da fala narrada no nosso corpus. Essa tendência ao pico melódico pretônico foi confirmada recentemente por Boula de Mareüil e Barbosa (2018) em tarefas de imitação de estilo jornalístico, com proporções de picos superiores a 3 semitons que vão de 30 a 50%, tanto em leitura neutra quanto na imitação da locução telejornalística, por leigos e por profissionais, que passam de proporções de 40 a 50% em leitura neutra a 40 a 75% na imitação. Essa tendência se confirma em trabalhos que revelaram que o acento secundário se realiza em português brasileiro através da proeminência da sílaba inicial da palavra (Keller, 2004; Arantes, 2010).

Se nos referimos a escalas musicais, esses intervalos correspondem respectivamente a uma terça e a uma quinta – ver, por exemplo, Day-O’Connell (2012) –, o que provavelmente não é estranho à impressão de língua cantada que pode dar o português brasileiro. A taxa mais elevada de subidas superiores a 3 semitons e descidas mais rápidas, para as mulheres, pode contribuir para reforçar essa impressão por parte das locutoras. Experimentos perceptivos são necessários, envolvendo fala deslexicalizada, para comprovar essa percepção de intervalos musicais transpostos no domínio da fala (Ferreira Netto *et al*, 2013). Eles também deveriam incluir mais falantes (homens e mulheres), de diferentes faixas etárias e de outros locais de investigação no Brasil.

De acordo com muitos estudos sociolinguísticos, as mulheres são pioneiras em matéria de inovação linguística (Labov, 2001). O fato de que o contorno ascendente-descendente que medimos na sílaba pretônica apareça como um traço feminino mais que masculino, portanto, precisa ser estudado com mais atenção. Uma comparação com as gravações de falantes mais idosos também permitiria ver, em tempo aparente, se uma mudança linguística está em andamento. O mesmo corpus, já gravado com falantes de português europeu, deveria, num futuro próximo, informar-nos sobre a especificidade brasileira do padrão prosódico estudado, visto que esse padrão não se observa em Portugal, segundo nossas primeiras escutas informais.

Finalmente, como o mesmo protocolo foi aplicado em francês, que é em muitos aspectos diferente em termos de prosódia, outras comparações serão possíveis.

AGRADECIMENTOS

O trabalho aqui apresentado foi financiado pelo programa “Cadeiras franco-brasileiras no estado de São Paulo”, uma parceria entre a Unicamp e o Consulado Geral da França em São Paulo concedida ao primeiro autor. O segundo autor desenvolveu a sua pesquisa graças à concessão de uma bolsa do CNPq #301387/2011-7. Ambos os autores são gratos a Robson R. Monteiro e a Tommaso Raso pela sua inestimável assistência a este estudo.

REFERÊNCIAS

ARANTES, P. (2010). **Integrando produção e percepção de proeminências secundárias numa abordagem dinâmica do ritmo da fala**. Tese de doutorado. Unicamp. Campinas.

BARBOSA, P. A. (2006). **Incursões em torno do ritmo da fala**. Pontes. Campinas.

BARBOSA, P. A.; MADUREIRA, S.; BOULA DE MAREÛIL, P. (2017). Cross-linguistic Distinctions between Professional and Non-Professional Speaking Styles. **18thAnnual Conference of the International Speech Communication Association**. Stockholm. 3021–3025.

BARONE, M. (2013). A comparative study on high pre-tonic pitch accents between a Brazilian Portuguese and an Italian variety: a case of supra-segmental reanalysis. **IV Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala**, Maceió, 1–5.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. (2015). **Praat**: doing phonetics by computer (Version 5.4.22) [Software]. Consultado a 18.08.2021 em <http://www.praat.org/>.

BOULA DE MAREÛIL, P.; RILLIARD, A.; ALLAUZEN, A. (2011). A diachronic study of initial stress and other prosodic features in the French news announcer style: corpus-based measurements and perceptual experiments. **Language and Speech**. 55(2). 263–293.

BOULA DE MAREÛIL, P. e BARBOSA, P. A. (2018). Caractérisation de styles de parole et d’accents étrangers à travers l’imitation : comparaisons entre français et portugais brésilien. **Revue française de linguistique appliquée**. 23(1). 31–44.

- CARDOSO, S. *et al.* (2014). **Atlas linguístico do Brasil** – Volume 1 – Introdução e Volume 2 – Cartas linguísticas. Eduel. Londrina.
- CARTON, F. ; ESPESSER, R. ; VAISSIERE, J. (1991). Étude sur la perception de l'“accent” régional du Nord et de l'Est de la France. **12^e Congrès International des Sciences Phonétiques**. Aix-en-Provence. 422–425.
- CASTRO DA SILVA, C. C. (2016). **A prosódia da negação no português brasileiro**: as realizações do “não”. Tese de doutorado. UFRJ. Rio de Janeiro.
- CINTRA, G. (1997). Distribuição de padrões acentuais no vocábulo em português. **Confluência**. 5(3). 82–93.
- CRESTI, E. (2000). **Corpus di italiano parlato**, vol. I-II, [CD-ROM]. Accademia della Crusca. Florença.
- CUNHA, C. S. (2000). **Entoação regional no português do Brasil**. Tese de doutorado. UFRJ. Rio de Janeiro.
- DAY-O'CONNELL, J. (2012). Speech, song, and the minor third: An acoustic study of the stylized interjection. **Music Perception**. 30(5). 441–462.
- DOGIL, G., e BRAUN, G. (1988). **The PIVOT model of speech parsing**. Academie Verlag. Viena.
- FERNANDES, F. R. (2007). **Ordem, focalização e preenchimento em português**: sintaxe e prosódia. Tese de doutorado. Unicamp. Campinas.
- FERREIRA NETTO, W., *et al.* (2013). Análise automática de manifestações emocionais de tristeza e cólera em PB: abordagem pelo programa ExProsodia. **Leitura**. 52. 43–65.
- FÓNAGY, I. (1983). **La vive voix**. Essais de psycho-phonétique. Payot. Paris.
- FÓNAGY, I.; BÉRARD, E.; FÓNAGY, J. (1983). Clichés mélodiques. **Folia linguistica**. 17. 153–185.
- FREITAG, R. M. K., *et al.* (2015). Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. **Todas as letras**. 18(2). 64–84.

FROTA, S. e MORAES, J. A. de (2016). Intonation in European and Brazilian Portuguese. In: W. L. Wetzels, S. Menuzzi. e J. Costa (ed.). **The Handbook of Portuguese Linguistics**. Willey-Blackwell. Malden. 141–166.

FROTA, S. e VIGÁRIO, M. (2000). Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB”. In: R. V. Castro e P. A. Barbosa (ed.), **Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. APL. Coimbra. 533–555.

FROTA, S., *et al.* (2015). Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In S. Frota e P. Prieto (ed.). **Intonation in Romance**. Oxford University Press, Oxford, 235–283.

KELLER, T. (2004). **Um estudo experimental do acento secundário no português brasileiro**. Dissertação de mestrado. UFRGS. Rio Grande do Sul.

LABOV, W. (2001). **Principles of linguistic change**. Social factors. Blackwell. Oxford.

MORAES, J. A. de. (2008). The pitch accents in Brazilian Portuguese: Analysis by synthesis. **4th International Conference on Speech Prosody**. Campinas. 389–397.

PETTORINO, M. *et al.* (2013). VtoV: A perceptual cue for rhythm identification. **International Prosody-Discourse Interface Conference**. Leuven. 101–106.

R DEVELOPMENT CORE TEAM. (2018). **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing. Viena.

RASO, T.; MELLO, H. (org.). (2012). *C-ORAL-BRASIL I. Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Editora UFMG. Belo Horizonte.

SERRA, C. R. (2009). **Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil**. Tese de doutorado. UFRJ. Rio de Janeiro.

SERRA, C. R. (20016). A interface prosódia-sintaxe e o fraseamento prosódico no português do Brasil. **Journal of Speech Sciences**. 5. 47–86.

SILVESTRE, A. P. S. (2012). **A entoação regional dos enunciados assertivos nos falares das capitais brasileiras**. Dissertação de mestrado. UFRJ. Rio de Janeiro.

'T HART, J. (1981). Differential sensitivity to pitch distance, particularly in speech. **Journal of the Acoustical Society of America**. 69(3). 811–821.

TENANI, L. E. (2002). **Domínios prosódicos do português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos**. Tese de doutorado. Unicamp. Campinas.

ESTRUTURAS DESGARRADAS À LUZ DA TEORIA DA ESTRUTURA RETÓRICA

Maria Beatriz Nascimento Decat

<https://orcid.org/0000-0003-2464-2617>

INTRODUÇÃO: O FENÔMENO DO ‘DESGARRAMENTO’

O objetivo deste trabalho é mostrar como a Teoria da Estrutura Retórica – *RST* pode contribuir para a caracterização de “estruturas desgarradas” no português em uso. Pretendo apresentar uma análise sob o viés dessa teoria funcionalista para explicar alguns aspectos do desgarramento em português, em termos das **relações retóricas** – aqui entendidas como **relações semântico-pragmáticas**, ou **relações de coerência** – que as estruturas desgarradas estabelecem com outras porções do texto, indicadas no contexto.

Primeiramente, é preciso explicar o que vem a ser “estrutura desgarrada”, como venho chamando já há algum tempo (desde 1999). Trata-se de estruturas que, tidas como subordinadas e dependentes pela Gramática Tradicional, em seu viés normativo, ocorrem de forma solta, isolada, como um enunciado independente na língua escrita, como nos mostra o texto de Saramago, dado em (1), abaixo, que me tem servido de ponto de partida em minhas discussões sobre as desgarradas, no qual a oração *Mesmo quando estivermos a utilizar a nossa própria língua* é uma estrutura adverbial concessiva desgarrada:

- (1) Escrever é traduzir. **Mesmo quando estivermos a utilizar a nossa própria língua.**⁹

As pesquisas que desenvolvi até o presente momento são baseadas num *corpus*, de caráter aberto, dinâmico – porque sempre recebe acréscimos –, constituído de ocorrências encontradas em jornais e revistas, do Brasil e de Portugal, em trabalhos acadêmicos de alunos, professores e pesquisadores da língua portuguesa, em *e-mails*, em páginas da *Internet* (portais diversos),

⁹ Neste trabalho, as estruturas desgarradas são destacadas em negrito. Todos os outros destaques feitos no texto ou nos exemplos são de minha responsabilidade.

em anúncios publicitários e em romances. As ocorrências são retiradas de textos de gêneros textuais diversos.

Em recente tratamento dado ao fenômeno do desgarramento, elenquei (Decat, 2021) as seguintes características de uma estrutura desgarrada, a partir dos resultados proporcionados pelas análises que desenvolvi ao longo dos últimos vinte anos:

1. Tem existência própria, constituindo uma **unidade de informação**, e sendo,
por isso, independente na forma.
2. Ocorre depois de uma **pausa**, representada por um ponto final na escrita, e, na oral, depois de um **contorno entonacional de final de enunciado**.¹⁰
3. É uma escolha, uma **opção organizacional** para a construção do texto.
4. Objetiva a **focalização**.
5. Relaciona-se com a porção textual anterior, **retomando/recuperando um referente**, seja ele um item lexical, uma ideia ou um conjunto de ideias.
6. Mantém uma relação retórica de **satélite** da porção núcleo.
7. Tem caráter **interacional**.
8. É uma estrutura **hipotática**, não sendo, por isso, encaixada.
9. Tem função textual-discursiva predominante de **adendo**.
10. Ocorre **posposta** à porção textual com a qual se relaciona.
11. Tem caráter **parentético**, interrompendo o fluxo informacional.
12. Equivale, quanto ao funcionamento, a um SN **'solto'**.

¹⁰ Embora minhas análises tenham se baseado na língua escrita em uso, achei por bem colocar, aqui, uma das características dadas por Chafe (1980, 1988 e 1994) para caracterizar a unidade informacional na língua oral. Para a discussão sobre unidade informacional, consulte-se também Decat (2014b).

As estruturas desgarradas são orações de valor hipotático, como as orações adverbiais (em sua forma finita ou nas formas nominais de gerúndio, particípio e infinitivo) e as orações relativas apositivas. Por serem estruturas de hipotaxe, fazem parte do mecanismo de **combinação/articulação** de orações, O que lhes permite a ocorrência desgarrada. Já as orações completivas e as relativas restritivas não se apresentam de forma desgarrada, por se enquadrarem no mecanismo de **encaixamento**, estando, portanto, **em constituição com** alguma parte de outra oração. Exceções podem acontecer, quando as completivas e as relativas restritivas estiverem servindo a fins específicos de **focalização**, que é a maior e mais abrangente função textual de uma estrutura desgarrada.

Quero esclarecer que minhas pesquisas se ativeram à modalidade escrita do português; mas tais estruturas ocorrem também na modalidade oral, depois de uma pausa mais longa, como no exemplo (2) do conjunto de ocorrências a seguir:

- (2) os sindicatos são entidades portanto...que não são obrigadas...a pagar
o chamado imposto sobre a renda...**porque são entidades sem fins lucrativos** (DID-RE-131:145-149, apud Neves, 1999, p. 463)
- (3) Visite já os escritórios da GreiMed e realize o seu sonho. **Enquanto pode.** (Visão, n. 343, Lisboa, 7 a 13 de outubro de 1999, p. 13 – PE)¹¹
- (4) E quantos são os órfãos da COVID? Quantas vidas teriam sido poupadas se a vacina tivesse sido comprada mais cedo? **Se a vacinação dos brasileiros tivesse começado antes?** (Bebel Soares, *Mãe#ForaBolsonaro*. Estado De Minas, 04 de julho de 2021. Caderno Bem Viver. Coluna Padecendo, p. 6)
- (5) E o governador do DF demitiu mesmo o gerúndio. **Sendo que o problema de Brasília não é o gerúndio, é o passado.** E não é questão de verbo, mas de verba! (José Simão, *Buamba! O Congreço é um suceço!* Folha De S. Paulo – Ilustrada, 04/10/2007 – Online)
- (6) [...] Existem cidades actuais, modernas... e cidades que se adiantaram no tempo. Desenhadas para serem percorridas. **Para nelas mergulharmos.** (Visão, nº 342, 7 a 13 de outubro de 1999, p. 29 –PE)

¹¹ Alguns exemplos dados neste trabalho são do Português Europeu - PE

- (7) Pois parte da sociedade brasileira não está se transformando em algo ruim. Parte sempre foi isso aí mesmo: racista, homofóbica, transfóbica, xenófoba, preconceituosa, discriminadora, elitista, machista inquisidora.

Que não reconhece no outro um semelhante porque não foi educada para conviver com as diferenças. (Leonardo Sakamoto, *Veja o lado positivo: agora sabemos quem é racista, machista, homofóbico* <http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/06/09>).

No caso do exemplo (2), de língua falada, a estrutura desgarrada porque são entidades sem fins lucrativos - que ocorre depois de uma pausa longa e contorno entonacional descendente, como o de final de frase na modalidade oral - é uma oração adverbial de causa. Em (3), a oração adverbial que ocorre desgarrada - *Enquanto pode* - veicula uma relação de condição (ou até mesmo de tempo) mantida com a porção anterior do texto. A noção de condicionalidade está presente, no exemplo (4), na relação entre a estrutura desgarrada *Se a vacinação dos brasileiros tivesse começado antes* e a oração *Quantas vidas teriam sido poupadas*, com a qual ela se relaciona. Em (5) tem-se uma ocorrência de estrutura desgarrada com o verbo na forma nominal de gerúndio - *Sendo que o problema de Brasília não é o gerúndio, é o passado* - mantendo com a porção anterior uma relação de concessividade, ou mesmo de contraste, numa outra leitura. Já no exemplo (6), a estrutura desgarrada *Para nela mergulharmos* - um exemplo do português europeu - é uma oração adverbial de finalidade (ou propósito). Finalmente, em (7) tem-se uma oração relativa apositiva - *Que não reconhece no outro um semelhante porque não foi educada para conviver com as diferenças* - que é, por sua vez, uma continuação da lista de características atribuídas à sociedade brasileira, que é o referente da oração relativa.

Quanto às orações relativas apositivas, o formato da ocorrência (melhor dizendo, sua materialização na língua) pode ser variado, como nas ocorrências a seguir (além de outras dadas anteriormente):

- (8) Fica, então, a questão do próprio estatuto dessa apreensão abstrata do contexto: ela não é apenas uma restrição metodológica ilusória, uma forma de ocultar o “impudor” do trabalho psicossocial que funciona em qualquer produção textual? **Trabalho esse que consiste**

em decisões descritas por Adam, aliás, de forma muito explícita(...). *Decisões essas que são tomadas por um agente-produtor determinado(...).* (Bronckart, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: EDUC, p. 147-148) - (Formato [. N + especificador + que])¹².

- (9) O caso tem recebido atenção moderada. Nada que se compare com a enxurrada de notícias negativas recebidas por Diana e Meghan Markle, por exemplo. **Mulheres que, vamos deixar claro, não foram acusadas de nenhum crime nessa linha.** (Nina Lemos, UOL Universa, <http://ninalemos.blogosfera.uol.com.br/2020/08/04> - Acessado em [04/08/2020](http://ninalemos.blogosfera.uol.com.br/2020/08/04), às 19h03min) – (Formato [. N + que/o(a) qual]).

Nos exemplos (10) e (11), a seguir, a estrutura desgarrada tem o mesmo formato de materialização, qual seja [. O/A + que/qual]:

- (10) As folhas da planta, de coloração verde-intenso, possuem textura enrugada, cujas nervuras, na cor vinho-amarronzado, partem direto do pecíolo, desenhando uma espécie de cruz, que lembra a cruz-de-malta. **A qual originou o nome da planta.** (http://www.plantasonya.com.br/cultivos-e-cuidados/como_cuidar-e-multiplicar-a-begonia-cruz-de-ferro-begonia-masoniana.html).
- (11) Outra coisa que aprendi: como morador, se tiver um automóvel, tenho direito a estacionar no meu bairro e em alguns bairros selecionados de acordo com o imposto que pago daquela área. **O que faz com que tenha sempre lugar para os moradores daquele bairro estacionarem.** (Guilherme Azevedo, Do UOL, em São Paulo, <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2018/04/21>).

Não vou me estender, aqui, em considerações mais detalhadas sobre esse tipo de estruturas, em função do objetivo deste trabalho.¹³ Apenas alguns aspectos serão discutidos na presente análise, quando pretendo mostrar que a Teoria da Estrutura Retórica nos fornece meios de explicarmos, no campo

¹² Para mais detalhes sobre o formato das estruturas desgarradas relativas apositivas, consulte-se Decat (2011)

¹³ Para mais informações sobre o assunto, podem-se consultar o livro “Desgarramento, subordinação discursiva e insubordinação: abordagens funcionalistas”, de Decat et al, com estudos de seis autores, e o livro “Estruturas desgarradas em língua portuguesa”, de Decat (2011), ambos publicados pela Pontes Editores.

semântico-pragmático, algumas das características elencadas em Decat (2021, p. 37).

CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA DA ESTRUTURA RETÓRICA

Este estudo embasa-se na Teoria da Estrutura Retórica – doravante *RST* –, que é uma teoria funcionalista de orientação americana da costa oeste dos Estados Unidos, criada na década de 1980, tendo como seus fundadores William Mann e Sandra Thompson. Antes de mais nada, é preciso entender o uso feito por essa teoria dos termos “estrutura” e “retórica”. O primeiro termo é usado no sentido organizacional, referindo-se à descrição das partes que se combinam para a formação do texto. Já o termo “retórica” indica que a teoria procura entender como essa organização atende aos propósitos comunicativos do usuário da língua. Nos termos de Pardo (2005, p. 9), a teoria é retórica porque procura desvendar “o meio pelo qual um texto é organizado para satisfazer seu objetivo comunicativo subjacente, representando, portanto, a organização funcional do texto, qual a função de suas partes para que o objetivo comunicativo do texto seja satisfeito”. Entende-se, pois, que a estrutura retórica é funcional. Segundo essa teoria, os textos são formados por porções – ou *spans* – maiores ou menores (desde orações até porções maiores do texto), que se relacionam hierarquicamente de diferentes maneiras, por meio de relações entre os diferentes níveis de informação sugerida pelo texto. A noção de hierarquia é, então, fundamental para a *RST*. As relações, além de semânticas, são também pragmáticas uma vez que são estabelecidas pelo autor do texto de forma consciente, para conseguir que seu interlocutor faça algo.

Por ser uma teoria organizacional, que atribui a cada parte do texto um papel específico, a *RST* tem também, como princípio fundamental, a coerência textual, ao procurar uma explicação para os princípios de combinação entre as partes que compõem o texto.

Outra postulação da *RST* é a de que a gramática da articulação de orações espelha a organização do discurso, em termos de relações **núcleo-satélite**, que são **mononucleares**, e relações **multinucleares**. Trabalha-se, nela, com a noção de **proposição relacional** (cf. Mann e Thompson, 1983), que é uma relação implícita, não determinada, mas inferida, e refere-se ao significado

que emerge entre duas porções textuais, sejam elas orações ou não, independentemente de qualquer marca formal que identifique tal significado. Isso quer dizer que não há necessidade da presença de um conector para que se entenda a relação que surge entre as orações (cf. Taboada, 2006). Marcadores, como os conectores, não têm eficiência para apontar quais relações ocorrem na organização do texto. Essas proposições implícitas veiculam relações como **contraste, antítese, concessão, finalidade, elaboração, justificativa, avaliação, solução**, entre outras.

As relações na *RST* são definidas levando-se em conta várias condições. Assim, numa relação como a de **evidência**, deve-se estar atento para: as **condições (ou restrições) sobre o núcleo (N)**, segundo as quais o leitor (ou interlocutor) pode não acreditar no núcleo de modo satisfatório para o produtor do texto; as **condições sobre o satélite (S)**, que determinam que o autor acredita no conteúdo do núcleo ou o acha crível; as **condições sobre a combinação núcleo + satélite (N+S)**, que vão indicar que a compreensão do leitor/interlocutor sobre o satélite aumenta sua crença no conteúdo do núcleo; o **efeito**, que será o de que a crença do leitor no conteúdo do núcleo é aumentada; e o **locus** do efeito, que é o núcleo, o lugar onde incide o efeito da relação de **evidência**. Qualquer que seja a relação que esteja sendo descrita, é preciso que se reforce a importância do efeito, que aponta para o caráter funcional das relações na *RST*.

A *RST* auxilia na verificação da **autonomia formal** das estruturas desgarradas, servindo para explicar sua ocorrência independente na forma e mostrando que elas continuam mantendo um vínculo semântico com a porção textual (maior ou menor) ou com a oração que as antecede, funcionando retoricamente como **satélites** de um **núcleo precedente**.

Nas relações retóricas do tipo núcleo-satélite, tem-se o **núcleo**, que é a parte central, a que dá origem a outra, nesse caso o **satélite**, que subsidia o núcleo para sua interpretação. Não há ordem fixa entre essas partes, e pode haver mais de um satélite subsidiando um mesmo núcleo. Nas relações **multinucleares**, cada porção do texto constitui, por si própria, um núcleo. É o caso das relações de **contraste, lista e sequência**. Mann e Thompson (1988) propuseram um conjunto de relações retóricas do tipo núcleo-satélite, dentre elas as relações de **solução, causa, preparação, tempo**,

propósito, condição, elaboração¹⁴. Tais relações se distribuem, segundo aqueles autores, em relações de *apresentação*, que são pragmáticas, por terem como efeito aumentar a inclinação do leitor/interlocutor para agir, concordando ou aceitando o que está dito no núcleo; e as relações de *conteúdo* (ou *assunto*), que são semânticas, cujo efeito é fazer com que o leitor/interlocutor reconheça a relação estabelecida entre as porções textuais. No caso das relações semânticas, ou de conteúdo, o *locus* do efeito pode estar tanto no núcleo quanto no satélite, dada a necessidade de que o leitor compreenda tanto um quanto o outro para poder reconhecer a relação emergente entre eles. Mann e Thompson (1988) também propuseram um conjunto de relações multinucleares, dentre elas as de **contraste, lista e sequência**. Qualquer que seja o tipo, as relações têm a ver com a intenção comunicativa do falante/escritor, com a avaliação que ele faz a respeito de seu interlocutor (ouvinte/leitor), o que acaba por refletir suas escolhas, como usuário da língua, para a organização de seu texto/discurso. Os autores deixaram registrado que não se trata de um rol fechado e definitivo de relações, podendo esse conjunto receber acréscimos, como já o fizeram Carlson e Marcu (2001), ao sugerirem muitas outras relações. Alguns pesquisadores brasileiros também propuseram algumas relações para o rol dado em Mann e Thompson (1988), como Pardo (2005), Correia (2011) e Caixeta (2015), a partir de análises de textos de gêneros diversos.

O diagrama a seguir, elaborado, assim como todos os outros presentes neste trabalho, com o auxílio da ferramenta computacional RSTTool (O'Donnell, 1997), mostra a estrutura retórica global de um texto do gênero receita culinária, no qual ocorrem relações de diferentes valores semânticos.

Mousse de limão¹⁵

INGREDIENTES

1 lata de leite condensado

1 lata de creme de leite

½ xícara de suco de limão

MODO DE PREPARO

Coloque no liquidificador o creme de leite e o leite condensado.

¹⁴ O conjunto completo dessas relações pode ser encontrado em <http://www.sfu.ca/rst>

¹⁵ Esse texto não recebeu numeração por não fazer parte do conjunto de ocorrências de estruturas desgarradas analisadas no presente trabalho, estando servindo, pois, somente para ilustrar o resultado da aplicação da ferramenta RSTTool para elaboração de diagramas.

Bata um pouco e depois vá acrescentando o suco do limão, aos poucos. Ele vai ficar bem consistente, leve à geladeira.
(Fonte: <http://www.tudogostoso.com.br> Acesso em 18/07/2017)

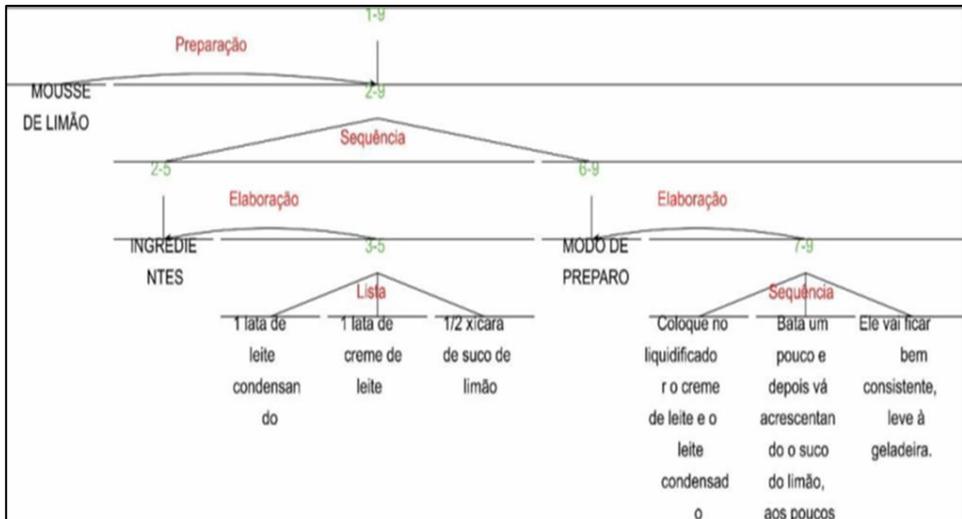


Diagrama 1 – Estrutura retórica do texto “Mousse de limão”

Fonte: Correia, 2018, p. 56

Nesse diagrama, as linhas horizontais marcam as porções de texto, maiores ou menores, dentro de uma hierarquia estrutural. As linhas verticais representam o núcleo, a parte central da porção, a que dá origem ao satélite, no caso de uma relação do tipo núcleo-satélite. As linhas curvas representam a relação entre o núcleo e o satélite, com a seta apontando do satélite em direção ao núcleo. As linhas oblíquas indicam relações multinucleares, em que cada porção é um núcleo por si só (mas que pode ter um satélite relacionado a ele), o que não é o caso no exemplo ilustrado pelo Diagrama 1.

Observe-se que o diagrama exibe toda a estrutura organizacional, ou retórica, do texto, numa hierarquia que vai das porções mais altas para as mais baixas. De início, percebem-se duas grandes porções, que têm o texto completo como núcleo, e o título como o satélite que prepara o leitor para o que vem a seguir; daí a relação retórica de **preparação**. Por sua vez, o núcleo dessa primeira divisão vai se subdividindo em porções cada vez

menores, exibindo as relações retóricas não só do tipo multinuclear – como as de **sequência e lista** – mas também do tipo núcleo-satélite, como é o caso da relação de **elaboração**, que emerge no texto duas vezes, em porções textuais distintas, dando detalhes, especificando seus respectivos núcleos. Assim, o núcleo constituído da porção “Ingredientes” é elaborado pelo satélite constituído de uma lista de produtos que especificam os ingredientes da receita culinária. Da mesma forma acontece com a outra porção constituída do “Modo de preparo” e da sequência de procedimentos que detalham a execução da ação.

ANÁLISE DE ESTRUTURAS DESGARRADAS À LUZ DA RST

É a partir das postulações constantes no arcabouço teórico da *RST* que apresento, a seguir, a análise de algumas estruturas desgarradas, procurando evidenciar que se trata de um desgarramento somente quanto à **forma**, uma vez que a relação semântica permanece.

Serão discutidas, no decorrer do trabalho, tanto ocorrências em que as estruturas desgarradas mantêm o valor semântico das orações adverbiais tais como dadas na Gramática Tradicional, quanto ocorrências em que emergem outros tipos de relações retóricas não discutidas pelas gramáticas e pelos livros didáticos em geral.

(12) E naquela noite, Célius, ao sair da sede do Jornal da Cidade, notou que estava sendo seguido por um dedo-duro. **Um cara que, pelos favores prestados à repressão, ganhou um polpudo cargo em um banco oficial.** (Viana, Arnaldo. *Uma avó e um 38 atrás da cortina*. Estado De Minas, Caderno Cultura, 29/06/2012, p. 6)

(13) Asseguro que permaneceremos irredutíveis na garantia do sigilo da comunicação entre advogado e cliente. **Garantia que é do cidadão, e não do advogado.** (Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2002-19-07/para-presidente-da-oab-bolsonaro-age-com-cureldade-e-falta-de-empatia.shtml>).

As estruturas destacadas nas ocorrências anteriores são por mim consideradas como relativas apositivas, conforme já apontado em Decat

(2011)¹⁶. A análise de (12) e (13) pela *RST* leva o analista a detectar a emergência de uma relação retórica (ou proposição relacional) de **elaboração por especificação**, uma vez que a oração relativa dá detalhes sobre o que é dito na porção anterior. Ou seja, em (12) a oração relativa destacada é um satélite do núcleo *E naquela noite, Célius, ao sair da sede do Jornal da Cidade, notou que estava sendo seguido por um dedo-duro*. O fato de vir numa forma desgarrada não impede a emergência da relação retórica entre as duas porções. Vê-se, portanto, que o desgarramento é formal, mas não semântico. Análise semelhante pode ser atribuída à ocorrência (13), onde também emerge a relação de elaboração entre a oração desgarrada relativa apositiva, formalmente desgarrada da porção núcleo *Asseguro que permaneceremos irredutíveis na garantia do sigilo da comunicação entre advogado e cliente*. Nesse caso, a estrutura desgarrada retoma um referente ocorrido no núcleo, e se inicia com ele. Os Diagramas 2 e 3, a seguir, evidenciam esse caráter unicamente formal do desgarramento.

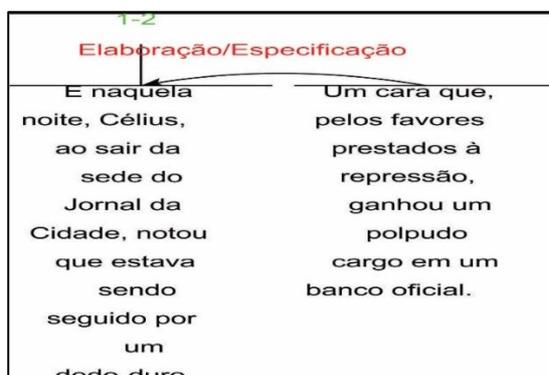


Diagrama 2 – Estrutura retórica de (12)

¹⁶ Não é levada em consideração, na presente análise, a estrutura interna da oração relativa apositiva, que pode abarcar outra(s) oração(ões) dentro dela.

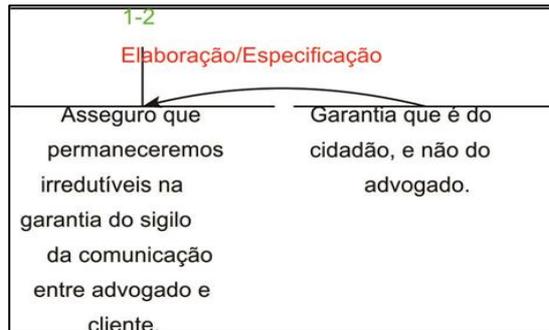


Diagrama 3 – Estrutura retórica de (13)

A relação retórica de **evidência** é a que emerge entre a estrutura desgarrada *Porque seu cão adora!* e a porção núcleo que a antecede, na ocorrência (14), com sua organização retórica representada pelo Diagrama 4, a seguir:

- (14) Que bom que você confia.
Porque seu cão adora!
 (Propaganda da Pedigree)



Diagrama 4 – Estrutura retórica de (14)

A relação de **evidência** revela a intenção do autor de fazer com que o que é dito no satélite aumente a possibilidade de crença do leitor (ou do ouvinte, se fosse uma ocorrência de língua falada) naquilo que ele, o autor, diz, aceitando a informação contida no núcleo. Pode-se dizer que essa relação serve à estratégia de convencimento do leitor sobre a verdade do que é dito no núcleo.

Estruturas semelhantes a (14), no que diz respeito à organização retórica e ao conector que inicia a estrutura desgarrada, são as ocorrências (15) e (16), a seguir, com seus respectivos diagramas 5 e 6:

- (15) A alternativa a isso, historicamente, passou por saídas rápidas, vazias, populistas e, não raro, autoritárias e enganosas. **Porque não há nada mais político do que algo que se diz não-político.** (Sakamoto, Leonardo. *Quem pariu o clima de loucura na política não pode reclamar do Luciano Huck*. **Blog do Sakamoto**. UOL Notícias – Acessado em 09/02/2018)
- (16) Existe algo mais brega do que um rico roubando? Algo mais chique do que um pobre honesto? É sobre isso que a pessoa quer falar, apesar de tudo que está acontecendo. **Porque só o bom gosto pode salvar este país.** (Young, Fernanda. *Cafonice detesta a arte*. O Globo, 25/08/2019 – Atualizado em 26/08/2019)

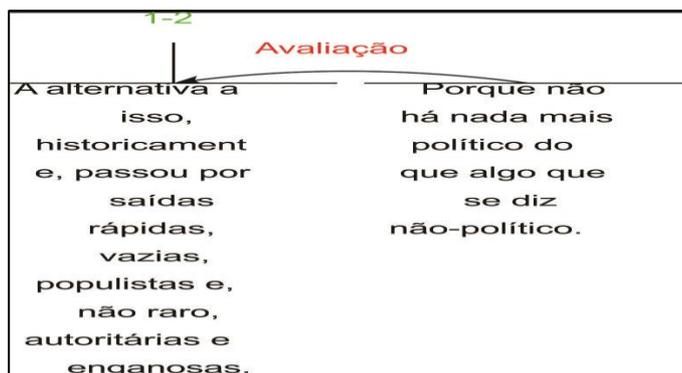


Diagrama 5 – Estrutura retórica de (15)



Diagrama 6 – Estrutura retórica de (16)

Em (15) e (16), a relação que emerge entre o núcleo e o satélite não é a de evidência, como visto em (14), mesmo tendo aparecido, nos três exemplos em discussão, o conector *porque*. Diferentemente de (14), a relação retórica emergida em (15) e (16), e sinalizada pelo conector, é a de **avaliação**, uma vez que o satélite (a estrutura desgarrada) materializa a intenção do autor/falante de levar o leitor a reconhecer o valor que é atribuído ao que foi dito no núcleo. O que aconteceu nessas ocorrências reafirma o que Mann e Thompson (1988) e Taboada (2006) postularam sobre o papel do conector para a identificação da relação retórica: é um papel apenas de sinalizador, ou mesmo de reforço para o entendimento da relação, mas sua ocorrência não é imprescindível.

As duas próximas ocorrências (17 e 18), acompanhadas de seus respectivos diagramas 7 e 8, corroboram, ainda que aparentemente indiquem o contrário, minha postulação (cf. Decat, 2021) de que a estrutura desgarrada ocorre **sempre posposta** à porção com a qual se relaciona.

- (17) Se souberem e fecharem os olhos permitindo que os crimes continuem, porque “afinal no Brasil é assim, sempre foi assim, e assim é por toda parte”, serão pelo menos cúmplices, ainda que não metam a mão pessoalmente no dinheiro (que neste caso se acumula em milhões e bilhões).

Dinheiro que faz uma desesperada falta em todos os aspectos tão carentes do país de que os responsáveis não cuidaram, ocupados em conseguir mais poder. (Luft, Lya. *A nação estarecida*. Revista Veja, 18/02/2015)

- (18) Os seus dez romances em conjunto são, desde já, um fato da história literária; cada um daqueles romances é um fato, todos eles são cheio de fatos numa riqueza que é a da própria vida orgânica, espontânea e como que sem problema. José Lins do Rêgo não é um escritor problemático.

Verificação que me deixa perplexo. José Lins do Rêgo não é um escritor problemático como não é problemática a própria vida. (Capeaux, Otto Maria. *O Brasileiríssimo José Lins do Rêgo* (Prefácio).

In: Rêgo, José Lins do. *Fogo Morto. I Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1972, p. 21-22)*

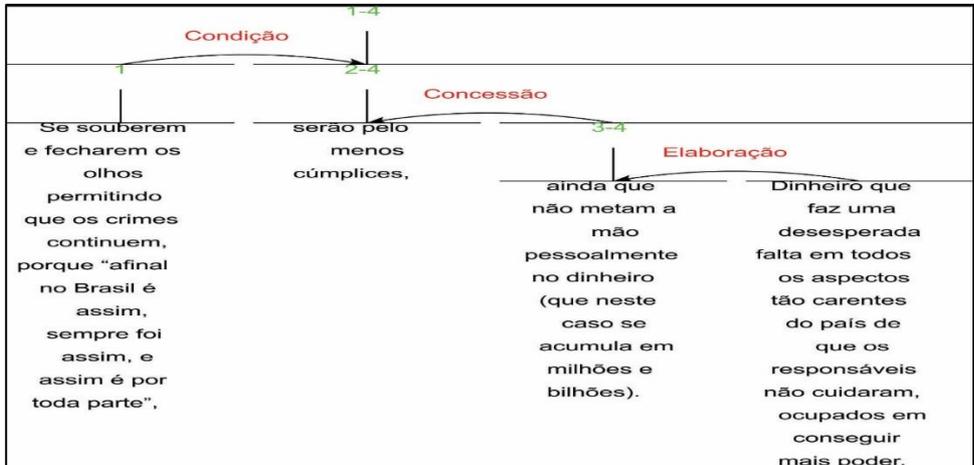


Diagrama (7) – Estrutura retórica de (17)

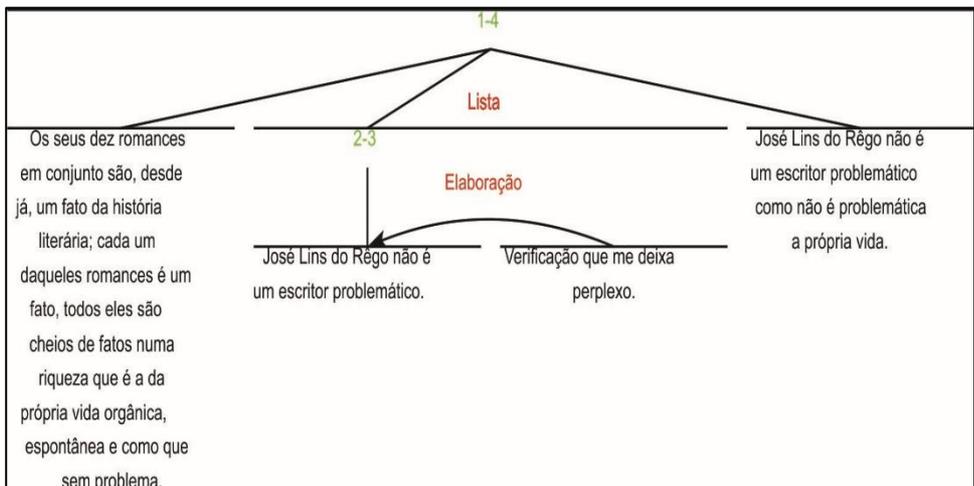


Diagrama (8) – Estrutura retórica de (18)

À primeira vista, em ambos os exemplos - com relativas apositivas que mantêm, com seus núcleos, a relação retórica de **elaboração** – a estrutura desgarrada está iniciando um parágrafo “material” (melhor dizendo, há um recuo de parágrafo) na língua escrita. As estruturas dadas em (17) e (18) não mantêm uma relação retórica com a porção textual que as segue, mas relacionam-se com o que veio antes delas, numa função textual de **retomada**. A anteposição apresentada nos textos resulta de um equívoco na redação do autor, ou, pelo menos, de um erro de composição tipográfica (ou de digitação), um problema de editoração.

Muitas vezes surge, na análise baseada na RST, a possibilidade de emergência de mais de um significado entre as partes sob estudo (sejam elas orações ou porções maiores de texto), dando origem a mais de uma interpretação, ou ambiguidade, quanto à relação que se estabelece entre essas partes. É o que comumente é chamado de **sobreposição**, conforme já apontado por Ford (1986). Nesse caso, as relações retóricas funcionam simultaneamente, e a sua identificação passa por julgamentos de **plausibilidade**. Tais julgamentos levam em conta o propósito comunicativo do texto e se baseiam em critérios semânticos e pragmáticos, uma vez que aquele que faz a análise lida com o texto já produzido, mas não tem acesso a quem o produziu (nem mesmo a seu interlocutor). Assim, o analista se vale mais de julgamentos de plausibilidade do que de ‘certezas’ quando tem de decidir sobre qual relação melhor reflete a intenção comunicativa. Como afirmam Mann e Thompson (1988, p. 258), “a definição [de uma relação] se aplica somente se é plausível para o analista que o escritor quis usar esta porção do texto para alcançar o EFEITO”. Daí decorre que uma análise não pode ser vista como mais correta que outra, pois múltiplas análises podem ser devidas a diferenças de julgamentos de plausibilidade.

Em algumas ocorrências analisadas, foi possível apontar casos de sobreposição de significados, como se pode observar em (19) e sua respectiva estrutura retórica exibida no Diagrama 9.

- (19) Este livro demonstra como o projeto articulou de forma produtiva os três pilares da universidade. **Ensino entendido em todas as suas dimensões: básico, graduação e pós-graduação.** Pesquisa que dialoga com seus participantes e junto com eles alimenta com novos conhecimentos não apenas os diretamente envolvidos, mas

também os leitores interessados em formação de professores.
Extensão que leva as ações da universidade para além de seus muros e também traz para dentro do espaço acadêmico os professores do ensino básico. (Paiva, Vera L. M. de Oliveira e. Quarta Capa. In: Dutra, D.P.; Mello, H.R. *Educação Continuada: Diálogos entre Ensino, Pesquisa e Extensão*. UFMG).

Na porção textual (19), uma primeira divisão hierárquica pode ser estabelecida entre o núcleo - *Este livro demonstra como o projeto articulou de forma produtiva os três pilares da universidade* - e o satélite, constituído do restante da porção textual. O satélite, por sua vez, é constituído por três porções textuais menores - destacadas uma em negrito, outra com sublinhado e a última em itálico, para deixar claro que se trata de três estruturas desgarradas. Entre essas porções dentro do satélite emerge a relação retórica multinuclear de lista. No Diagrama 9, representativo de (19), foram indicadas duas relações de possível emergência entre o núcleo e o satélite: a relação de **elaboração** e a de **evidência**. Caso opte pela relação de elaboração, o analista entende que as três estruturas desgarradas são, em seu conjunto, uma especificação, um detalhamento do projeto a que a porção núcleo faz alusão; já ao decidir pela relação de evidência, o analista entende que as três estruturas desgarradas estão detalhando a “forma produtiva” em que o projeto se articulou. A possibilidade de se atribuir a (19) duas análises se deve, pois, à **plausibilidade** da interpretação do analista quanto à emergência das duas relações.

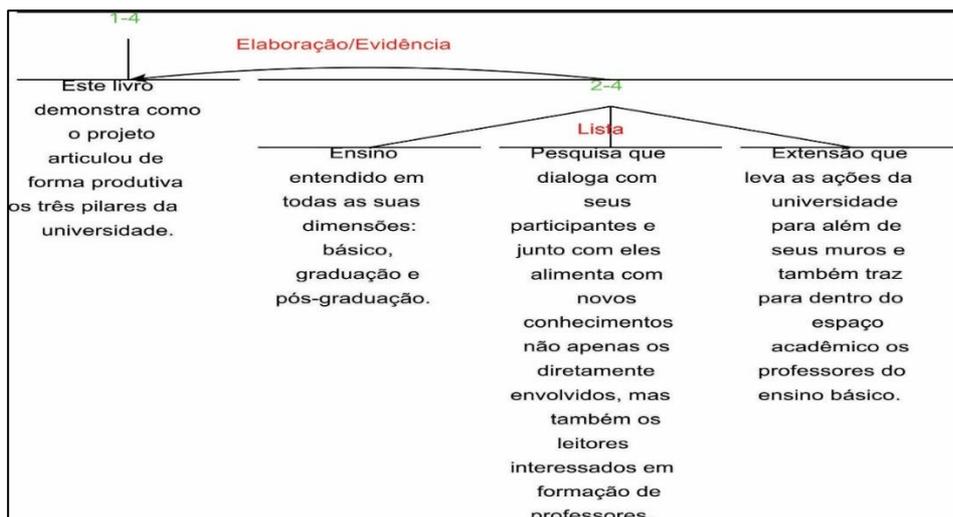


Diagrama 9 – Estrutura retórica de (19)

No reconhecimento das relações retóricas emergentes entre as porções núcleo e satélite, é possível que se lance mão de nomenclaturas diferentes para uma mesma relação, o que não significa que haja duas análises plausíveis para uma mesma ocorrência, como a que é dada em (20):

- (20) Os textos que mandei de Nova York foram publicados pela Globo num caderno especial sobre os atentados, mas não foram distribuídos pela agência. **Levando alguns dos meus 17 leitores a suspeitarem que eu estava num processo patológico de rejeição da realidade, o que não é o caso.** Ainda. (Veríssimo, L.F. *Fundamentalismos*. Estado De Minas, Caderno Opinião, 18/09/2001, p. 7)

O Diagrama 10 exhibe a estrutura retórica do excerto dado em (20).

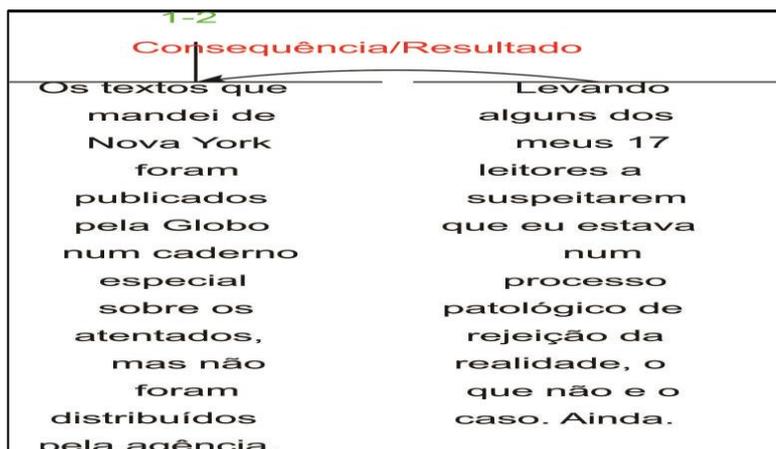


Diagrama 10 – Estrutura retórica de (20)

A porção destacada em (20) é uma estrutura desgarrada, com o verbo na forma nominal de gerúndio. A relação estabelecida entre o núcleo – *Os textos que mandei de Nova York foram publicados pela Globo num caderno especial sobre os atentados, mas não foram distribuídos pela agência* – e o satélite – *Levando alguns dos meus 17 leitores a suspeitarem que eu estava num processo patológico de rejeição da realidade, o que não é o caso* – pode ser nomeada **consequência** (cf. Carlson; Marcu, 2001) ou **resultado** (cf. Mann; Thompson, 1988). Segundo Carlson; Marcu, as relações de **causa-resultado** e **consequência** são similares; a distinção entre elas está no fato de que a causalidade é mais direta na relação causa-resultado e mais indireta no caso da relação de consequência. Qualquer que seja a nomenclatura que se use para a relação emergida em (20), entende-se que a situação apresentada no núcleo é a causa do que é informado no satélite, que representa o resultado da ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises aqui empreendidas demonstram ser a *RST* uma teoria adequada para a descrição de estruturas hipotáticas que ocorrem de forma independente, como um enunciado à parte, denominadas **estruturas desgarradas**. Atribuindo a essas estruturas a função subsidiária de **satélite** numa relação retórica do tipo núcleo-satélite, a *RST* permite comprovar que tais estruturas materializam um desgarramento só quanto à forma, uma vez

que a relação semântica (ou retórica) é mantida entre as porções que se relacionam. A análise com base na *RST* também vem reforçar/corroborar a característica de **posposição** atribuída por Decat (2011, 2021) à estrutura desgarrada, que se posiciona sempre à direita do núcleo. Esse posicionamento como **satélite à direita do núcleo** permite que a *RST* também seja adequada para comprovar outras duas características da estrutura desgarrada: sua função textual-discursiva de **adendo (acréscimo)** a algo mencionado anteriormente (como acontece com a relação retórica de elaboração), bem como a de **retomada** de algo dado anteriormente, seja um item lexical, uma ideia ou um conjunto de ideias.

A estrutura desgarrada deve ser vista **sempre** como um **satélite** que está à direita da porção núcleo da relação entre duas partes. E, por ser satélite, é sempre **opcional**, ou seja, é uma **opção de organização** das partes do texto, portanto **uma estrutura hipotática** objetivando a **FOCALIZAÇÃO!**

REFERÊNCIAS

CAIXETA, G. F. (2015). *“Que bom, que bom, ai, que bom!”: da existência da relação retórica de interjeição*. 2015. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG.

CARLSON, L.; MARCU, D. (2001). **Discourse tagging reference manual**. Disponível em: <http://www.isi.edu/~marcu/discourse>. Acesso em: 11 out. 2011.

CHAFE, W. L. (1980). The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: W. L. Chafe (ed.). **The Pear Stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production**. Ablex. Norwood.

CHAFE, W. L. (1988). Linking intonation units in spoken English. In: J. Haiman e S. A. Thompson (eds). **Clause combining in grammar and discourse**. John Benjamins Publishing. Amsterdam.

CHAFE, W. L. (1994). **Discourse, consciousness, and time**: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing. The University of Chicago Press. Chicago.

CORREIA, M. R. F. R. (2011). **Estrutura retórica do texto e a articulação de orações no artigo de opinião**: uma abordagem funcionalista. Tese de Mestrado em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG.

CORREIA, M. R. F. R. (2018). **A organização textual do gênero artigo de opinião**: uma abordagem à luz da Teoria da Estrutura Retórica e da Teoria das Sequências Textuais. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG.

DECAT, M. B. N. (2011). **Estruturas desgarradas em língua portuguesa**. Pontes Editores. Campinas, SP.

DECAT, M. B. N. (2014a). Orações relativas apositivas *desgarradas* no português em uso. In: Edvaldo B. Bispo e M.R. Oliveira (ed.). **Orações relativas no português brasileiro**: diferentes perspectivas. Niterói, RJ.

DECAT, M. B. N. (2014b). A noção de unidade informacional no tratamento da subordinação. **Veredas on-line**. 18:123-135.

DECAT, M. B. N. (2021). O tratamento das estruturas desgarradas em português: uma trajetória de pesquisa na língua em uso. In: Decat, M. B. N., *et al.* (ed.) **Desgarramento, subordinação discursiva e insubordinação**: abordagens funcionalistas. Pontes Editores. Campinas, SP.

DECAT, M. B. N., *et al.* (2021). **Desgarramento, subordinação discursiva e insubordinação**: abordagens funcionalistas. Pontes Editores. Campinas, SP.

FORD, C. E. (1986). Overlapping relations. In: text Structure. In: Scott, D.; Tomlin, R. S. (eds). **Proceedings of the Second Annual Meeting of the Pacific Linguistics Conference**. Department of Linguistics. University of Oregon. USA.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. (1983). **Relational propositions in discourse**. ISI/RR-83-115.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. (1988). Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization. **Text**. 8 (3): 243-281.

NEVES, M. H. de M. (1999). As construções causais. In: M. H. de M. Neves (org.) **Gramática do português falado**. VII. Editora da Unicamp. Campinas, SP.

O'DONNELL, M. (1997). **RSTTool**: an RST Markup Tool. Version 3.0. Disponível em: <http://www.wagsoft.com/RSTTool/>. Acesso em: 11 set. 2021.

PARDO, T. A. S. (2005). **Métodos para análise discursiva automática**. Tese de Doutorado em Ciências da Computação e Matemática Computacional. Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação. Universidade de São Paulo. São Carlos, SP.

TABOADA, M. (2006). Discourse markers as signals (or not) of rhetorical relations. **JOURNAL OF PRAGMATICS**. 38(4): 567-592.

TABOADA, M. (2009). Implicit and explicit coherence relations. In: J. Renkema (ed.). **Discourse, of course**. John Benjamins Publishing. Amsterdam/Philadelphia.

UMA REVISÃO DAS ORAÇÕES CORRELATIVAS PELA ABORDAGEM MULTISSISTÊMICA

Marcelo Módolo

<https://orcid.org/0000-0001-5808-9368>

INTRODUÇÃO

Na literatura tradicional e também a de base estruturalista, a segmentação binária das orações (coordenação/subordinação) mostra-se inaceitável, haja vista que, numa observação mais detida, podemos apurar tipos oracionais diversificados agregados sob o mesmo rótulo.

Mostrarei neste artigo que as correlações conjuncionais do português — aditiva, alternativa, consecutiva e comparativa — devem ser tratadas como um processo distinto de ligação sintática, não se encaixando, portanto, nas tradicionais classificações de coordenadas e de subordinadas.

Dentro da ideia de um contínuo de propriedades, a correlação conjuncional está em uma posição intermediária, que se dispõe no intervalo de duas categorias tidas como prototípicas, ou seja, a coordenação e a subordinação. Assim, a correlação possui traços tanto da coordenação como da subordinação.

Além de teorizar sobre a diversidade desse tipo de estrutura, também estudo o processo de formação no português de alguns desses pares conjuntivos, observando sua gramaticalização, semanticização, discursivização e lexicalização segundo a Abordagem Multissistêmica proposta por Castilho (2010). A proposta deste trabalho é, portanto, rever o ensino da sintaxe das

orações por um viés funcionalista e inovador, observando como a gramática da língua portuguesa pode ser trabalhada em sala de aula a partir de uma perspectiva que una os vários subsistemas linguísticos.

MAS, O QUE SÃO ESTAS SENTENÇAS CORRELATIVAS?

Ao se consultarem gramáticas, são identificados dois tipos de situações no que se refere à correlação: i) ela é tida como um processo sintático pertencente à “coordenação” e/ou à “subordinação” (é vinculada, especialmente, a este último); ii) ela é vista como um processo sintático diferente da “coordenação” e da “subordinação”.

Trabalhos como os de Oliveira (1960) e Cegalla (2005), por exemplo, citam alguns tipos de construções que costumam ser associadas ao fenômeno de correlação:

- (1) *A música é mais bela **do que** o canto (é belo).* (Oliveira, 1960, p. 159)
- (2) *Falava **tão** bem **que** encantava o auditório.* (*Op. cit.*)
- (3) *Os livros não somente instruem **mas também divertem.*** (Cegalla, 2005, p. 374)
- (4) *“**Ou Amaro estuda ou largo-o de mão!**”* (Cegalla, 2005, p. 375)
- (5) *A luz é mais veloz **do que** o som.* (Cegalla, 2005, p. 397)
- (6) *Fazia tanto frio **que meus dedos estavam endurecidos.*** (Cegalla, 2005, p. 400)
- (7) ***Quanto menos te esforçares, mais te arrependerás.*** (Cegalla, 2005, p. 401)

As construções (1) e (5) aparecem no grupo das “subordinadas” adverbiais comparativas; as construções (2) e (6) são incluídas na classe das

“subordinadas” adverbiais consecutivas; o exemplo (7) é classificado no grupo das “subordinadas” adverbiais proporcionais; a construção (3) é encontrada na classe das “coordenadas” aditivas e o exemplo (4), por fim, é visto no grupo das “coordenadas” alternativas. Nesses casos citados, cada oração vem encabeçada por um conectivo, podendo a correlação ser explicitada pelos seguintes esquemas: *mais/menos... (do) que; tão/tanto... que; não somente...mas também; ou...ou; quanto menos... mais*. Nas gramáticas das quais foram retirados os exemplos aqui expostos, seria dificultada a visualização do fenômeno da correlação caso houvesse o objetivo de incluí-los nesse grupo, pois, nos exemplos elencados, não há um critério homogêneo na explicitação dos elementos conectivos presentes na construção. Oliveira (1960) indica os dois conectores na construção consecutiva (*tão e que*), mas aponta apenas um conectivo na comparativa (*do que*). Da mesma forma, Cegalla (2005) coloca em destaque as duas orações da construção dita alternativa, mas, nos demais casos que cita, destaca apenas uma das orações.

A falta de homogeneidade das classificações das correlativas também se vê a partir do tratamento dado a elas por Said Ali (1969). O gramático registra estruturas consecutivas (do tipo “tão...que”; “tais,...que”; “tanta...que”) e estruturas proporcionais (do tipo “quanto mais...tanto mais”; “quanto menos....tanto menos”), consideradas também correlativas por Luft (1978), por exemplo, mas usa a expressão “partícula correlativa” para fazer referência apenas à construção comparativa. Chama atenção, igualmente, o fato de Cunha; Cintra (2013) atribuírem a característica de correlação

somente às construções proporcionais, dada a grande variedade de construções associadas à correlação, como se vê na gramática de Kury (1997) e na de Luft (1978).

AS SENTENÇAS CORRELATIVAS NA GRAMATICOGRAFIA PORTUGUESA

As discrepâncias observadas nas gramáticas citadas demonstram a falta de clareza do que vem a ser, de fato, a correlação. O termo “correlação” é usado para se fazer referência à “ligação” estabelecida entre, necessariamente, dois conectivos da construção (presentes no início de cada oração). No entanto, a consideração da correlação como um expediente meramente formal – o que fica sugerido no uso de expressões como “palavra correlativa”, “partícula correlativa”, “fórmulas correlativas” – parece dar um tratamento menos acurado aos tipos de correlação. Se a correlação é vista sob uma perspectiva apenas formal, não ficam claros os critérios usados para diferenciar, por exemplo, as correlatas aditivas e correlatas proporcionais quanto à sua natureza sintática. Por que as aditivas, exemplificadas em “**Não só lê mas (também) escreve**” (Luft, 1978, p. 148), e as proporcionais, exemplificadas em “**Quanto mais estuda, tanto mais aprende**” (Luft, 1978, p. 156), são incluídas em diferentes grupos sintáticos (a “coordenação” e a “subordinação”, respectivamente) se, em ambos os casos, ao menos nos exemplos expostos, o conectivo que inicia a primeira oração (*não só* e *quanto mais*) deixa implícita uma continuação de ideia na

segunda oração, já ficando preestabelecido, de certa forma, o sentido que será formado na construção (de adição e de proporção, respectivamente)?

Faça-se a ressalva de que, em algumas gramáticas, não se explicita somente o aspecto formal da correlação; indica-se também a função da correlação.

As afirmações citadas a seguir demonstram isso:

- *A correlação é um expediente retórico, de rendimento enfático no discurso (...). (Azeredo, 2008, p. 351)*
- *As conjunções coordenativas podem aparecer enfatizadas. Para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode vir encarecida das expressões do tipo: **não só... mas (também), não só... mas (ainda), não só... senão (também), não só... que também.** (Bechara, 2009, p. 330)*
- *Para dar mais vigor à coordenação, valemo-nos de uma fórmula correlativa (**não só... mas também; não só... mas ainda; não só... senão também; não só... senão que**). (Rocha Lima, 2013, p. 323)*

Como se vê, Azeredo (2008), Bechara (2009) e Rocha Lima (2013) atribuem a função de ênfase à correlação. Essa função parece vir sugerida também nas considerações de Said Ali (1969, p. 145), no caso em que o autor expõe que a partícula *como* pode ser simples ou “reforçada”. De qualquer forma, fica vago o que viria a ser “realce”, “ênfase” e “vigor”. Não se menciona, por exemplo, para que serviria a ênfase.

Outro aspecto que mereceria maior esclarecimento é a associação da dita oração principal à correlação, por Huber (1986), Luft (1978), Bechara (2009), Cunha; Cintra (2013) e Kury (1997).

Ao fazer referência às correlativas proporcionais, Kury (1997, p. 104), por exemplo, assevera que “o termo intensivo que introduz a oração subordinada (*quanto mais, quanto menor, quanto melhor, quanto pior*) se acha em correlação com outro que introduz a chamada oração principal (*mais, menos, tanto mais, tanto menos, etc.*)”. Considerando-se essa afirmação e estes exemplos fornecidos por Kury (1997, p. 104), vê-se que a dita oração principal pode ter localização à esquerda ou à direita da construção: *Quanto mais se agitava, mais preso na rede ficava.* / *E tanto mais me enfumava eu, quanto maior era o número de curiosos.* (sublinhados meus) No entanto, a correlativa proporcional apresenta uma particularidade no que diz respeito à oração “principal”, pois é a única correlação que pode aparecer nas gramáticas consultadas com os segmentos invertidos.

Nas correlações, de forma geral, atribui-se o caráter de oração “principal”, na maior parte das vezes, à segunda oração da construção, nos casos em que está em questão uma estrutura de “subordinação”. É o que fazem Huber (1986), Luft (1978), Kury (1997) e Cunha; Cintra (2013). Por outro lado, Bechara (2009, p. 494) situa a oração “principal” na primeira oração da construção, o que fica explicitado neste trecho, por exemplo: a comparação quantitativa é “introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *mais* da **oração principal**” (grifos meus).

A falta de consenso sobre a localização da oração “principal” na correlação demonstra a necessidade de revisão das classificações feitas. Um aspecto a se questionar é se as correlativas, de fato, possuem uma oração “principal”, o que será discutido logo adiante.

Por fim, cabe ressaltar que Camara Jr. (1981), assim como Kury (1997), Luft (1978), Azeredo (2008) e Rocha Lima (1994), considera que a correlação se estabelece por “coordenação” e por “subordinação”. No entanto, traz uma definição para correlação que vai além do aspecto formal: “construção sintática de duas partes relacionadas entre si, de tal sorte que a enunciação de uma, dita prótase, prepara a enunciação de outra, dita apódose”. (Camara Jr, 1981, p. 87). Fica sugerido, aí, um aspecto pragmático no tratamento da correlação, além do formal. Essa caracterização da correlação “abre caminho” para que ela seja vista como um processo sintático autônomo, como se verá a partir da Abordagem Multissistêmica (embora esse não seja o ponto de vista adotado pelo linguista citado).

Entende-se que um tratamento da correlação como processo distinto da “coordenação” e da “subordinação” (adverbial) contribuiria para esclarecer alguns pontos problemáticos aqui levantados. Alguns dos gramáticos que veem a correlação sob esse ponto de vista são: Chediak (1944), Maciel (1918), Melo (1971), Brandão (1963) e Oiticica (1953, 1962¹⁷). É consenso

¹⁷ Informe-se que a primeira versão do manual é de 1952.

entre eles que a correlação exibe uma interdependência entre orações ou termos, havendo a presença de conectivos aos pares na construção.

A relação de interdependência entre os membros da correlação é vista sintaticamente e semanticamente, o que é possível observar pelas definições apresentadas. Oiticica (1953) mostra que, na correlação, há paralelismo de sentidos, dependendo um do outro. Brandão (1963) acrescenta que, nesse processo sintático, duas proposições contêm termos que se reclamam mutuamente, estabelecendo entre elas uma interdependência necessária e indissolúvel. Melo (1971) apresenta uma definição semelhante à de Brandão (1963), levando em conta o funcionamento, mais especificamente, das correlativas consecutivas. De acordo com Melo (1971, p. 113), na correlação, dá-se a intensificação de um dos membros da frase ou de toda a frase, intensificação que pede um termo (na segunda oração dessa frase). Isso pode ser ilustrado por esta construção citada pelo gramático:

(8) “... abraçou-me com *tal* ímpeto, *que* não pude evitá-lo.” (MELO, 1971, p. 113)

Na construção, em (8), ao se enunciar *tal ímpeto*, parece que essa expressão exige um segmento subsequente com valor de consequência (como *que não pude evitá-lo*). É essa “exigência” que sugere uma interdependência entre os segmentos.

A partir da observação da relação de interdependência em uma construção correlativa, é possível afirmar que a atribuição de uma oração “principal” (ou nuclear) a um dos segmentos dessa construção (seja qual for) não seria pertinente. Se um segmento depende do outro, não havendo, portanto, uma

hierarquia entre os segmentos, como determinar qual seria “principal”? Vale salientar que, tal qual assevera Oiticica (1953, p. 59), não há “frase principal” na correlação. Assim como Oiticica (1953), os gramáticos Maciel (1918), Chediak (1944), Brandão (1963) e Melo (1971) não consideram a existência de uma “oração principal” (não há menção a esse tipo de elemento nas gramáticas desses autores).

Por outro lado, a classificação das construções correlativas varia. Maciel (1918, p. 343-344), ao considerar que a correlação é “a correspondência sintática de duas palavras na proposição”, mostra que ela se manifesta similarmente, com a repetição de uma palavra (como se vê em *Tal pae, tal filho*), ou dissimilarmente, com palavras diferentes (como se observa em *tão bella que encanta*). Outra forma de classificação das correlativas dá-se de acordo com o sentido expresso nelas.

A estrutura aditiva e a alternativa nem sempre são reconhecidas como correlações. No entanto, há consenso entre os gramáticos em relação ao fato de que a estrutura comparativa e a estrutura consecutiva representam uma correlação quando reduplicadas. É possível que isso tenha sido influenciado pela maior tendência de se associar a “subordinação”, ou seja, maior dependência sintática (que, tradicionalmente, abrange os grupos das comparativas e das consecutivas), ao processo de correlação.

A título de ilustração, indica-se, a seguir, exemplificação dos subtipos mais comuns:

(9) *Não somente* Marilda socorreu a pobre família, *mas também* adotou as duas órfãs.
(Oiticica, 1962, p. 20).

(10) “*Os dias da minha vida, diz Job, ou eu queira ou não queira, hão-se de acabar brevemente.*” (Vieira, Sermões, col. 1088) (Melo, 1971, p. 121).

(11) *Mais fere a língua do adulator que a espada do perseguidor.* (Brandão, 1963, p. 147).

(12) *Quem ha tam imprudente que offenda aquelle, de quem depende, e no mesmo tempo, em que mais depende?* (Sermões, Sétima Parte, Lisboa, 1692) (Chediak, 1944, p. 76).

As construções citadas são classificadas, respectivamente, como correlação aditiva, alternativa, comparativa e consecutiva. Vê-se que cada uma das orações das construções vem iniciada por um conectivo. No caso das aditivas, tal qual se verifica em (9), o próprio conectivo que introduz a primeira oração já parece antecipar a necessidade de um próximo segmento (com valor de adição). Como diz Oiticica (1962, p. 21): “quando inicio a primeira oração por *não somente* (denotativo negativo de restrição), sou forçado a iniciar a segunda pela expressão *mas também* (ou outra equivalente: *mas ainda, como ainda, como também, senão que, mas,* etc.), denotativa de inclusão.”

Nos demais casos, ao se observar todo o conteúdo da primeira oração, também se nota a necessidade da introdução de um novo segmento na construção. Em (10), uma ideia de opção antecipa outra. Consoante Melo (1971, p. 120), na correlação alternativa, o primeiro conectivo pede um segundo a ele correlato, “que feche a expectativa que ele abriu”. Em (11), uma comparação com noção de superioridade no primeiro membro exige uma ideia de inferioridade no outro membro oracional; em (12), a intensificação de uma qualidade no primeiro segmento pede uma

consequência decorrente dessa ideia no segundo segmento. Tais características evidenciam a interdependência entre as orações.

Há, também, outros tipos de construções de natureza correlativa que não são mencionados pelos gramáticos citados anteriormente. Trata-se do que Vaz Leão (1961, p. 101) chama de “giros idiomáticos”, “não no sentido de que não se encontram em outras línguas, mas no sentido de que nem sempre se prestam a análise sintática ou **não se explicam pelos processos tradicionais de analisar.**” (grifos meus) Assim, a autora faz referência a estruturas do tipo *se... então; se... é (era, foi)*.

No que concerne a *se... então*, Vaz Leão (1961) diz que o falante sente, por vezes, a necessidade de colocar em maior evidência a relação entre dois fatos por uma estrutura que lembre a correlação lógica, isto é, com a presença de dois termos correlativos. Segundo a autora, o processo é frequente na linguagem familiar e é encontrado também na língua literária. De acordo com Vaz Leão (1961, p. 101), o seu uso talvez possa ser explicado:

- a) porque o escritor veja nos recursos orais a fonte mesma da expressividade;
- b) porque, sentindo muito longe o “se”, o autor tenha necessidade de reavivar no espírito do leitor a relação que supõe esquecida;
- c) porque o orador, querendo manter a atenção do auditório, use instrumentos que sublinhem a intenção de suas frases e deem tempo de acompanhar-lhe o pensamento.

A construção a seguir exemplifica a estrutura do tipo *se...então* apontada por Vaz Leão (1961, p. 102):

(13) *Porém se, conservando o marido e o amante, tentam novas aventuras, então o caso muda de figura: perdem o direito a qualquer desculpa, equiparam-se às mulheres perdidas, às que se vendem.*

Na passagem citada, o segmento iniciado por *se* traz um fato e a oração introduzida por *então* exhibe uma espécie de resultado desse fato.

No que tange à construção do tipo *se... é (era, foi)*, Vaz Leão (1961) assevera que este é um recurso expressivo que, sob a forma hipotética¹⁸, realça o objeto da ação verbal; o objeto que se quer realçar vem depois do verbo *ser*. A título de ilustração, são apresentadas duas frases citadas por Vaz Leão (1961, p. 104):

(14) *Correu porque teve medo.*

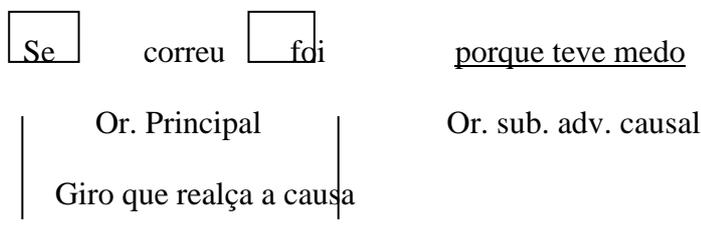
(15) *Se correu, foi porque teve medo.*

Em (14), afirma-se que alguém correu e se atribui a sua ação a uma causa: *teve medo*. Em (15), segundo Vaz Leão (1961), embora o valor conceptual seja o mesmo, há uma diferença expressiva, pois a causa é colocada em evidência pelo novo molde sintático. Admite-se que alguém tenha corrido apenas porque teve medo, o que significa que, se não fosse o medo, não teria corrido.

Nos casos explicitados por Vaz Leão (1961), há saliência do conteúdo da segunda oração da construção, operada por *então* e pelo verbo *ser*.

¹⁸ A expressão “forma hipotética” é utilizada por Vaz Leão (1961) de modo genérico, abrangendo tanto a hipótese propriamente dita quanto o fato. No caso explicitado, faz-se referência a um fato.

Questiona-se, aqui, o fato de a autora incluir apenas a estrutura *se... então* no grupo da correlação. Segundo Vaz Leão (1961, p. 105), a condicional com verbo *ser* teria a seguinte classificação:



O “giro” demonstrado por Vaz Leão (1961) seria possível, segundo ela, pelo fato de que, ao se retirarem da construção os elementos do “giro” (o *se* e o *foi*), restaria a estrutura *Correu porque teve medo*, a qual é classificada, tradicionalmente, no grupo das construções “subordinadas” adverbiais causais, com “oração ‘principal’ + oração ‘subordinada’ adverbial causal”.

O ponto problemático da classificação de Vaz Leão (1961) é que se supõe que o verbo *ser* (*foi*), na estrutura com *se... ser porque*, seria utilizado para a expressão, simplesmente, de um “realce”. No entanto, pode-se dizer que o verbo está se gramaticalizando e, portanto, está formando um único conectivo (*ser porque*), juntamente com a conjunção *porque*. Dessa forma, caberia considerar também o papel coesivo do verbo referido.

Assim, entende-se que a estrutura com *se... ser porque* deve ser interpretada como uma correlação, assim como *se... então*. Em ambos os casos, haveria conectivos aos pares (o *se* e o *então*; o *se* e o *ser porque*) e a antecipação,

na primeira oração, de uma conclusão a ser apresentada no segundo segmento, dada a natureza condicional dessas construções, que têm como fórmula lógica “*se p, q*”. Ducrot (1977, p. 180) comenta que, “na medida em que se peça ao ouvinte para colocar-se na hipótese ‘*p*’ antes de anunciar-lhe ‘*q*’, dá-se a entender que há certa dependência entre ‘*p*’ e ‘*q*’”; caso contrário, “compreender-se-ia mal por que o locutor julgou interessante fazer preceder o ato de afirmação de um ato de suposição”. Ducrot (1981, p. 240) acrescenta que “a possibilidade de apresentar, no interior de um discurso, *q* como uma conclusão de *p* explica-se inteiramente, talvez, pela aceitação de uma relação inferencial que vai de *p* a *q*, isto é, pela crença de que, se *p* é verdadeiro, *q* não pode deixar de sê-lo.”

Assim, o mecanismo exposto pelo autor a respeito das condicionais é lógico e também ocorre “no nível do componente retórico”, como o autor afirma. A partir dessa análise empreendida, pode-se afirmar que está envolvido, no processo de antecipação das condicionais, um aspecto lógico (dada a noção inferencial produzida a partir da relação entre “*p*” e “*q*”) e um fator pragmático (vista a menção ao componente retórico).

Entretanto, particularmente em relação a *se... ser porque*, observa-se que a segunda oração da construção exhibe, além do tradicional valor de conclusão (antecipados pelas orações condicionais), o de causa. Haveria também antecipação, no primeiro segmento, do sentido de causa, a ser apresentado no segundo? Maria Helena de Moura Neves em comunicação pessoal explica que a condição não exige, a princípio, uma noção subsequente de causa; haveria incompatibilidade entre essas duas noções. Endossa-se, aqui,

que isso não significa que *se... ser porque* não possui estatuto de correlação; como se verá adiante, tal construção ainda está em processo de gramaticalização.

A partir do que foi explicitado até aqui, fica sugerido que a correlação não deve ser confundida com a “subordinação” (ou a “coordenação”). Oiticica (1962) faz a ressalva de que, na correlação comparativa¹⁹ e na consecutiva, por exemplo, diferentemente do que ocorre na “subordinação” (substantiva e adverbial), o segundo conectivo correlativo não se prende diretamente ao verbo do primeiro segmento, mas ao termo intensivo presente no início deste – por exemplo, *mais* e *tão*, respectivamente. Ainda para demonstrar a particularidade da correlação, Oiticica (1962, p. 20) compara uma construção correlativa com uma “coordenada” (ambas aditivas):

(16) *Não somente* Marilda socorreu a pobre família, **mas também** adotou as duas órfãs. (Oiticica, 1962, p. 20)

(17) Marilda socorreu a pobre família **e** ainda adotou as duas órfãs. (Oiticica, 1962, p. 20)

Na correlação retomada em (16), como já se comentou, há dois termos conectivos e o *não somente* antecipa que será indicada determinada ideia (de adição) no próximo segmento. Em (17), por outro lado, conforme observa Oiticica (1962), “coordenam-se” as orações por uma única

¹⁹ Ressalte-se que há autores que consideram dois tipos de correlação comparativa: um com dois conectivos e outro com um único conectivo. Rodrigues (2001, p. 103) vê uma única conjunção neste caso, por exemplo: (*Fala de Raul*) (...) *É pobre [como Jó] e mulher sem isto está se ninando. Vamos embora.* (COM) A expressão “como Jó” é interpretada pela autora como adjunto adverbial, e não como oração adverbial. Caso o enunciado possuísse dois conectivos, apareceria, por exemplo, desta forma: *É tão pobre como/quanto Jó.*

conjunção (o “e”), havendo uma sequência entre elas. O gramático não chega, porém, a indicar possíveis efeitos de sentido particulares produzidos na estrutura correlativa (e talvez esse não tenha sido seu objetivo, dada a natureza prescritiva de sua obra). Aponta somente, por vezes, a presença de realce, ênfase²⁰ na construção correlativa (que, como já se comentou, é uma explicação que merece ser revista).

Em relação, ainda, à questão da autonomia da correlação, Melo (1971) também apresenta uma justificativa ao ver a correlação como autônoma. O gramático lembra que a NGB (*Nomenclatura Gramatical Brasileira*) desconheceu o processo sintático de correlação, sob o argumento de que, estando as correlatas relacionadas a um adjetivo ou a um advérbio (como *tanto, maior, menor, tão, mais*), fazem parte da natureza do advérbio e são, portanto, adverbiais. Na visão do gramático, esse argumento não leva em consideração correlações do tipo *não só... mas também, assim como... assim também* (e, ainda, a correlação alternativa), casos em que não se poderia determinar qual é a “subordinada”.

Por outro lado, há autores, como Camara Jr. (2004, p. 111), que consideram que a NGB adotou uma medida correta ao desconsiderar o conceito de “correlação”. Na visão do autor, para se determinar esse conceito, parte-se

²⁰ Oiticica (1962, p. 25) mostra, por exemplo, que o período correlato, com a repetição do elemento identificativo *tais* (como em *Tais foram as suas promessas, tais são hoje suas realizações.*), “realça a identificação”. Oiticica (1962, p. 40) aponta a ideia de ênfase, ainda, em construções consecutivas. Em construções do tipo *Tanto o animei, que ele publicou o trabalho*, o gramático considera que o segmento *que ele publicou o trabalho* é uma consequência resultante de uma ênfase presente da palavra intensiva (o *tanto*) do primeiro segmento.

do falso pressuposto de que a oração precisa ter um sentido completo, o que é interpretado como se não devendo apresentar elementos que só se explicam pela presença da oração seguinte. No entanto, para o autor, por exemplo, na dita correlação “É não só desatento mas também preguiçoso”, há, na verdade, somente uma “coordenação” aditiva enfática que não aparece em “Ele é desatento e preguiçoso”. Apenas no primeiro caso insiste-se mais na gravidade dos defeitos: ser desatento é ruim e preguiçoso ainda mais. Assim, Camara Jr. (2004) julga que, diante disso, não importaria, para conceituar a “coordenação”, que os elementos “não só” e “mas também” exigem uma parte subsequente e uma parte anterior, pois, na construção “coordenada” “Ele é bom mas preguiçoso”, por exemplo, a partícula “mas” também exige uma parte anterior.

Como se vê, Camara Jr. (2004) sugere que a interdependência não é uma característica peculiar da correlação (em relação à “coordenação” e à “subordinação”), mas, ao definir “correlação” em seu “Dicionário de Linguística e Gramática”, Camara Jr. (1981, p. 87) expõe que, na correlação, “há duas partes relacionadas entre si”, como já se apontou nesta seção. Por que o autor indica tal característica se ela não é própria apenas da correlação, segundo ele?

Além disso, nas definições que Camara Jr. (1981) apresenta sobre “subordinação” e “coordenação”, não fica clara a questão da interdependência que também é atribuída pelo autor a esses processos. Ao conceituar “subordinação”, afirma que se trata de: “construção sintática em que uma oração, determinante, e, pois, subordinada, se articula com outra,

determinada por ela e principal em relação a ela” (Camara Jr., 2004, p. 226). Como haveria interdependência entre os segmentos se uma oração é “principal” em relação a outra? Ao definir “coordenação”, por sua vez, o autor assevera que esta é: “a construção em que os termos se ordenam em uma sequência e não ficam conjugados num sintagma (...), cada termo vale por si e a sua soma dá a significação global em que as significações dos termos constituintes entram ordenadamente lado a lado” (Camara Jr., 2004, p. 86) Se cada termo “vale por si”, como haveria interdependência?

Julga-se, aqui, que cabe considerar que as correlativas exibem um diferente grau de dependência em relação às “coordenadas” e às “subordinadas”, com a proposta da contemplação dos processos sintáticos em um *continuum*.

Saliente-se, entretanto, que a correlação pode estabelecer ligação nos mesmos níveis linguísticos que a “coordenação” e a “subordinação”, a depender do tipo de relação semântica envolvida. Oiticica (1962) mostra que a correlação aditiva, por exemplo, pode unir elementos de diferente natureza: orações, caso de (18), ou sintagmas funcionando, por exemplo, como objetos diretos e adjuntos adverbiais, tal qual se mostra em (19) e (20), respectivamente²¹:

²¹ Oiticica (1962, p. 21) considera que também há ligação de constituintes de uma oração em correlações do tipo: *Não somente Amélia, mas também Lúcia gostam muito de literatura*. Embora o verbo *gostar* apareça no plural, entende-se que fica implícito um fato na primeira oração a partir do conteúdo da segunda. Assim, haveria como resultado uma expressão do tipo: *Não somente Amélia gosta muito de literatura, mas também Lúcia gosta muito de literatura*. Por isso, julga-se que existe, aí, uma conexão entre orações, e não entre constituintes.

(18) *Não somente Marilda socorreu a pobre família, mas também adotou as duas órfãs.* (Oiticica, 1962, p. 20).

(19) *Ele empregou bem não só o irmão, como ainda as cunhadas.* (Oiticica, 1962, p. 22).

(20) *Ele tem casa não só aqui, como em Minas.* (Oiticica, 1962, p. 23).

A correlação pode estabelecer, ainda, uma conexão entre enunciados. Antecipe-se que a consideração de que tanto a correlação como a “coordenação” e a “subordinação” relacionam sintagmas (constituintes), orações e enunciados é relevante para que se reconheça a impossibilidade de se determinar uma dicotomia rígida entre esses processos sintáticos, apesar de suas particularidades de funcionamento.

No estudo das correlativas convém, também, especificar quais critérios são utilizados para incluí-las em um grupo distinto. Pelas observações feitas pelos gramáticos, aqui citadas, percebe-se que estão em questão aspectos formais, sintáticos e pragmáticos. Indica o aspecto formal a presença de conectivos no início de cada oração da construção; diz respeito ao fator sintático a interdependência entre as orações; por fim, é referente ao fator pragmático a presença de um segmento subsequente “que feche a expectativa que ele abriu” (Melo, 1971, p. 120) no primeiro segmento. Tais fatores, entretanto, não devem ser vistos de forma compartimentada, pois é a “interação” entre eles que resulta na formação da correlação.

Considerando-se a integração dos componentes da língua, passa-se a tratar, a seguir, de estudos de linguistas a respeito da correlação de acordo com a Abordagem Multissistêmica.

A CORRELAÇÃO PELA ABORDAGEM MULTISSISTÊMICA DE CASTILHO

A língua-enquanto-produto é um conjunto de categorias agrupadas em quatro sistemas: (1) Léxico, (2) Discurso, (3) Semântica (4) Gramática. Esses sistemas não correspondem a escolhas ao acaso, numa espécie de “bricolage” sem fundamento, visto serem circunscritos por categorias específicas, que serão mencionadas adiante.

Os sistemas serão considerados autônomos uns em relação aos outros, no sentido de que não se admitirá que um sistema determina / deriva de outro, nem se propondrá uma hierarquia entre eles. Com isso, não se postulará a existência de sistemas centrais e de sistemas periféricos. Em consequência desse postulado, qualquer expressão linguística exhibe ao mesmo tempo características lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais.

Passo a detalhar o que entendo por domínios e sistemas, mencionados nessas premissas, retomando Castilho (2010):

O sistema discursivo abriga o processo de criação do texto falado, durante uma conversação, e do texto escrito. Ela abriga um número de atividades de interação que envolvem o falante e o ouvinte (ou o escritor e o leitor), através das quais nós (i) instanciamos os participantes da conversação, construindo imagens sobre eles, (ii) organizamos a interação, desenvolvemos o tópico conversacional, objetivando agir sobre o outro,

informar ou externar sentimentos, (iii) reorganizamos a interação por meio dos processos de correção sociopragmática, (iv) abandonamos o ritmo corrente por meio de digressões e parênteses, que habitualmente geram outros tópicos do discurso, e (v) estabelecemos a coesão textual por meio de vários expedientes.

O produto da Discursivização, portanto, é o Discurso, entendido como texto, e sua disposição em gêneros. Os pesquisadores do Projeto da Gramática do Português Falado identificaram as seguintes categorias, que configuram o sistema do Discurso: (i) unidades discursivas, (ii) estrutura tópica, (iii) reformulação da estrutura tópica por meio da repetição, da correção, do parafraseamento, (iii) descontinuação da estrutura tópica por meio da hesitação, da interrupção, da parentetização, e (iv) conectivos textuais expressos por marcadores discursivos e por conjunções textuais. Já o sistema semântico define-se pelas seguintes categorias: referenciação, predicação, verificação, foricidade, dêixis e junção.

Inicialmente, a Semântica ocupou-se da mudança e da tipologia dos sentidos, concentrando-se no estudo da palavra. Isto caracterizou a Semântica lexical, que investiga também questões tais como sinonímia, polissemia, campos semânticos. A Semântica composicional (ou Semântica sintática) estendeu esse domínio, tratando dos processos de mudança metonímica de itens dispostos em contiguidade sintagmática, a da incidência de algumas palavras sobre outras (operadores e escopo), etc. A Semântica pragmática trata dos sentidos gerados no espaço que medeia entre os falantes e os signos linguísticos conforme (Vogt, 1977), em que os

sentidos apurados não são contidos nas palavras nem nas construções gramaticais. Ela trabalha com processos tais como inferência, pressuposição, atos performativos, implicatura conversacional, e assim por diante.

A semanticização é o processo de criação, modificação e categorização do sentido linguístico. Esse processo cobre os campos da semanticização lexical, composicional e pragmática.

No processo de criação e modificação dos sentidos, várias estratégias são desenvolvidas, algumas delas referidas na seção anterior. Dada a natureza dinâmica própria da fala, a mudança dos sentidos é um processo contínuo, que levanta mais perguntas do que respostas. Segundo ainda Castilho (2010), Heine; Claudi; Hünemeyer (1991) organizaram um quadro interessante para capturar as representações semânticas das categorias cognitivas básicas.

O sistema gramatical se ocupa de classes gramaticais e entre os quatro processos constitutivos da língua, o da Gramaticalização é de longe o mais estudado. A Abordagem multissistêmica restringe o papel da gramaticalização à criação e mudança (i) da estrutura fonológica das palavras (fonologização), (ii) da estrutura morfológica da palavra (morfologização) e (iii) da estrutura sintática da sentença (sintaticização).

A Gramática é o sistema que resulta da gramaticalização, consistindo de estruturas em processo de cristalização, arranjadas em três subsistemas:

fonologia, morfologia e sintaxe. Reflexões sobre a Gramática têm sido organizadas à volta de suas classes, relações entre essas classes, e as funções que elas desempenham nos enunciados. Constituem classes gramaticais o fonema, a sílaba, o morfema, a palavra, o sintagma e a sentença. As relações gramaticais são expressas pela transitividade, concordância e colocação. As funções gramaticais são expressas pelo predicado, pelos argumentos e pelos adjuntos. Finalmente, o sistema lexical, a lexicalização é o processo de criação das palavras, por meio da etimologia (lexicalização ocorrida na língua-fonte), neologia (lexicalização ocorrida na língua-alvo), derivação (lexicalização ocorrida no interior da língua alvo, por meio do desdobramento de itens previamente existentes), ou por meio de empréstimo lexical (lexicalização ocorrida por contacto linguístico).

Finalmente, Lexicalização e Léxico devem ser entendidos num continuum, que vai da cognição preverbal para a expressão verbal, da língua-enérgica para a língua-érgon, interpretando dessa maneira os conceitos formulados por Wilhelm von Humboldt.

Durante a interação, o falante e o ouvinte tomam decisões sobre como lexicalizar e como administrar o Léxico, que propriedades ativar, reativar ou desativar. Essa administração estabelece um conjunto de momentos, termo tomado aqui em seu sentido etimológico de "movimento". Não haveria prioridade de um sistema sobre o outro. Ao que tudo indica, os quatro agiriam concomitantemente — em forma radial — sobre as propriedades alçadas pelo dispositivo sociocognitivo de base mentalista, disponível em cada indivíduo. Partindo então da “forma”, do léxico das

correlatas, destaquei algumas de suas propriedades discursivas, gramaticais e semânticas, mostrando um novo olhar para essas estruturas no ensino da língua portuguesa.

PROPRIEDADES DISCURSIVAS DA CORRELAÇÃO

Quando empregadas na constituição do discurso, as estruturas correlativas interligam atos de fala dialéticos. Ao utilizá-las, omite-se a opção por um eixo argumentativo, por um conteúdo proposicional único. Assim, na correlação, teremos sempre dois eixos argumentativos. Essa parece ter sido a mesma opinião de Pauliukonis (2001, p. 124): “Reiteramos, portanto, que a Correlação, deve ser analisada como uma operação mental em que o emissor, pelo cotejo de dois elementos interdependentes, procura abstrair argumentos capazes de captar a adesão do ouvinte para uma conclusão esperada.”

Essa argumentação baseia-se nos princípios da semântica do discurso, segundo a qual a língua nomeia certos operadores argumentativos, cuja função é apontar as intenções do emissor para o interlocutor. Desse modo, haveria uma espécie de interdependência discursiva nos elementos correlativos.

Ainda segundo Pauliukonis (2001, p. 124):

A Correlação como processo estruturador de cláusulas situa-se em um nível diferente do estabelecido para a coordenação e a subordinação, como já defendera Oiticica, já que é um desses operadores que tem como escopo definido dar uma orientação argumentativa ao enunciado e cuja força provém da tensão provocada

pelo enlace dos dois termos indissociáveis e correlacionados. (Sublinhado do autor.).

Tais expressões correlativas, como já foi dito, manifestam também a intenção do enunciador em criar uma espécie de gradação argumentativa.

PROPRIEDADES GRAMATICAIIS DA CORRELAÇÃO

Ao adaptar o resumo proposto por Braga (2001, p. 28), que, por sua vez, baseou-se em Foley; Van Valin Jr. (1984), podemos distinguir correlação (ou cossubordinação) em oposição à coordenação e à subordinação:

- a) Correlação (ou cossubordinação): [-encaixamento] [+dependência]. Os dois juntores não estão em uma relação de encaixamento, embora se encontrem em uma relação de dependência no que diz respeito à força ilocucionária e tempo absoluto;
- b) Coordenação: [-encaixamento] [-dependência]. Os dois juntores são independentes, a relação entre eles é todo-todo. Daí o fato de cada um poder ter sua própria força ilocucionária e ser especificado, independentemente, quanto a outros operadores como evidenciais, tempo, etc;
- c) Subordinação: [+encaixamento] [+dependência]. Um dos juntores está encaixado no outro e a relação entre eles é parte-todo. O juntor subordinado codifica informação de “fundo” e não pode ser especificado, independentemente, quanto à força ilocucionária.

Assim, poderíamos dizer que a correlação é uma categoria intermediária, que se dispõe no intervalo de duas categorias tidas como prototípicas, ou seja, a coordenação e a subordinação. A correlação possui traços tanto da

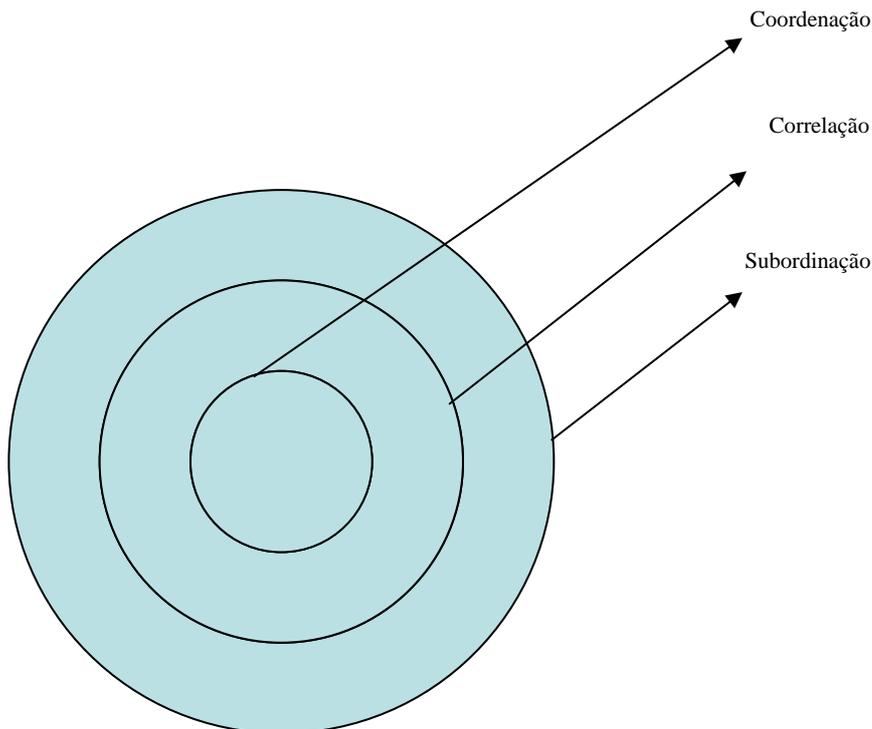


Figura 1, elaboração do autor.

Os círculos estariam de acordo com uma representação multilinear e multidirecional das estruturas linguísticas.

PROPRIEDADES SEMÂNTICAS DA CORRELAÇÃO

As categorias de inclusão, focalização, quantificação e intensidade são categorias responsáveis pela formação das correlatas não-espelhadas (ou seja, os pares iguais, como ou...ou, ora...ora, quer...quer, entre outros). Ao

que tudo indica essas categorias também são responsáveis pela quebra de linearidade de uma sentença, tirando sua sucessão temporal: Em, ex.:

(21) “*Os homens armados não só entraram no restaurante mas também renderam os funcionários.*”

A correlação *não só... mas também* tira a linearidade da frase, a sucessão temporal da sentença. A linearidade e a sucessão temporal estariam presentes caso formulássemos a sentença da seguinte maneira:

(22) “*Os homens armados entraram no restaurante e renderam os funcionários.*”

No exemplo acima, teríamos uma sucessão de eventos, devidamente marcada. Assim teremos o esquema, agora preenchido:

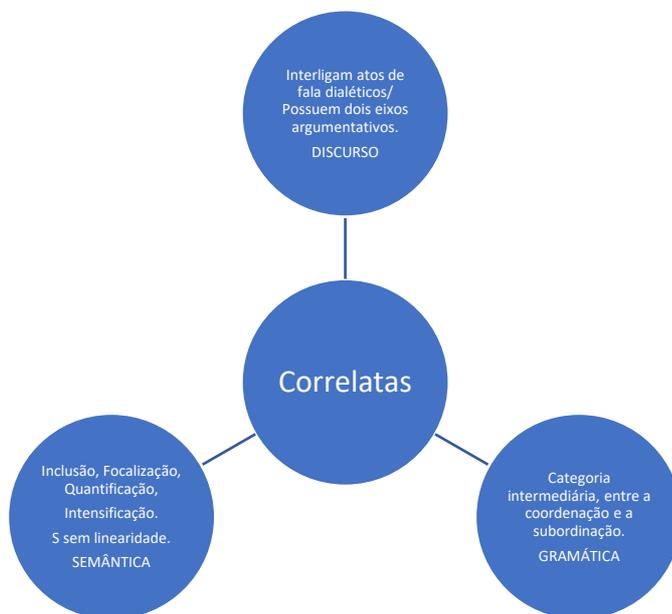


Figura 2, elaboração do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresenta-se uma breve noção do que é a correlação oracional e, em seguida, faz-se uma varredura minuciosa de como esse tipo de combinação de orações é tratado na gramaticografia de língua portuguesa: ora como parte das orações coordenadas, ora como parte das orações subordinadas (hipotáticas), ora como fenômeno sintático distinto das duas ligações oracionais anteriores. Poucos apontamentos de ordem linguística foram empregados nessa segunda parte do texto, a fim de complementar e aclarar noções sintáticas específicas.

Em seguida, fez-se uma breve e necessária teorização sobre a Abordagem Multissistêmica da Língua que vem sendo elaborada pelo linguista Ataliba Teixeira de Castilho. Essa abordagem modular da língua organiza o fenômeno da correlação oracional dentro dos sistemas lexical, semântico, discursivo e gramatical da língua. Optou-se por comentar apenas resultados da discursivização, gramaticalização e semanticização desses pares conjuncionais.

Destaca-se que os processos de redobrimento sintático estão na base da formação das conjunções correlativas. Esse processo consiste na ocorrência de um segmento X a que corresponde obrigatoriamente um segmento Y, conforme já exaustivamente descritos por Moraes de Castilho (2005). O redobrimento norteia os processos de criação linguística dos três sistemas.

Empregado na constituição do discurso, o redobrimento correlativo interliga atos de fala dialéticos; na gramática, o redobrimento sintático dispõe a correlação como uma categoria intermediária, no intervalo de duas

categorias tidas como prototípicas, ou seja, a coordenação e a subordinação. A correlação possui traços tanto da coordenação, como da subordinação, se postularmos um continuum na hierarquia de integração de sentenças, o que negaria uma fronteira rígida entre coordenação e subordinação. Já o redobramento visto pela semântica, as categorias de inclusão, focalização, quantificação e intensidade seriam responsáveis pela formação das correlatas não-espelhadas (ou seja, os pares iguais, como ou...ou, ora...ora, quer...quer, entre outros). Ao que tudo indica essas categorias também seriam responsáveis pela quebra de linearidade de uma sentença, tirando sua sucessão temporal.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, J. C. de. (2008). **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo, Publifolha.
- BRAGA, M. L. (2001). Processos de combinação de orações: enfoques funcionalistas e gramaticalização. In.: **Scripta**, v. 5, n.º. 9, 2.º semestre. Belo Horizonte: PUC Minas, pp. 23-34.
- BRANDÃO, C. (1963). **Sintaxe clássica portuguesa**. Belo Horizonte, Imprensa da Universidade de Minas Gerais.
- CAMARA JR., J. M. (1975). Nomenclatura gramatical — 2ª aula. In: J. Mattoso Camara Jr. **Dispersos**. Rio de Janeiro: FGV, pp. 62-69.
- CASTILHO, A. T. de (2010). **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo, Ed. Contexto.
- CEGALLA, D. P. (2005). **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo, Companhia Nacional.
- CHEDIAK, A. J. (1944). A Correlação em Vieira. In: **Revista filológica**. Rio de Janeiro, ano V, vol. VII, n.º 25.

- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. (2013). **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro, Lexikon.
- DUCROT, O (1977). **Princípios de semântica linguística**: dizer e não dizer. São Paulo, Cultrix.
- GIVÓN, T. (1990). **Syntax**: a functional-typological introduction. Vol. II, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- HEINE, B.; ULRIKE, C.; FRIEDERIKE, H. (1991). **Grammaticalization**: A conceptual framework. Chicago: University of Chicago Press.
- HUBER, J. (1986). **Gramática do português antigo**. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- KURY, A. da G. (1997). **Novas lições de análise sintática**. 7. ed. São Paulo: Ática.
- LUFT, C. P. (1978). **Gramática resumida**. Porto Alegre, Globo.
- MACIEL, M. (1918). **Grammatica descriptiva**. 7 ed., aumentada e refundida. Rio de Janeiro, São Paulo, Francisco Alves.
- MELO, G. C. de (1971). **Iniciação à filologia e à linguística portuguesa**. 4.ed. melhorada, aum. de Iniciação à Filologia Portuguesa, Rio de Janeiro: Acadêmica.
- OITICICA, J. (1952). **Teoria da correlação** (Col. "Rex") Rio de Janeiro, Simões.
- OITICICA, J. (1962). **Teoria da correlação** (Col. "Rex") 2. ed. Rio de Janeiro, Simões.
- OLIVEIRA, C. (1960). **Revisão gramatical**. São Paulo, Luzir.
- PAULIUKONIS, M. A. L. (2001). A estrutura correlativa como operador discursivo na articulação de cláusulas. In.: **Scripta**, v. 5, nº. 9, 2º. semestre. Belo Horizonte, PUC Minas, pp. 119-125.
- ROCHA LIMA, C. H. da (2013). **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, José Olympio.
- SAID ALI, M. (1969). **Gramática secundária da língua portuguesa**. São Paulo, Melhoramentos.

VAN VALIN JR, R. D.; LAPOLLA, R. J. (1997). **Syntax**: structure, meaning and function. Cambridge, Cambridge University Press.

VAZ LEÃO, A. (1961). **O período hipotético iniciado por “se”**. Belo Horizonte, Imprensa da Universidade de Minas Gerais.

VOGT, C. (1977). **O intervalo semântico** (Col. Ensaios 26) São Paulo, Ática.

LA VARIACIÓN LINGÜÍSTICA EN EL ESPAÑOL Y SU COMPARACIÓN CON EL PORTUGUÉS BRASILEÑO: EL OBJETO PRONOMINAL ACUSATIVO

Adriana Martins Simões

<https://orcid.org/0000-0003-2911-8873>

INTRODUCCIÓN

En este trabajo, nuestro objetivo es presentar los resultados de nuestra investigación (Simões 2015)²² sobre el objeto anafórico acusativo de 3ª persona en las variedades de español de Madrid y Montevideo comparada al portugués brasileño (PB), así como presentar un análisis teórico a partir de las tendencias observadas y de los desarrollos minimistas (Chomsky, 1999, 2000, 2004). Para llevar a cabo la investigación, analizamos entrevistas de las variedades de español de Madrid (Cestero Mancera *et al.* 2012) y Montevideo (Elizaincín, s/d), que forman parte del PRESEEA (*Proyecto Sociolingüístico para el Estudio del Español de España y de América*). La comparación con el PB se dio mediante la traducción a esta lengua de algunos datos encontrados en las variedades de español²³. Unimos

²² Una versión preliminar de este trabajo fue presentada como tesis de doctorado, desarrollada en el *Programa de Pos-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana* de la *Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas* de la *Universidade de São Paulo*, bajo la dirección de la Profa. Dra. Neide Maia González. Para realizar la investigación, recibimos una beca del CNPq, proceso n° 146998/2010-3.

²³ En nuestra tesis de doctorado (Simões, 2015), la comparación que llevamos a cabo entre las variedades de español de Madrid y Montevideo y el PB tiene un carácter cualitativo en consecuencia de la distinta naturaleza de los datos. Nuestro objetivo al realizar esa comparación fue observar las posibilidades de omisión o de realización pronominal, teniendo en cuenta, sobre todo, la estructura del SN antecedente y sus rasgos semánticos.

la perspectiva teórica generativa (Chomsky, 1981, 1986) a algunos aspectos sociolingüísticos (Labov, 2008; Weinreich *et al.* 2009). Teniendo en cuenta que en el español los objetos nulos estarían muy restringidos (Campos, 1986; Fernández Ordóñez, 1999; Groppi 1997), nuestra hipótesis fue que en las variedades investigadas la omisión se restringiría a antecedentes [-determinados; -específicos]. Sin embargo, nuestros resultados contrariaron parcialmente esa hipótesis, ya que encontramos la elipsis en contextos más amplios. Considerándose las tendencias encontradas tanto en las variedades de español como en el PB, sugerimos una interpretación teórica apoyándonos en los desarrollos minimistas (Chomsky 1999, 2000, 2004) y en otros trabajos generativistas (Ezeizabarrena, 1997; Fujino; Sano, 2002; Galves, 2011; Groppi, 1997; Thráinsson, 2008).

En la primera sección, abordamos diferentes estudios sobre el español y el PB con respecto al objeto anafórico acusativo. La segunda sección está dedicada al marco teórico y la tercera, a la metodología. En el cuarto apartado, presentamos y discutimos el análisis de los datos de las variedades de español investigadas y establecemos una comparación con el PB. En la quinta sección, abordamos nuestro análisis teórico. Concluimos con las consideraciones finales.

EL OBJETO ACUSATIVO EN LA GRAMÁTICA DEL ESPAÑOL Y DEL PORTUGUÉS BRASILEÑO

En este momento, desarrollamos un nuevo estudio cuyo objetivo es realizar un análisis cuantitativo a partir de entrevistas del español y del PB.

Los estudios de Campos (1986) y Fernández Soriano (1999) demuestran que en el español los objetos nulos se restringirían a antecedentes [-específicos; -definidos].

1. — ¿Compraste **café**?

— Sí, compré. (Campos, 1986, p. 354)

Conforme a Groppi (2009), en el español, solo se puede retomar un antecedente acusativo mediante el clítico, puesto que el pronombre tónico generaría una construcción agramatical, como en (2a). Para que este pronombre pueda referirse a un argumento acusativo, es imprescindible que sea correferente con un clítico, que el contexto discursivo señale la necesidad de contraste, que el antecedente sea [+humano] y que esté introducido por *a*, como en (2b).

2a. *Veo a ella.

2b. La veo [a ella]. (Groppi, 2009, p. 100)

Con respecto a los SSNN introducidos por el artículo indefinido, según Leonetti (1999), es posible que un pronombre definido tenga como referente ese tipo de SN.

3a. Han denunciado un caso de corrupción en el juzgado nº 3.

3b. Parece que lo ha descubierto un periodista. (Leonetti, 1999, p. 838).

En cuanto a los SSNN cuantificados, de acuerdo con Campos (1986), estos no podrían expresarse mediante un objeto nulo. Por tanto, sería necesario que un cuantificador retomara el antecedente, como en (4b).

4. — ¿Compraste algunos regalos?

4a. — *Sí, compré e.

4b. — Sí, compré algunos. (Campos, 1986, p. 354)

A pesar de que el español es una lengua en la que la posibilidad de omisión del objeto estaría altamente restringida, en algunas variedades, las elipses son posibles en contextos más amplios, entre ellas la del País Vasco (Landa, 1993) y la de Quito (Suñer; Yépez 1988).

Acerca de la variedad vasca, de acuerdo con Landa (1993), la elipsis sería posible con antecedentes [+determinados; +/-definidos] en construcciones ditransitivas [ejemplo (5)] y de tópico [ejemplo (6)].

5. También tengo las fotos_i del bote de J., pero están muy desenfocadas, así que no os= \emptyset _i=mando e_i. Los padres de J. quieren que les= \emptyset _i=mandemos e_i, aunque estén desenfocadas, así que me imagino que J. les= \emptyset _i=mandará e_i.

6. La boda_i me= \emptyset _i=pagó e_i éste de la Campa de Erandio. (Landa 1993: 139)

En cuanto a la variedad de Quito, conforme a Suñer; Yépez (1988), se observan objetos nulos con antecedentes [+definidos] cuando el antecedente constituye un tópico [ejemplo (7)], está en la oración anterior [ejemplo (8)] y cuando hay un clítico dativo [ejemplo (9)].

7. Las elecciones yo nunca entendí \emptyset .

8. Bueno, yo te \emptyset saco. (lo = el vestido)

9. A mi mamá se le quedó un poco mal cerrado el armario y logré abrir \emptyset . (Suñer y Yépez 1988: 512-514)

Los trabajos de Campos (1986), Fernández Soriano (1999), Groppi (1997, 2009) y Leonetti (1999) nos permiten observar que, en el español, es

necesario que se retome un SN [+determinado²⁴; +/-específico] mediante el clítico. Sin embargo, si se trata de un SN sin determinante, sería posible la elipsis. En cambio, las variedades habladas en Quito (Suñer; Yépez, 1988) y en el País Vasco (Landa, 1993) tienen como característica la posibilidad de omisión del objeto con SSNN [+determinados] en oraciones con clítico dativo y tópico.

En lo que concierne al PB, de acuerdo con investigaciones diacrónicas y sincrónicas (Cyrino, 1994; Duarte, 1986; Galves, 2001; Kato; Tarallo, 1986), esa lengua presenta un proceso de variación y cambio lingüístico desde el siglo XIX, que generó la pérdida del clítico acusativo de 3ª persona, la ampliación de los objetos nulos, la posibilidad del pronombre léxico en función acusativa y otros fenómenos.

En la esfera del PB contemporáneo, conforme a Cyrino (1994), la omisión del objeto sería posible con antecedentes [+/-específicos]. El estudio de Duarte (1986) señala que los SSNN [-animados] favorecerían la elipsis.

Aunque Cyrino (1994) no haya encontrado en sus datos la omisión con antecedente [+animado; +específico], según Kato (2003), cuando el antecedente constituye un tópico, sería posible que la elipsis con entidad [+humana].

10. *Esse ator, eu acho que (eu) não conheci Ø.* (Kato 2003: 139)

²⁴ Consideramos que un antecedente [+determinado] correspondería a un SN introducido por un determinante definido, indefinido o cuantificado.

En lo que se refiere al pronombre léxico, de acuerdo con Kato (2002), este ya no se restringiría a antecedentes [+humanos], de modo que podría señalar una entidad [-humana].

A partir de los estudios sobre el PB, se observa la elevada incidencia de elipsis con antecedentes [+/-específicos] y, sobre todo, con antecedentes [-animados]. Además, es posible que el pronombre léxico aparezca en función acusativa, incluso con SSNN [-humanos].

EL MARCO TEÓRICO

Conforme a Chomsky (1981, 1986), los seres humanos tendrían una capacidad lingüística innata, que se denomina *Facultad del Lenguaje*. Ese dispositivo sería responsable por el desarrollo del conocimiento lingüístico, que comprende la *lengua-I*. Un hablante adquiere ese conocimiento a partir de la fijación de parámetros, que, a su vez, se da mediante la interacción entre los datos lingüísticos del ambiente y la *Gramática Universal*.

La lengua-I sería internalizada, intensional e individual. En oposición, la *lengua-E* sería externa y extensional.

El conocimiento lingüístico constituiría un estado de la mente/cerebro y se distingue de la *actuación*, que corresponde al empleo del conocimiento de una determinada lengua.

En nuestro estudio, consideramos que tanto el clítico como el objeto nulo corresponderían a la lengua-I en las variedades de español de Madrid y

Montevideo, puesto que forman parte del conocimiento lingüístico internalizado y que los hablantes nativos adquieren naturalmente.

En nuestra investigación, además de la concepción biológica de lengua (Chomsky, 1981, 1986), consideramos también algunos aspectos de la sociolingüística²⁵ (Labov, 2008; Weinreich *et al.* 2009). Aunque antagónicas²⁶, esas dos perspectivas teóricas desempeñaron un papel importante en nuestro estudio.

De acuerdo con Labov (2008), los sistemas lingüísticos tendrían una naturaleza heterogénea, ya que, al insertarse en comunidades de habla, las lenguas varían. Según Weinreich *et al.* (2009), la variación constituye formas lingüísticas equivalentes, que comparten los integrantes de una comunidad de habla.

La variación lingüística comprende un fenómeno de transición, que tiene lugar en virtud de que la forma innovadora no puede sustituir la otra forma de manera inmediata. Sin embargo, hay fenómenos de variación que pueden extenderse durante un largo período de tiempo. En esos casos, se trata de variación estable.

²⁵ Sin embargo, nuestro trabajo no constituye un estudio sociolingüístico canónico, ya que, en vista de que la expectativa era encontrar objetos nulos restringidos a antecedentes [-determinados; -específicos], nuestra hipótesis general no preveía variación. Además, nos concentramos en analizar los factores lingüísticos que podrían favorecer la elipsis en detrimento de los factores sociales. Como condicionantes sociales, investigamos el factor geográfico y la franja etaria, que no se abordará en este trabajo. No obstante, consideramos que para un estudio más adecuado de la adaptación e inserción de las variantes en el ámbito social, sería necesario también el análisis del factor escolaridad, información no disponible en las entrevistas de Montevideo.

²⁶ Los lingüistas Kato; Tarallo (1986) unieron esas dos perspectivas teóricas para el análisis del PB y obtuvieron resultados significativos.

Weinreich *et al.* (2009) proponen que el cambio lingüístico se rige por principios, entre los cuales estarían los factores condicionantes, que constituyen contextos lingüísticos y sociales que podrían favorecer una de las variantes, y la adaptación, que sería lingüística y social. En el caso de la adaptación en la esfera lingüística, se trata de una alteración gradual de las variantes, puesto que, como vimos, el cambio lingüístico no ocurre de manera instantánea. En cuanto a la adaptación en el ámbito social, se trata de que una variante puede ser más frecuente entre hablantes de una cierta edad y escolaridad.

En nuestro estudio, las dos variedades de español investigadas corresponden a distintas comunidades de habla y nos concentramos en verificar qué contextos lingüísticos podrían favorecer la realización del objeto mediante la elipsis y, así, verificar su adaptación en la estructura lingüística. La unión entre el análisis de los contextos lingüísticos y la perspectiva generativa se mostró fundamental en nuestra investigación, puesto que nos permitió observar las posibilidades de omisión en esas variedades de español.

Con respecto al proceso de variación y cambio lingüísticos en la esfera de la teoría generativa, conforme a Kroch²⁷ (1989 *apud* Lightfoot, 1999: 92), el cambio lingüístico tendría como consecuencia una coexistencia de gramáticas en la mente/cerebro.

Según Chomsky (1999), como las gramáticas no permitirían operaciones opcionales, los parámetros de una lengua se fijarían de una forma o de otra.

²⁷ Kroch, Anthony. 1989. Reflexes of grammar in patterns of language change, *Language Variation and Change*, 1: 199-244.

No obstante, la opcionalidad sería aparente considerándose que la misma comprendería una coexistencia de gramáticas. Por tanto, la variación lingüística revelaría que el hablante posee dos gramáticas. En ese sentido, una de las gramáticas presenta la forma A y la otra, la forma B.

Para Lightfoot (2006, p. 89), la lengua-E sería un reflejo del *output* de las gramáticas de las comunidades lingüísticas y del empleo de la lengua en el discurso y en la variación social. En nuestro estudio, las entrevistas analizadas comprenderían la lengua-E. Por otro lado, como hemos visto, consideramos que los clíticos y los objetos nulos en las entrevistas comprenderían la lengua-I, que corresponde al conocimiento lingüístico internalizado. Por ende, aunque las entrevistas sean una manifestación de la lengua en uso y reflejen no solo el conocimiento lingüístico internalizado, sino también la actuación lingüística del hablante, tenemos por objeto de análisis la competencia lingüística.

LA METODOLOGÍA

En nuestro trabajo, investigamos como variable la realización del objeto anafórico acusativo de 3ª persona y como variantes, el clítico y la elipsis. Analizamos 18 entrevistas de la variedad de español de Madrid (Cestero Mancera *et al.* 2012) y 20 entrevistas de la variedad de Montevideo (Elizaincín, *s/d*), pertenecientes al PRESEEA. Estudiamos diferentes condicionantes lingüísticos, como la estructura del SN antecedente y sus rasgos semánticos. Sometimos los datos al programa estadístico *Goldvarb X* para la realización del análisis cuantitativo.

EL ANÁLISIS DE LOS DATOS

LOS RESULTADOS DE LA INVESTIGACIÓN SOBRE LAS VARIETADES DE ESPAÑOL DE MADRID Y MONTEVIDEO

Al realizar el análisis cuantitativo, encontramos, en la variedad de Madrid, el 95,9% de clíticos y el 4,1% de elipsis y, en la variedad de Montevideo, el 88,9% de clíticos y el 11,1% de elipsis. Observamos que la omisión no se restringió a los antecedentes [-determinados; -específicos], puesto que la encontramos con antecedentes [+determinados; +/-específicos] e, incluso, [+animados]. Por tanto, esos resultados contrariaron parcialmente nuestra hipótesis.

El análisis cuantitativo tenía por objetivo verificar los contextos que favorecerían la elipsis. Debido a ello, elegimos la variante objeto nulo como el valor de aplicación de la regla variable. En la esfera de la variedad de Madrid, fueron seleccionados como significativos, de acuerdo con su orden de relevancia, el rasgo semántico de animacidad y la estructura del SN antecedente. En cuanto a la variedad de Montevideo, fueron seleccionados la estructura del SN y los rasgos semánticos de animacidad y especificidad.

Con respecto a la estructura del SN antecedente, nuestra hipótesis para ese contexto lingüístico coincidía con la hipótesis general de nuestro estudio. Sin embargo, en vista de que observamos objetos nulos en contextos más amplios, adoptamos la hipótesis²⁸ de que los SSNN definidos favorecerían

²⁸ A lo largo del análisis, modificamos algunas hipótesis que no se confirmaron. Cuando empezamos nuestra investigación, basábamos nuestra hipótesis general, así como cada una de las hipótesis de los contextos lingüísticos estudiados, en los trabajos sobre el español

menos los objetos nulos. No confirmamos la nueva hipótesis, ya que ese tipo de SN no favorece menos la elipsis, sino que la desfavorece, como se observa en el cuadro 1.

	Variedad de Madrid			Variedad de Montevideo		
	n./total	%	índice de probabilidad	n./total	%	índice de probabilidad
Det. Def	21/733	2,9%	0,45	33/630	5,2%	0,40
Art. ind.	7/158	4,4%	0,55	16/108	14,8%	0,68
Cuant.	4/74	5,4%	0,57	10/72	13,9%	0,54
SN sin det.	11/84	13,1%	0,78	41/89	46,1%	0,86

Cuadro 1: Objetos nulos de acuerdo con la estructura del SN antecedente

Adaptada de Simões (2015: 138).

En ambas variedades de español, los SSNN sin determinante fueron los que más favorecieron la elipsis. En la variedad de Madrid, encontramos el 13,1% de omisión e índice de probabilidad de 0,78, mientras que, en la variedad de Montevideo, esos valores corresponden al 46,1% y 0,86, respectivamente. Obsérvense los datos en (11). Atribuimos ese resultado a

que describen como altamente restringida la posibilidad de objetos nulos (Campos, 1986; Fernández Soriano, 1999; Groppi, 1997). No obstante, al analizar los datos, observamos algunas elipses que rechazaron esas hipótesis. Como no parecía tratarse de una incidencia elevada de objetos nulos, consideramos que sería adecuada la elaboración de nuevas hipótesis, para las cuales nos apoyamos en estudios sobre las variedades de español en las que esa elipsis se da de manera más amplia (Landa, 1993; Suñer; Yépez 1988). Además, al encontrar la omisión en contextos más amplios, pasamos a investigar nuevos contextos lingüísticos, cuyas hipótesis se basaron en una posibilidad más amplia de elipsis.

la incompatibilidad entre el clítico y un SN sin determinante (Di Tullio, 1997).

11a. E: y los estudios ¿seguirías con la idea de hacer **oposiciones** o no?

I: yo creo que sí porque yo creo que en mi casa aburrida / o a lo mejor no haría Ø
(...) (Entrevista 5 – Madrid)

11b. E: y en el jardín ¿tenés **plantas**?

I: sí / en el fondo tenemos Ø sí / ahora / (...) (Entrevista 17 – Montevideo)

Acerca de los SSNN cuantificados, en la variedad de Madrid, ocurrió el 5,4% de objetos nulos e índice de probabilidad de 0,57. En cuanto a la variedad de Montevideo, encontramos el 13,8% de elipsis e índice de probabilidad de 0,54. Obsérvense los datos:

12a. I: (...) bueno llevaba en el bolsillo **dos mi<alargamiento/>l y algo** / hh si le llego a dar Ø a mi hijo / pues el tío sale frustrado del todo (...) (Entrevista 16 – Madrid)

12b. E: ¿compraste **alguna rifa**?

I: no / mamá compra Ø en la de arquitectura (...) (Entrevista 20 – Montevideo)

En lo que se refiere a los SSNN indefinidos, observamos, en la variedad de Madrid, el 4,4% de omisión e índice de probabilidad de 0,55 y, en la variedad de Montevideo, el 14,8% de incidencia de elipsis e índice de probabilidad de 0,68. Obsérvense los datos en (13):

13a. I: y<alargamiento/> no sé / bueno / ee / yo hace tiempo lo pensaba y un **una mercería que hay un poquito más abajo<alargamiento/>** la traspasaron menos mal / porque iban cerrando Ø (...) (Entrevista 4 – Madrid)

- 13b. I: nunca he llegado al <risas = “todos”/> / este<alargamiento/> / cuando llegué a los / a **unos cubiertos** creo que tenía Ø Devoto / (...) (Entrevista 1 – Montevideo)

Según Leonetti (1999), los cuantificadores y el artículo indefinido presentan el rasgo semántico de indefinitud, que se caracteriza por no ser capaz de identificar el referente, al contrario de los determinantes definidos. Atribuimos a esa propiedad la posibilidad de objetos nulos cuando el SN está introducido por esos determinantes.

En relación con el rasgo semántico de animacidad, la hipótesis inicial era que la elipsis no sería posible con antecedentes [+animados] y, a la vez, [+específicos]. No obstante, en vista de que al inicio del análisis encontramos objetos nulos de manera menos restringida, la hipótesis pasó a ser de que los antecedentes [-animados] favorecerían la elipsis. Los resultados confirmaron esa hipótesis, como se observa en el cuadro 2.

	Variedad de Madrid			Variedad de Montevideo		
	n./total	%	índice de probabilidad	n./total	%	Índice de probabilidad
[+an.]	3/274	1,1%	0,26	17/372	4,6%	0,31
[-an.]	40/775	5,2%	0,59	83/527	15,7%	0,64

Cuadro 2: Objetos nulos de acuerdo con la animacidad del SN antecedente
Adaptada de Simões (2015, p. 145)

Encontramos, en la variedad de Madrid, el 5,2% de omisión con antecedentes [-animados] e índice de probabilidad de 0,59 y, en la variedad de Montevideo, el 15,7% de omisión y 0,64 de índice de probabilidad. Obsérvense los datos:

14a. I: (...) en el arroz por ejemplo sí / en **el arroz** / pues primero rehogo Ø con aceite y cebolla (Entrevista 8 – Madrid)

14b. I: <entre_risas> me tenía que tomar **el ómnibus** </entre_risas>

E: claro

I: y tomaba Ø / salía de casa seis menos cuarto (...) (Entrevista 17 – Montevideo)

Acerca del rasgo semántico de especificidad, nuestra hipótesis inicial era que la omisión no sería posible con antecedentes [+específicos]. Sin embargo, como al inicio del análisis observamos objetos nulos en contextos menos restringidos, la nueva hipótesis pasó a ser que los objetos nulos serían favorecidos por los antecedentes [-específicos]. Obsérvense los resultados en el cuadro a continuación:

	Variedad de Madrid		Variedad de Montevideo		
	n./total	%	n./total	%	índice de probabilidad
[+esp.]	14/406	3,4%	10/411	2,4%	0,30
[-esp.]	29/643	4,5%	90/488	18,4%	0,68

Cuadro 3: Objetos nulos de acuerdo con la especificidad del SN antecedente
Adaptada de Simões (2015, p. 147-148)

Constatamos que solo en la variedad de Montevideo el rasgo semántico de especificidad fue seleccionado como relevante, de modo que confirmamos nuestra hipótesis en el ámbito de la misma. Ocurrió en la variedad de Montevideo el 18,4% de objetos nulos con antecedentes [-específicos] e índice de probabilidad de 0,68. En cuanto a la variedad de Madrid,

encontramos el 4,5% de objetos nulos con SSNN [-específicos]. Obsérvense los datos:

- 15a. I: (...) aparte no me complico en **el cocido** la<alargamiento/>rgo Ø en plan de Lardi ni<alargamiento/> ni pollo ni gallina (...) (Entrevista 12 – Madrid)
- 15b. I: eran más definidas **las estaciones** ¿no? absolutamente / es más eh uno asociaba Ø a los juegos / la cometa por ejemplo / (...) (Entrevista 13 – Montevideo)

De acuerdo con la Jerarquía Referencial de Cardinaletti y Starke (1994), las entidades [+animadas] y/o [+específicas] se ubicarían en la extremidad más referencial de esa escala. En oposición, las entidades [-animadas] y/o [-específicas] se ubicarían en la extremidad menos referencial. Teniendo en cuenta esa gradación de la referencialidad de los antecedentes, la tendencia sería que un SN [+animado] y/o [+específico] se expresara por un pronombre, mientras que en la esfera de los SSNN [-animados] y/o [-específicos] habría más probabilidad de que no se realizaran fonéticamente. Considerándose esa propuesta, interpretamos que los resultados que encontramos reflejan esa jerarquía.

Además, los objetos nulos²⁹ ocurrieron en construcciones con aspecto [-perfectivo], perífrasis verbal, clítico dativo, predicación secundaria, tópico

²⁹ A pesar de que el español no se configure como una lengua de objetos nulos, los resultados de nuestra investigación (Simões, 2015) podrían revelar el recorrido que hacen las lenguas naturales con respecto a la expresión del objeto mediante una elipsis. Así, consideramos revelador el dato de objeto nulo que encontramos en un libro de literatura infanto-juvenil en francés, como se observa en (1).

y verbos cognitivos, que son contextos en los cuales las elipsis se manifiestan en las variedades de español del País Vasco (Landa, 1993), de Quito (Suñer; Yépez 1988) y en el PB (Duarte, 1986).

- 16a. I: los más modestos del barrio somos los que procedemos / hh de esa<alargamiento/> etapa / que nos adjudicaron / los **los pisos** que<alargamiento/> nos tocaron / no<alargamiento/> había opción de decir <cita> yo quiero Ø en esta calle en esta altura </cita> (...) (Entrevista 18 – Madrid)
- 16b. I: (...) no sé de qué será **esa sal** // a mí me han regalado Ø tengo ahí un poco (...) (Entrevista 13 – Madrid)
- 16c. I: sí / una plazoleta chiquitita / este / 21 de Setiembre / se engancha con Bulevar España por ahí / **a una de ellas** / violaron Ø / eran las seis de la mañana (Entrevista 9 – Montevideo)
- 16d. I: (...) mi madre así <vacilación/> no se compraba **un helado** en la heladería <cita> porque Miguel no / porque / nos ayuda / y tú sabes que no / yo te hago Ø en casa de lo que tú quieras / de chocolate / de crema / pero **un helado de heladería** no te puedo comprar Ø </cita> (...) (Entrevista 14 – Montevideo)

-
1. *On a cherché autre chose à faire et Agnan m'a dit que pour étudier les sciences, son papa lui avait offert un jeu de chimie. Il m'a montré Ø et c'est très chouette. (Le petit Nicolas, p. 139)*
A gente procurou outra coisa para fazer e Agnan me disse que para estudar ciência, seu papai tinha dado para ele um jogo de química. Ele me Ø mostrou. É muito legal. (La traducción es nuestra) (Simões 2015: 247)

La construcción en (1) presenta el verbo cognitivo *montrer* y el clítico dativo como objeto indirecto, que, como hemos visto, son contextos que están relacionados con la posibilidad de elipsis en el español vasco (Landa, 1993) y de Quito (Suñer; Yépez, 1988). Además, aunque la oración presente aspecto perfectivo y un antecedente [+específico], este aparece en la oración anterior, es [-animado] e introducido por el artículo indefinido, contextos que favorecieron la omisión en las variedades de Madrid y Montevideo (Simões, 2015).

LA COMPARACIÓN CON EL PORTUGUÉS BRASILEÑO

Comparamos las tendencias que encontramos en las variedades de español de Madrid y Montevideo con el PB a fin de verificar las posibilidades de esas lenguas en la expresión anafórica del objeto. Para ello, seleccionamos algunos de los objetos nulos encontrados en esas variedades de español y los traducimos al PB.

En relación con los antecedentes [+animados; +específicos], sea el SN definido o indefinido, constatamos que sería posible la variación entre la elipsis y el pronombre léxico, posibilidad que se mantiene con los SSNN [+animados; -específicos], definidos o cuantificados. Obsérvense las construcciones:

17a. (...) *este* espera que eu te mostro \emptyset /*ele* (...) (referente: *o filho da informante*)
(cf. entrevista 16 – Madrid)

17b. *uma amiga minha* eu chamei \emptyset /*ela* quando ela estava vendo TV para dedicar um vídeo para ela (...) (cf. entrevista 5 – Madrid)

17a. porque *a polícia* nós não chamamos \emptyset /*ela* porque eles não tinham entrado... não tinham roubado nada (...) (cf. entrevista 18 – Montevideo)

17b. A: e você considera que tem *alguns amigos*?

B: sim... E é uma

A: ah... sim

B: está bom então

A: por sorte eu encontrei \emptyset /*eles/alguns...* viu? (...) (cf. entrevista 2 – Montevideo)

Con respecto a los antecedentes [-animados; +específicos], la variación entre la categoría vacía y el pronombre se da con los SSNN definidos e indefinidos. Por otro lado, en el ámbito de los SSNN cuantificados, se rechaza la realización del pronombre.

- 18a. (...) *eu não sei do que é esse sal... me deram Ø/ele... eu tenho um pouco aí (...)*
(cf. entrevista 13 – Madrid).
- 18b. *com uma barrinha de ferro que introduzia em uma tábua... eu tenho Ø/ela lá naquele quarto... depois eu te mostro Ø/ela (...)* (cf. entrevista 12 – Montevideo).
- 18c. (...) *eu levava no bolso dois mil e alguma coisa... se eu chego a dar Ø/*ele para o meu filho... o cara sai frustrado de tudo... entende? (...)* (cf. entrevista 16 – Madrid).

En cuanto a los antecedentes [-animados; -específicos] y definidos, la variación entre la omisión y el pronombre ocurre en las construcciones con verbos dinámicos. Sin embargo, si se trata de verbo estativo, el pronombre llevaría a la interpretación [+específica] del antecedente, como en (19b). En relación con los SSNN indefinidos, el pronombre sería posible en la primera manifestación de elipsis de (19c), cuya construcción presenta un verbo dinámico, pero ya no lo sería en la segunda, en la cual el antecedente constituye un tópico. Tampoco se aceptaría el pronombre si la construcción presenta verbo estativo, como en (19d).

- 19a. (...) *no arroz... por exemplo... no arroz... primeiro eu refogo Ø/ele com óleo e cebola (...)* (cf. entrevista 8 – Madrid)
- 19b. (...) *recebemos os apartamentos e não era possível dizer “eu quero Ø/ele nesta rua nesta altura” (...)* (cf. entrevista 18 – Madrid)

19c. (...) *minha mãe não comprava **um sorvete** na sorveteria... “porque Miguel nos ajuda e você sabe que não... eu te faço \emptyset /**ele** em casa do que você quiser... de chocolate... de creme... mas **um sorvete de sorveteria** eu não posso te comprar \emptyset /**?ele**”* (...) (cf. entrevista 14 – Montevideo)

19d. A: *e com ela você tem **uma boa relação**?*

B: *como eu tinha \emptyset /**?ela** com o meu irmão... como eu tenho \emptyset /**?ela** com a minha cunhada* (...) (cf. entrevista 8 – Montevideo)

A partir de ese análisis sobre el PB, observamos que la realización del objeto mediante el pronombre léxico estaría condicionada a entidades [+animadas] y [+específicas]. En la esfera de las entidades [-animadas], esa posibilidad se restringiría a los antecedentes [+específicos], definidos o indefinidos. Esas tendencias constituyen un reflejo de la Jerarquía Referencial (Cardinaletti y Starke 1994), puesto que serían las entidades [+animadas] y/o [+específicas] que tendrían más probabilidad de manifestarse mediante un pronombre.

EL ANÁLISIS TEÓRICO

‘En esta sección, sugerimos un análisis para la derivación de las oraciones de objeto anafórico acusativo en las variedades de español de Madrid y Montevideo y en el PB, a partir de los desarrollos minimistas (Chomsky, 1999, 2000, 2004) y de otros trabajos generativistas.

En relación con las construcciones en que se retoma el objeto mediante un pronombre, teniendo en cuenta los análisis de Groppi (1997) y Galves (2001), proponemos que sería desencadenada la operación de movimiento,

ya que el predicado verbal seleccionaría el rasgo PPA. Por tanto, el clítico cotejaría y borraría ese rasgo adjuntándose a *v*, mientras que el pronombre léxico lo haría en el especificador de *Sv*.

Con respecto a las construcciones en que el objeto se expresa por una elipsis, encontramos indicios de que los objetos nulos en las variedades de español de Madrid y Montevideo tendrían una naturaleza pronominal, así como en el PB (Galves, 2001), de modo que corresponderían a un *pro*.

En la esfera de las elipsis que tienen como antecedente un SN sin determinante, considerándose la propuesta de Chomsky (1999) de que la elevación visible del objeto sería favorecida por los SSNN definidos y específicos y los indicios de las lenguas escandinavas (Thráinsson, 2008), proponemos que el elemento pronominal sin realización fonética permanecería en la posición en que se generó, de modo que tendría lugar solo la operación de concordancia.

Teniendo en cuenta esas propuestas, el problema estaría en verificar si en las construcciones en que el objeto nulo tiene como antecedente un SN [+determinado] ocurriría o no la operación de movimiento. Para ello, lanzamos dos hipótesis: en la primera, el *v* seleccionaría el rasgo PPA, de modo que sería desencadenada la operación de movimiento y, en la segunda, no ocurriría esa selección y solo tendría lugar la operación de concordancia.

Para sostener la primera hipótesis, podríamos apoyarnos en Galves (2001), puesto que esa autora defiende que el objeto nulo pronominal también sería legitimado adjuntándose al vP. Además, de acuerdo con Cardinaletti; Starke (1994), la categoría pronominal sin realización fonética correspondería a un pronombre deficiente, que debe moverse. Por fin, el tercer argumento sería la propuesta de Chomsky (1999) de que la tendencia sería que los objetos definidos y [+específicos] se elevaran de manera visible, lo que corresponde a la operación de movimiento. No obstante, ¿cómo analizaríamos las elipsis que señalan un SN [+determinado; -específico]?

En cuanto a la segunda hipótesis, el primer argumento para sostenerla constituye la propuesta de Chomsky (1999) de que los rasgos- ϕ se manifestarían de manera visible cuando también se da el movimiento visible de un SN. Considerándose que los clíticos comprenden elementos que manifiestan concordancia y los desarrollos más recientes del minimismo (Chomsky, 2000), la propuesta de Chomsky (1999) sugiere que, si la concordancia no se manifiesta de manera visible entre el verbo y el argumento, tendría lugar solo la operación de concordancia. Sin embargo, si la concordancia se manifiesta de manera visible, tendría lugar también la operación de movimiento y, por tanto, el predicado verbal seleccionaría el rasgo PPA.

Teniendo en cuenta esa propuesta, observamos que, en el ámbito del objeto, el pronombre correspondería al elemento de concordancia que se manifiesta de manera visible entre el verbo y el objeto. En cambio, cuando el *pro* constituye el argumento del verbo, no tendría lugar una manifestación

visible de la concordancia, ya que los rasgos- ϕ del argumento no tendrían manifestación fonética. Por ende, tendría lugar solo la operación de concordancia.

Con relación al segundo argumento, conforme a Chomsky (2004), sería determinada en el léxico la generación de un segundo especificador. Por tanto, en el caso de que un núcleo seleccione el rasgo PPA, se generaría un segundo especificador y sería desencadenada la operación de movimiento. Teniendo en cuenta lo que propone Chomsky (2004), ¿qué podrían revelar las tendencias que encontramos en nuestro estudio?

Considerándose que el predicado verbal se encarga o no de la selección del rasgo PPA, en nuestra investigación, la elipsis fue más frecuente en las construcciones con aspecto [-perfectivo], que expresa eventos no delimitados; en construcciones intensionales, que se interpretan como no factuales; y en construcciones con perífrasis verbal, que presentaron aspecto [-perfectivo], algunas son modales y, debido a ello, integran los contextos intensionales. Por ende, encontramos evidencias de que habría una relación entre los predicados que denotan eventos no acabados y/o no factuales y el hecho de que no se seleccione el rasgo PPA.

Constatamos que existe una gradación en la posibilidad de la expresión del objeto por el clítico o el pronombre léxico que se relaciona con la referencialidad del antecedente y con el predicado verbal. Así, mientras que en las variedades de español investigadas se retoma por el clítico los SSNN [-animados; -específicos], definidos, indefinidos o cuantificados, en el PB, al contrario, hay restricciones para la expresión de ese tipo de SN mediante

el pronombre, restricciones estas que se acentúan entre los SSNN indefinidos y no sería posible si se trata de una construcción con verbo estativo. Esa tendencia nos revela, una vez más, la actuación del predicado verbal unido al tipo de determinante en la posibilidad de la manifestación de la concordancia. En el español, no sería posible la expresión del objeto por el clítico cuando el antecedente es un SN sin determinante y la construcción presenta el verbo estativo *tener*, como en *¿Tienes cerillas? No tengo Ø* (Brucart, 1999, p. 2805).

El tercer argumento constituye los resultados de las investigaciones de Fujino; Sano (2002) y Ezeizabarrena (1997) sobre la adquisición del español como lengua materna.

Fujino y Sano (2002) observaron que durante el proceso de adquisición del español se da un período en que los niños omiten el objeto. Sin embargo, el índice de la elipsis disminuye cuando el clítico se vuelve más frecuente.

Ezeizabarrena (1997) constató que el habla de los niños empezaba a presentar los clíticos de manera productiva después de los dos años de edad. Esa autora sostiene que tanto los morfemas flexivos como los clíticos serían morfemas de concordancia y propone que los clíticos serían la realización morfológica de Conc-O. Por tanto, la presencia de los clíticos en la producción de los niños sugiere que la categoría funcional Conc ya estaría disponible en su gramática.

Nuestra idea es que esos estudios revelarían una relación entre la producción de los clíticos y la categoría funcional Conc-O, que corresponde a Sv en los más recientes desarrollos minimistas (Chomsky 2000).

En nuestro último argumento, proponemos que, en las oraciones en (20) y (21), la agramaticalidad se explicaría por la ausencia de un pronombre para expresar un antecedente [+animado; +específico]. Suponemos que eso se daría porque el *v* habría seleccionado el rasgo PPA, pero, si, en lugar del pronombre, se selecciona un *pro*, que no presenta rasgos fonéticos y no es capaz de cotejar y borrar el rasgo PPA, las derivaciones no serían convergentes.

(20) **María** llegó hace poco. Juan dijo que **la** / * \emptyset trajo.

(21) *A **Maria** chegou faz pouco tempo. O João disse que trouxe **ela** / * \emptyset .* (Adaptado de Simões 2015: 378)

Teniendo en cuenta los argumentos que presentamos para defender la segunda hipótesis, consideramos que esta sería la más plausible. Por tanto, proponemos que, en las construcciones con objetos nulos cuyo antecedente constituye un SN [+determinado], el predicado verbal no seleccionaría el rasgo PPA y no tendría lugar la operación de movimiento, sino solo la operación de concordancia. Los rasgos- ϕ de *pro*, que no presentan rasgos fonéticos, identificarían el antecedente del objeto.

Las tendencias que encontramos en nuestro estudio y el análisis teórico que proponemos sugieren que habría una coexistencia de gramáticas (Chomsky, 1999; Lightfoot, 1999) en esas variedades de español y en el PB, que se manifiesta como variación lingüística. Así, considerándose el mecanismo que propone Chomsky (1999), una de las gramáticas correspondería a la expresión del objeto mediante un pronombre y la otra, al contrario, correspondería a la expresión mediante la elipsis.

CONSIDERACIONES FINALES

En nuestro estudio, observamos que las elipses en las variedades de español de Madrid y Montevideo no se restringieron a los antecedentes [-determinados], sino que también ocurrieron con antecedentes [+determinados; +/-específicos] e, incluso, [+animados], resultado que contrarió parcialmente nuestra hipótesis. Hemos visto que favorecieron los objetos nulos los SSNN sin determinante, los cuantificados, los indefinidos, los [-animados] y, en la variedad de Montevideo, también los [-específicos]. Además, constatamos que la omisión se manifestó en construcciones que la favorecen en las variedades de español del País Vasco (Landa 1993) y de Quito (Suñer; Yépez, 1988) y en el PB (Duarte, 1986). En cuanto al PB, observamos que la variación entre la elipsis y el pronombre léxico está condicionada por los SSNN [+específicos; +/-animados] y [-específicos; +animados]. Sin embargo, hay restricciones para la realización del objeto por el pronombre entre los SSNN [-específicos; -animados], sobre todo con verbo de estado. Con respecto a la interpretación teórica, sugerimos que en las construcciones con elipsis tendría lugar solo la operación de concordancia, ya que la concordancia entre verbo y argumento no se manifestaría de manera visible.

REFERENCIAS

- BRUCART, J. M. (1999). La elipsis. In: I. Bosque y V. Demonte (ed.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. Madrid. Espasa. p. 2787-2866.
- CAMPOS, H. (1986). Indefinite object drop. **Linguistic Inquiry**. v. 17, n. 3: 354-359.

CARDINALETTI, A.; STARKE, M. (1994). The typology of structural deficiency: On three grammatical classes. **Working Paper in Linguistics**, University of Venice, v. 4, n. 2. pp. 41-109.

CESTERO MANCERA, A. M.; MOLINA, I. y PAREDES, F. (2012). **La lengua hablada en Madrid**. Corpus PRESEEA - Madrid (Distrito de Salamanca). V. I – Hablantes de instrucción superior. Alcalá de Henares. Universidad de Alcalá.

CHOMSKY, N. (1981). **Lectures on Governing and Binding**. Dordrecht. Foris.

CHOMSKY, N. (1986). **Knowledge of Language: its nature, origin and use**. New York. Praeger.

CHOMSKY, N. (1999). **O Programa Minimalista**. Lisboa. Caminho.

CHOMSKY, N. (2000). Minimalist inquires. In: R. Martin, D. Michaels y J. Uriagereka (ed.), **Step by step**. Cambridge/MA. MIT Press. p. 89-155.

CHOMSKY, N. (2004). Beyond explanatory adequacy. In: A. Belletti (ed.), *Structures and beyond*. Oxford. Oxford University. p. 104-131.

CYRINO, S. (1994). **O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático diacrônico**. Tese de Doutorado. IEL/Unicamp, Campinas – SP.

DI TULLIO, Á. (1997). **Manual de gramática del español**. Buenos Aires. Edicial.

DUARTE, M. E. (1986). **Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil**. Dissertação de Mestrado. PUC, São Paulo.

ELIZAINCÍN, A. (s.f.). **Corpus oral de Montevideo (PRESEEA)**. [en línea]. Disponível em: <http://www.academiadeletras.gub.uy/innovaportal/v/86742/46/mecweb/espanol-oral-de-montevideo---proyecto-preseea?leftmenuid=86742>. Acesso em: 05 ago. 2021.

EZEIZABARRENA, M. J. (1997). Morfemas de concordancia con el sujeto y con los objetos en el castellano infantil. In: A. T. Pérez-Leroux y W. Glass (ed.). **Contemporary perspectives on the acquisition of Spanish**. Somerville/ MA. Casacadilla. p. 21-36.

SORIANO, O. F. (1999). El pronombre personal. Formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos. In: I. Bosque y V. Demonte (ed.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. Madrid. Espasa. p. 1209-1273.

FUJINO, H.; Sano, T. (2002). Aspects of the null object phenomenon in child Spanish. In: A. T. Pérez-Leroux y J. Liceras (ed.). **The acquisition of Spanish morphosyntax. The L1/L2 connection**. Dordrecht/Boston/London. Kluwer. p. 67-88.

GALVES, C. (2001). **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas. Ed. da Unicamp.

GROPPI, M. (1997). **Pronomes pessoais no português do Brasil e no espanhol do Uruguai**. Tese de Doutorado. FFLCH-USP, São Paulo.

GROPPI, M. (2009). Estructuras con clíticos: revisión de terminología y datos del español. **Signo y Seña**. 20: 95-113.

KATO, M. (2002). Pronomes fortes e fracos na sintaxe do Português Brasileiro. **Revista Portuguesa de Filologia**. Coimbra, Portugal, v. XX: 101-122.

KATO, M.; TARALLO, F. (1986). Anything YOU can do in Brazilian Portuguese. In: O. Jaeggli y C. Silva-Corvalán (ed.). **Studies in Romance Linguistics**. Dordrecht. Foris. p. 346-358.

LABOV, W. (2008). **Padrões Sociolingüísticos**. São Paulo. Parábola.

LANDA, A. (1993). LOS OBJETOS NULOS DETERMINADOS DEL ESPAÑOL DEL PAÍS VASCO. **LINGÜÍSTICA**. n. 5: 131-146.

LEONETTI, M. (1999). El artículo. In: I. Bosque y V. Demonte (ed.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. Madrid. Espasa. p. 787-890.

LIGHTFOOT, D. (1999). **The development of language**. Acquisition, change, and evolution. Malden/Mass. Blackwell.

LIGHTFOOT, D. (2006). **How new languages emerge**. New York. Cambridge.

SIMÕES, A. M. (2015). **O objeto pronominal acusativo de 3ª pessoa nas variedades de espanhol de Madri e Montevideu comparado ao português brasileiro: clíticos como manifestação visível e objetos nulos**

como manifestação não visível da concordância de objeto. Tese de Doutorado. DLM/FFLCH/USP, São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-09092015-175408/pt-br.php>. Acesso em: 05 ago. 2021.

SUÑER, M.; YÉPEZ, M. (1988). Null definite objects in Quiteño. **Linguistic Inquiry**. v. 14: 561-565.

THRÁINSSON, H. (2008). Object shift and scrambling. In: M. Baltin y C. Collins (ed.). **The handbook of contemporary syntactic theory**. Oxford. Blackwell. p. 148-202.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. (2009). **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. São Paulo, Parábola.

ESTUDIO CONTRASTIVO DE LOS MARCADORES DE REFORMULACIÓN EXPLICATIVOS Y REFORMULATIVOS EN ESPAÑA Y MÉXICO

Sara Fernández Gómiz

<https://orcid.org/0000-0003-2384-8525>

M. Amparo Soler Bonafont

<https://orcid.org/0000-0002-8366-531X>

INTRODUCCIÓN

El español es una lengua muy rica y con una gran variación en el contexto de uso si atendemos a su extensión geográfica; de ahí la existencia de la rama que abordamos en este capítulo, la Pragmática variacional (cfr. Placencia, 2020). Con este marco de fondo, el foco de este trabajo se fija en el uso de los marcadores discursivos (en adelante, MMDD) de reformulación, específicamente, en los explicativos (p. ej. *o sea, es decir, esto es...*) y en los rectificativos (p. ej. *más bien, mejor dicho, digo...*) en el discurso digital del español de España y de México. Ambos tipos de reformuladores han sido ampliamente estudiados, si bien es llamativa la escasa atención recibida hasta la fecha desde el punto de vista contrastivo, pese a ser reconocidos como unos de los MMDD más frecuentes, tanto en España (Figueras, 1999) como en México (Vigueras, 2014) —regiones que aquí nos atañen—.

Esta investigación pretende analizar, por consiguiente, la frecuencia de aparición de algunos marcadores reformulativos explicativos y rectificativos en el discurso digital en ambas variedades regionales del

español comentadas, en un corpus compilado a partir de textos de las redes sociales *Twitter* y *Facebook*, las cuales ofrecen un entorno inmejorable para moldear identidades de una forma discursiva en sus tres vertientes: personal, interactiva y social, de acuerdo con Yus (2014, p. 405-406; 2020). Asimismo, se propone describir su funcionamiento general en ambas variedades hispánicas. El acercamiento que se ofrece es cualitativo, si bien persigue describir tendencias de uso que puedan ser posteriormente analizadas cuantitativamente y en mayor detenimiento, incluso en otro tipo de géneros y trabajos contrastivos más amplios.

La razón principal de nuestro trabajo es, por tanto, observar las principales diferencias y semejanzas de funcionamiento entre ambas variedades del español a través de la mejora de la definición de la clase de los MMDD reformulativos comentada, en sus dos variantes elegidas para esta investigación, y en función de neogéneros que actualmente se encuentran en expansión, a la vez que suponen un canal de comunicación cotidiano y que puede representar el habla real de la población de ambas variedades de la lengua.

MARCO TEÓRICO

La clase de MMDD a la que pertenecen las formas que son objeto de este estudio es la clase de los reformuladores. Como han indicado varios de los especialistas en esta categoría funcional, pragmática (Portolés, 2011 [1998], Garcés, 2010), se trata de un tipo de MMDD que está especializado en introducir una nueva formulación de un elemento previamente presentado,

razón por la que realizan una restricción de inferencias de manera retroactiva. Más específicamente, los MMDD explicativos —por un lado— exponen lo dicho previamente, a través de otras palabras, con ejemplos, o mediante una idea más clara. Dentro de este conjunto se encuentran unidades como *es decir, o sea, en otras palabras, esto es, a saber, etc.*, como puede verse, en su mayoría MMDD periféricos, con movilidad posicional e independencia sintáctica. Los rectificativos —por su lado— introducen una idea que cancela la previa. A esta subclase pertenecen, entre otros, *más bien, mejor dicho, digo...*, o algunas formas menos discursivizadas, esto es, que han experimentado un menor grado de gramaticalización, como p. ej. *miento, antes al contrario, etc.*, si bien, de nuevo, casi todas ellas, con la peculiaridad de ser periféricas (Cuenca; Estellés, 2020). Todos estos MMDD pueden ser parafrásticos (p. ej. *es decir*) o no parafrásticos (ej. *digo*), en función de este su mayor o menor grado de gramaticalización, o bien de la estructura morfológica básica que presentan (Portolés, 1993; Figueras, 1999; Estellés, 2011).

Este objeto de estudio se analiza en el presente capítulo en el contexto actual de la multimodalidad, de acuerdo con los estudios recientes de Yus (2014, 2020). Se aborda un análisis en géneros interaccionales en línea y se pone la atención sobre la aparición de MMDD, entendidos como categorías pragmáticas, y también sobre la afectación que tienen los usos polisémicos y polifuncionales de estas formas en las circunstancias que ofrecen los neogéneros interactivos en línea, en concreto: *Twitter* y *Facebook*. Por ello, el capítulo se centrará en dos aspectos primordiales:

- Por un lado, se realiza un análisis de las características de los géneros de interacción informales (entre lo escrito y lo oral) elegidos, *Twitter* y *Facebook*, en los que pueden aparecer los MMDD de reformulación (explicativos y rectificativos), y sobre cómo pueden afectar las características de dichos géneros a sus manifestaciones, de manera distinta a como lo hacen cuando aparecen en otros géneros escritos u orales más tradicionales. Con ello, se quiere extraer una descripción del comportamiento de los MMDD reformulativos en unas circunstancias específicas y actuales de interacción.
- Por otro lado, se evalúan los datos que interfieren en lo lingüístico, y que no son propiamente lingüísticos, pero que aparecen en el contexto multimodal de los géneros de base, a saber, emoticonos y otros aspectos que tratan de reflejar o suplir la expresividad de lo oral, a través de lo escrito en línea.

Así pues, de acuerdo con Garcés (2008, p. 69), la categoría funcional de los MMDD reformulativos se caracteriza por acometer un “proceso retroactivo que permite explicar, rectificar, reconsiderar, recapitular o separarse de la formulación anterior [...]” y “refleja la capacidad de los hablantes de elegir las formulaciones lingüísticas que consideran más adecuadas en cada momento”. Por su parte, Portolés (2011 [1998], p. 141) expone, sobre los MMDD especializados en esta función, que son “marcadores que presentan el miembro del discurso en el que se encuentran como nueva formulación de lo que se pretendió decir con un miembro anterior.” Dentro de esta categoría pueden distinguirse un total de cuatro tipos de MMDD:

1. Explicativos

2. Rectificativos
3. De distanciamiento
4. Recapitulativos

El objeto de nuestro estudio son los dos primeros casos: los MMDD explicativos y los rectificativos. El primer grupo es el de los explicativos. Estos “presentan el miembro del discurso que introducen como una reformulación que aclara o explica lo que se ha querido decir con otro miembro anterior que pudiera ser poco comprensible” (Portolés, 2011 [1998]): 142). Se trata de casos como *o sea, es decir, esto es, a saber, en otras palabras, dicho de otro modo*, etc. Con gran frecuencia, se trata de usos parafrásticos de los MMDD (Figueras, 1999).

Garcés (2008, p. 87-93) señaló dos tipos de relaciones en la función de explicación que manifiestan estos MMDD, esto es, los explicativos. Véase la siguiente clasificación relacional³⁰:

1. MMDD de reformulación explicativos que manifiestan una *relación establecida en el plano referencial o significativo a través de la identificación de algún elemento del miembro precedente*:

- (1) La mayoría de los elementos son precederos, **es decir**, se estropean en un intervalo de tiempo relativamente corto (Suplemento *Salud* de *La Razón digital*, 11-17/03/2004, CREA)

³⁰ Los ejemplos (1) a (5) también han sido tomados de Garcés (2008).

2. MMDD de reformulación explicativos que manifiestan una *relación surgida en los procesos inferenciales que conducen a interpretar el enunciado como una consecuencia o una conclusión derivada de lo expresado en un miembro anterior*:

(2) La edad de los directores que concursan en el Festival Cinema Joven debe ser inferior a los 36 años, **es decir**, que con esa edad ya se es viejo para un encuentro como este. (*La Razón*, 17/06/2003, CREA)

Veamos ahora el segundo caso, el de los reformuladores rectificativos, los cuales “sustituyen un primer miembro, que presentan como una formulación incorrecta, por otra que la corrige o, al menos, la mejora” (Portolés, 2011 [1998]), p. 142). Son, entre otros, casos como *mejor dicho, más bien, digo, miento...* En este conjunto, del mismo modo que para los MMDD explicativos, Garcés (2008: 105-108) dio cuenta de diferentes procedimientos de rectificación:

1. *Rectificación de lo anterior a través de una nueva expresión que modifica la referencia o corrige el contenido de lo dicho en un segmento previo.*

(3) Tenemos que arreglar esto como sea, porque nos hemos equivocado o me he equivocado yo, **mejor dicho**. (A. Grandes, *Los aires difíciles*, 2002, CREA)

2. *Rectificación mediante una expresión alternativa que mejora la precedente.*

(4) Fue él el primero en hacer esa pregunta, o **mejor dicho**, en formular esa pregunta que yo me venía haciendo desde por la mañana [...]. (J. Marías, *Corazón tan blanco*, 1992, CREA)

3. *Rectificación mediante una nueva formulación que modifica o invalida el estado de cosas expresado en el primer segmento y lo sustituye por lo referido en el miembro reformulado.*

(5) Lo entendía o, **mejor dicho**, no entendía nada, no entendía en qué mundo estaba viviendo, no entendía nada. (M. Sánchez-Ostiz, *Un infierno en el jardín*, 1995, CREA)

Este trabajo se acoge a estas descripciones realizadas hasta la fecha (Garcés, 2008, Portolés, 2011), si bien no profundiza en las subclasificaciones aportadas por algunos autores como los revisados, debido al corte cualitativo del estudio y el pequeño número de casos estudiados, dado que la extracción de resultados en este sentido podría no resultar significativa ni conclusiva.

METODOLOGÍA DE LA INVESTIGACIÓN

Para el análisis de los MMDD de reformulación que son objeto de este estudio se han extraído muestras reales de estas unidades funcionales en un corpus seleccionado para tal fin. Tras ello, se han revisado cualitativamente las características de los géneros que las contienen, el contexto próximo de aparición de los MMDD, y los valores concretos desplegados por los ejemplos detectados de esta categoría funcional.

En primer lugar, se han delimitado los corpus interactivos en línea de *Twitter* y *Facebook* por diferentes razones. Estos neogéneros combinan publicaciones de mayor extensión (que suelen coincidir con las publicaciones correspondientes a intervenciones monológicas) y de menor extensión (aquellas intervenciones que son reactivo-iniciativas, generalmente), a la vez que ofrecen textos breves escritos, pero con características propias de la oralidad. Asimismo, en estos géneros se tratan frecuentemente temas cotidianos y de actualidad, sobre los que los participantes manifiestan su opinión, hecho que facilita reconocer expresiones espontáneas y de registro informal e incluso coloquial, en situación interactiva, si bien no de inmediatez, lo que incluso permite observar aún vestigios de la hibridez de lo escrito-oral. Esta última es una de las razones primordiales que sirve a esta investigación para observar si alguna de las formas de los MMDD estudiados mantiene o ha perdido algunos de sus semas básicos, en aras de entender el mayor o menor grado de gramaticalización en el que se encuentran. También en estos se incluyen emisiones de un amplio conjunto de hablantes (en cuanto a edad, nivel sociocultural y sexo) que, aunque no sean en profundidad objeto de nuestro análisis, sí dan cuenta de una amplia gama de usos y, por consiguiente, de ello puede obtenerse una visión preliminar y panorámica del uso de estas formas en las variedades del español elegidas para su contraste: el español de España y el español de México.

La motivación de acercarnos a estas variedades responde, asimismo, a la escasez de trabajos previos al respecto, así como a la observación de las

variaciones regionales elegidas en una primera aproximación a diferentes tipos de corpus interaccionales. La falta de estudios en contraste empujó definitivamente la ejecución del análisis.

En segundo lugar, se ha llevado a cabo una aproximación cualitativa a los usos frecuentes de los MMDD reformulativos en los dos neogéneros citados. Esta observación, pese a ser cualitativa y con un fin eminentemente descriptivo, se ha realizado de manera equitativa en ambos corpus. Así, se ha obtenido una proporción de 5 casos de MMDD explicativos y 5 de MMDD rectificativos de cada país (España y México) y, respectivamente, en cada uno de los corpus comentados. De este modo, se ha conseguido compilar un total de 20 ejemplos reales de uso en cada corpus, de los cuales 10 son originarios de cada una de las distintas variedades del español³¹. La siguiente tabla resume dichas ocurrencias totales revisadas:

	MMDD reformulativos			
	ESPAÑA		MÉXICO	
GÉNEROS	explicativos	rectificativos	explicativos	rectificativos
<i>Facebook</i>	5	5	5	5
<i>Twitter</i>	5	5	5	5

³¹ Cabe mencionar aquí que, precisamente por la naturaleza de este trabajo, no podemos asegurar al cien por cien la procedencia (México o España) de cada uno de los ejemplos que componen nuestro corpus. Si bien es cierto que tanto *Twitter* como *Facebook* permiten un filtrado de las publicaciones por el lugar de procedencia; no se puede demostrar, por derecho a la privacidad de los usuarios que las publican, su origen. Este problema, difícil de resolver, supone uno de los mayores inconvenientes en análisis contrastivos de esta índole.

Tabla 1. F₀ de ejemplos analizados en los corpus interactivos digitales

En tercer y último lugar, los ejemplos extraídos han sido analizados de manera pormenorizada y contrastados, sobre todo, desde el punto de vista de la variedad regional en la que han sido emitidos, lo que ha permitido extraer algunas generalidades de uso. Este punto pasa por la revisión de las circunstancias discursivas que envuelven la aparición de uno u otro MMDD, y la atención a cuestiones extralingüísticas que pueden acompañarlos (aparición de elementos multimedia, emoticonos, etc.).

LOS MARCADORES DEL DISCURSO REFORMULATIVOS

En este apartado abordaremos el análisis de los distintos MMDD extraídos de los corpus *Twitter* y *Facebook*. Para una mejor comprensión de las observaciones realizadas, estructuramos este apartado en función de los tipos de reformulación trabajados (explicativa (§ 4.1) y rectificativa (§ 4.2)), y exponemos las especificidades que se manifiestan en los géneros a modo de subapartados internos.

MMDD REFORMULATIVOS EXPLICATIVOS

En el caso de los MMDD reformulativos explicativos, en los corpus analizados se observa que, como su definición apunta, vienen enmarcados sintáctica y fónicamente en la cláusula en la que aparecen y sobre la que tienen ámbito, independientemente de su extensión, es decir, se mantiene su idiosincrasia periférica (Cuenca; Estellés, 2020). Vienen enmarcados entre comas, o tras pausa e iniciales de cláusula, característica que se mantiene también, pues, en estos géneros híbridos (entre lo oral y lo escrito). Ahora bien, sí presentan diferencias en cuanto al género y la variedad regional en la que aparecen.

EL CASO DE *TWITTER*

A continuación, presentamos los ejemplos de reformuladores explicativos extraídos de *Twitter* para México (a. 6-10) y España (b. 11-15).

A. MÉXICO

- (6) Un delincuente, con razón Vargas Llosa defiende a los #Corruptos de la #DerechaFascista de #México: la #4Transformación lo deja sin clientes. Entre #corruptos se defiende, **dicho de otro modo**, #VargasLlosa defiende a la #DerechaCorrupta Nos vemos #AMLOFest #AMLOEstamosContigo (@FlorDePitaya, 01/12/2019)
- (7) De los 50 Municipios más violentos del país, Morena gobierna 30, **es decir**, el 60% de las ciudades más violentas de México Son datos oficiales, presentados en la mañanera por el propio sr López, y es la prueba irrefutable de que Morena es un fracaso en cualquier nivel de gobierno (@MaxKaiser, 20/07/2021)
- (8) Refugio de Xihuatoxtla, ubicado en el valle del río Balsas, Guerrero, México. Aquí se encontró evidencia de ocupación que datan de 8900 a 8600 años, y la evidencia de la domesticación del maíz a partir del Teocentli (en #náhuatl «maíz divino»), **en otras palabras** aquí nació el Maíz. (@Lycan, 20/07/2021)
- (9) **O sea** si quiero que gane México pero también quiero ver a Gignac @10APG meter muchos goles Cara sonriente con ojos en forma de corazón Corazón azul Bandera de México Palo de corazones #MexicovsFrancia (@miishoneybunny, 22/07/2021)
- (10) **O sea** sí me dolió la vacuna, pero me duele más mi México corrupto. (@valriquelme, 18/07/2021)

B. ESPAÑA

- (11) Me encanta que me inviten a desayunar/merendar. **En otras palabras**, me enamoras fácilmente (@Bulacio_, 15/07/2021).
- (12) De los contagios del último mes, - el 83,1% no estaban vacunados, - el 11,4% llevaban la primera dosis - el 5,5% llevaban las dos dosis. **Es decir**: funcionan. (@juansotoivars, 21/07/2021).
- (13) «Es estupendo cuando el amor se convierte en amistad. La pasión dura lo que todos sabemos; **es decir**, muy poco. Si el amor sobrevive, entonces es un amor en serio y un compañerismo sin límites». (@Sabinaquotes, 20/07/2021).
- (14) Nunca he podido entender cómo algunas personas prefieren una victoria política pírrica a proteger la reputación de las instituciones en las q trabajan. **Dicho de otro modo**, mejor no obtener un rédito político si eso socava de forma irrecuperable la credibilidad institucional (@delPinoE, 15/07/2021).
- (15) El PP se ha definido como “partido heterogéneo y no homogéneo“, o “partido poliédrico”, **o sea**, meros REINOS DE TAIFAS. Feijoo prohíbe el español. Bonilla pacta con el PSOE. Ayuso ignora a Génova que la odia. Y el mindundi Casado quiere gobernar España si no manda ni en su casa? (@thecentinator, 23/07/2021).

El análisis de estos ejemplos nos lleva a formular las siguientes conclusiones:

- i. La nómina de MMDD de reformulación explicativa es similar en ambas variedades del español.
- ii. Algunos MMDD explicativos, tanto en España como en México, prefieren contextos de mayor formalidad (*dicho de otro modo, en otras palabras*) como se observa en los ejemplos (6) (8) y (14); o, por el contrario, de menor formalidad (*o sea*) como en (9) (10) y (15), los cuales vienen marcados por el tema tratado y la extensión de las publicaciones. Por otra parte, algunos de ellos, como *es decir*, parecen repartir sus usos entre los contextos formales e informales en España, como se ve en (12) y (13); mientras que en México prefieren el registro formal, como en (7). Todos los casos aparecen en contextos eminentemente opinativos.

EL CASO DE FACEBOOK

A continuación, presentamos los ejemplos de reformuladores explicativos extraídos de *Facebook*³² para México (a'. 16-20) y España (b'. 21-25).

³² Cabe mencionar aquí que en muchos de los ejemplos de MMDD explicativos y de rectificativos extraídos de *Facebook*, tanto de España como de México, aparecen elementos multimodales que acompañan el discurso escrito, esto es, emoticonos, imágenes, enlaces o vídeos. Puesto que aquí no se pueden visualizar, los hemos descrito entre paréntesis siempre que aparecen para que el lector pueda hacerse una idea lo más aproximada posible de la muestra.

A'. MÉXICO

(16) ¡¡Feliz cumpleaños a la mejor mamá del mundo mundial!! (*dos emoticonos festivos*) **(o sea** a ti (*emoticono cara riéndose con lágrimas*)) Te amo con todo mi corazón (*emoticono corazón rojo*) gracias por ser una persona increíble que siempre nos apoya y nos enseña a ser menos malvados con los demás (A. Maldonado, 3/01/2021).

(17) Ya no sé ni qué pensar, ni qué sentir, ni qué decir... al menos 4 fiestas fuertes y de no menos de 15 / 20 personas se ven desde mi casa. Una aún sigue, cantan y hacen bulla como si fuera un estadio. Hace unos minutos tuve que llamar al 911 y uno de mis hijos desde casa gritarle a un tipo para defender a una chica de un juniorcito que reñían fuera del uber y otro cuate que estaba ahí abajo con ellos igual de borracho nos pidió que grabáramos... **o sea... EN QUÉ IDIOMA Y DE QUÉ MANERA HAY QUE HACERLE ENTENDER A LA GENTE QUE ESTO NO SE HA TERMINADO???** El hecho de que su abuela esté vacunada no quiere decir que gañaría la guerra contra el bicho. Es frustrante la estupidez humana y hasta donde puede llegar la inconsciencia. #hastaquelosmuertosnoseansuyos #QuedareEnCasa #noseaspartedelproblema (F. Finkmann, 11/04/2021. Publicación compartida desde Instagram).

- (18) **O sea** que me salvé Horacio Besson? (*emoticono cara sonriente*) (F. Finkman, 7/02/2021. Publicación acompañada de una nota de un blog sobre lectura)
- (19) Los tales periodos son aquellos a los que obliga la Ley de Educación desde siempre. **O sea**, simulación (*emoticono cara de sorpresa*) (M. E. Flores, 18/06/2021. Publicación acompañada de un enlace a una noticia de Televisa)
- (20) **En otras palabras...** Soy tu perro.[#IsleOfDogs](#) (Retransmisión.mx. 30/01/2021. Publicación de un corto cinematográfico).

b'. España

- (21) Nos estamos volviendo tontos, señala Rosa Montero... Triunfa el pensamiento lineal y se deteriora la capacidad para manejar las ambigüedades, las ironías, las metáforas y los dobles sentidos, **es decir**, lo que nos hace ineludiblemente humanos y que es inimitable por programas y ordenadores (F. Yus, 27/06/2021, 20:03. Publicación acompañada de una imagen).
- (22) (*emoticono máscaras teatro, emoticono paleta de pintor, emoticono claqueta de cine y emoticono libros*) El curso que impartiremos no será en absoluto una propuesta unidireccional ni se regirá por las certezas. No vamos a estudiar teorías sociológicas desde la complacencia, sino que vamos a tomar la

cultura actual como un dispositivo para interrogarnos por sus formas de definir y moldear la categoría de “lo obrero”. **En otras palabras:** trabajaremos con Marx y Federici, con Olin Wright y Vicenç Navarro, pero lo haremos para ver de qué forma las novelas, las películas, los programas de televisión y los poemas toman el concepto y le dan sentido en un periodo temporal en que lo obrero colisiona, tiembla y se resquebraja [...] (Á. Martínez 5/07/2021. Publicación sobre un curso en la UAM).

(23) Existirían distintos tipos de esta psoriasis: la verdadera #PsoriasisFacial, la que afecta las zonas de implantación del cuero cabelludo (que es una variante de psoriasis de cuero cabelludo) y el denominado sebo-psoriasis (placas eritematosas, **es decir**, rojas, que se juntan y presentan descamación plateada y que suelen afectar la región frontal, retroauricular y de conducto auditivo). [...] (Acción Psoriasis, 19/07/2021).

(24) ¿Qué es un híbrido de maíz? (*emoticono maíz y emoticono señor comiendo*) En términos sencillos, un híbrido de maíz resulta cuando una planta de maíz fecunda a otra que genéticamente no está emparentada con la primera. La planta que produce la semilla se denomina progenitora hembra o de semilla, en tanto que la planta que proporciona el polen para fecundar a la hembra se denomina progenitor macho o de polen. **En otras palabras**, una planta hembra es cruzada con una planta macho a fin de producir semilla híbrida. Esta semilla posee una

configuración genética única, resultado de ambos progenitores, y produce una planta con ciertas características [...] (Agroquímicos Arca S. A. de C. V, 1/07/2021).

- (25) "Sociedad civil", "Libertad", "principios y valores", "derecha", "contra el totalitarismo", "los políticos", "libre mercado", geopolítica "americanista" (o, **dicho de otro modo**, "naciones libres", frente a "Estados fallidos" o "Estados gamberros"), etc... (P. Insua, 20/01/2021).

Tras analizar los ejemplos anteriores, podemos extraer las siguientes ideas relevantes:

- i. En *Facebook*, la mayor extensión de las publicaciones personales (entre las que aparecen algunas de opinión y argumentativas, y otras expositivas) hace aflorar este tipo de MMDD con mayor frecuencia que en *Twitter*. Suelen hacerlo, y con mayor frecuencia que en el otro género, junto con otros recursos multimedia (imágenes, emoticonos, enlaces a vídeos...), los cuales refuerzan el valor de lo dicho.
 - a. México prefiere, más concretamente, el uso de emoticonos para la informalidad y tratar de estrechar lazos con el otro.
 - b. España, en cambio, utiliza una mayor proporción de emoticonos en publicaciones de mayor formalidad, con un fin de refuerzo de lo dicho.

En consecuencia, parece que existe una diferente función de la multimodalidad en ambos usos regionales del español, y de su uso como acompañamiento de los cotextos en los que aparecen los MMDD estudiados.

- ii. También en este género de *Facebook*, queda marcado el uso de *algunos* MMDD explicativos.
 - a. En México, *o sea* se utiliza más frecuentemente, y con un mayor grado de informalidad mayor, si cabe, al de sus usos en España.
 - b. En España, en cambio, *o sea* se encuentra en relación paradigmática con *es decir*, esto es, ambos MMDD reparten sus contextos con mayor asiduidad.

En líneas generales, no obstante, *o sea* es el MD explicativo que aparece con más frecuencia y con un mayor grado de acompañamiento de otros recursos (multimedia) en ambas variedades del español.

MMDD REFORMULATIVOS RECTIFICATIVOS

EL CASO DE *TWITTER*

Como puede observarse en los siguientes ejemplos de reformuladores rectificativos de *Twitter* de México (a. 16-30) y de España (b. 31-35), existen algunas formas que aparecen solo en España, como *miento* (35), y

otras que son más frecuentes en un lugar que en otro; por ejemplo, en México, *digo* (26 y 27), si bien no resultan del todo extraños en la otra modalidad (31).

Asimismo, en todos los casos, estos MMDD mantienen sus características de ser marco de la cláusula, y aparecer de forma periférica como elementos iniciales, tras pausa, enmarcados entre pausas, etc.

A. MÉXICO

(26) Hoy me tengo que dormir súper temprano para levantarme a ver a Gignac y Florian, **digo**, a México (@elsamoraan, 21/07/2021)

(27) Hoy empezó el Apertu...**DIGO** el torneo "Grita México A21" y este compa americanista lo sabe. (@somoslamente, 23/07/2021)

(28) Sin embargo yo tengo dinero y él no. Pero el no lo hace o **mejor dicho** hacia porque no tenía dinero. Lo hacía por costumbre y por hacer lo que sus amigos hacían. Buen día amigo. Viva AMLO pero sobretodo VIVA MEXICO. (@MarioBonola, 23/07/2021)

(29) Creo q no es tanto lo que pueda hacer Honduras.. **más bien** preocupa lo que deje de hacer México (@marktelle, 21/07/2021)

(30) Gran victoria? **Mejor dicho** sufrida victoria jsjsjs la selecta los puso a bailar Bamboo!!!! (@elzeikaer233, 19/07/2021)

B. ESPAÑA

- (31) Un debate, por más interesante que sea, no será demasiado hacerlo en un programa de la mañana? **Digo**, a mí se me hace pesado empezar el día así (@MaraJosGuerra9, 20/07/2021)
- (32) Eso lo valoró los de La Sexta o **mejor dicho** los de La Secta (@laranarene7933, 20/07/2021)
- (33) Esta gráfica es un poco engañosa en el tramo final de fallecidos, por los retrasos en las notificaciones. Los fallecidos diarios en España no están en 5-10, sino **más bien** en 20, y subirán, aunque quedarán lejos de las olas anteriores, afortunadamente. Benditas vacunas!!! (@jifmpiano, 16/07/2021)
- (34) Es barato o **más bien** algo más caro que en España, aunque no sabría decirte la calidad que tiene (@salcrio, 16/07/2021)
- (35) España padeció, sufrió y aguantó al corona, hay q mirar atrás y ver q ha hecho PP, CS y el otro para tratar d eliminar el bicho, NADA, bueno **miento** han jodido a Sánchez q con su esfuerzo luchaba con el bicho como podía, bloquearon todas las medidas, etc, ¿Les premiaremos en las urnas? (@Julianvirome, 16/07/2021)

La variedad en la elección de unos u otros rectificativos en el caso de *Twitter* es grande, si contrastamos los resultados de observación de estos ejemplos con lo que ocurrirá en *Facebook* (§ 4.2.2). Ahora bien, los usos de estos

MMDD en *Twitter* sí parecen presentar alguna diferencia respecto a *Facebook*: p. ej. en México en contraposición a España, presentan mayor libertad posicional y aparecen sin el acompañamiento de otros elementos de marcación. Así, por ejemplo, observamos que en *Twitter*, en la variedad mexicana del español, *más bien* o *digo* encabezan más frecuentemente cláusulas, mientras que en España, se encuentran más comúnmente combinaciones en posición intermedia del tipo *bueno miento, sino más bien, o mejor dicho*, lo cual muestra una mayor prolijidad de expresión en España, incluso en el neogénero que impone, per se, una mayor brevedad.

EL CASO DE *FACEBOOK*

Veamos los ejemplos extraídos para los rectificativos en *Facebook* –México (a'. 36-40) y España (b'. 41-45)–. La manifestación de estos MMDD denota casos específicos como una elevada frecuencia de uso de *mejor dicho* en ambas variedades lingüísticas, y en todo tipo de contextos. Cabe destacar, en cualquier caso, que *mejor dicho* alterna en contextos informales con *digo*; hecho que se observa, también, en ambas variedades diatópicas del español.

A'. MÉXICO

(36)Mi primer medio Ironman duró más de 9,000 kms y 19 meses (o, **mejor dicho**, 38 años)... mañana me toca recorrer los últimos 113 kms a la meta. (R. Leal, 23/05/2021)

- (37) Gweritos **-digo** bonitos- recuerdos (A. González, 23/05/2019. Publicación acompañada de una fotografía)
- (38)No es que sea proHuawei (que sí lo soy), pero no esta chido el bullying de USA, hay mucha esclavitud... **Digo** empleos en todo el mundo gracias a Huawei... Consideren eso antes de descartar uno de sus equipos (A. Mon, 24/05/2021)
- (39)¿Por qué están llorando ? ¿**Mejor dicho** por qué estamos llorando? (Solo el Mejor Anime-Venegas, 28/07/2021. Publicación acompañada de un vídeo de manga)
- (40)Quizás un año que nunca olvidaremos o **mejor dicho** un año para olvidar, el mundo entero sufrió los embates de una pandemia que a la fecha a dejado aproximadamente 1. 7 millones de muertes en el mundo, más de 120 mil en México, en Veracruz rebasamos la cifra de 6,200, y nuestro Coahuila ya son más de 500 los que han fallecido, muchos conocid@s, amig@s,familiares muy cercanos. (J. Ribon, 31/12/2020)

B'. ESPAÑA

- (41)Venir al restaurante Los Abetos para comprar papeletas del sorteo, significa caer en la tentación de sentarse a almorzar... Y hay varios tipos de tentaciones por las que es imposible no debilitarse...Pero la que más os gusta es, sin duda, la del Bocadillo XXL. ¿Qué tendrá? o

mejor dicho ¿Qué no tendrá? ¡Porque lo tiene todo! ¿Quién ha probado el Bocadillo XXL? (Restaurante Los Abetos, 2/07/2021)

(42) Qué fuerte, Madrid. Acabo de oír a la Ayuso en su discurso y me dolió, me dolió mucho. Nunca la había oído ni la había querido oír, **mejor dicho**. ¿Cómo pudo persuadir alguien que tiene ese nivel de discurso? No hay disponibilidad léxica, abundan sintagmas simples que luego, en hiperbatos, cambia de lugar, en frases sueltas, sin armar enunciado con un proceso como núcleo. ¿Ese fue el discurso que se impuso? Este es el simple reflejo de lo clave que es formar, educar y reforzar la educación cívica. Crisis. (S. Chávez, 4/05/2021)

(43)Missing you Beniyork **digo** Benidorm (*emoticono cara riéndose con las manos en la boca*) (D. Alfredoson, 9/12/2021. Publicación acompañada de fotografías)

(44)"Cuando nada es seguro, todo es posible". Hace unos meses escuché esta frase. Me hizo reflexionar y asociarla a circunstancias o **mejor dicho**, a etapas de mi vida, las cuales he superado y me han hecho crecer como persona [...] (N. Calderón, 20/07/2021)

(45)“Dos es mi corazón” es un libro que recoge los versos en español y zapoteco de la poeta Irma Pineda y los deja en manos -o **mejor dicho** en los pinceles- de niñas y niños para darles color con su imaginación (C. Lomas, 7/05/2021, Publicación acompañada de una imagen y un enlace)

De la observación de estos ejemplos puede colegirse que el uso de los MMDD reformulativos rectificativos es mucho menos libre que el de los explicativos, los cuales manifiestan un repertorio de casos más amplio, tanto en las variedades regionales comentadas, como en los dos géneros diferentes tratados. Así, la preferencia por *mejor dicho*, seguida por la de *digo*, es patente, tanto en México como en España. Asimismo, la preferencia por añadir referencias multimedia, pero, en lo posible, externas (enlaces a vídeos, remisiones a otras publicaciones, etc.), es más frecuente junto a estos MMDD en *Facebook* que en *Twitter*, como se ha ido viendo en los ejemplos.

CONCLUSIONES

Este capítulo ha revisado de forma descriptiva el uso de los MMDD reformulativos de explicación y rectificación en los nuevos géneros interactivos de no inmediatez en línea *Twitter* y *Facebook*. El acercamiento ha permitido llegar a algunas conclusiones generales.

Por un lado, de forma amplia, se ha visto que los reformulativos se especializan en función del tipo de secuencia en la que aparecen en los neogéneros analizados, de acuerdo, por ejemplo, con su *extensión*, el *tópico* tratado o el *carácter de la intervención* en el que se encuentran: expositivo o argumentativo/opinativo. Por otro lado, se han obtenido resultados específicos para cada uno de los grupos de MMDD reformulativos tratados.

Dentro de los MMDD reformulativos-explicativos se observa cierta preferencia por *o sea* en la variedad mexicana del español, frente a *es decir*, más frecuente en España. Sea como fuere, estos MMDD elegidos suelen ser parafrásticos. Asimismo, en España es frecuente la posición intermedia de este tipo de marcación, mientras que en México el MMDD suele encabezar los enunciados en los que aparece y tiene ámbito. Llama la atención, también, que no aparecen los explicativos *esto es* y *a saber* ni en España ni en México, al menos, en estos géneros, quizá por pertenecer ambos o estar marcados por un registro formal y por aparecer en un número menor de contextos, de acuerdo con su pérdida de vitalidad (Figueras 1999: 268). En el uso de este subtipo de reformulativos no se observan diferencias destacables entre los géneros trabajados.

En cuanto a los MMDD reformulativos-rectificativos se mantienen, en líneas generales, las características básicas de su definición y no presentan preferencia formal por las variantes parafrástica o no parafrástica, que reparten de forma proporcional sus contextos. Ahora bien, aparecen algunos usos de MMDD como *miento* que no se emplean en México y sí en España, así como otros que se prefieren en la variedad mexicana y menos en la española (p. ej. *digo*), sobre todo, en los resultados arrojados por *Twitter*. *Facebook*, por su lado, no ofrece especificidades de distinción notables.

Más allá de las cuestiones específicas en los usos de uno u otro tipo de reformulativos, se ha visto que la multimodalidad, manifestada por las circunstancias del canal, y en el uso de emoticonos e imágenes, vídeos, referencias internas en las emisiones a noticias, etc., permite a los

reformulativos realizar dos posibles funciones, al menos, en estos neogéneros (*Twitter* y *Facebook*):

1. Constituir la intervención en turno (cuando, en muchas ocasiones, aparecen de manera aislada y conforman una sola intervención, por ejemplo, de respuesta; o incluso cuando sirven para enfrentar lo dicho por otro y rebatir con una contraopinión, que alcanza valor social con el uso, precisamente, del MMDD).
2. Orientar el valor del enunciado en el que aparece y tiene ámbito el MMDD, bien hacia la objetivización, bien hacia la subjetivización. En este sentido, los reformulativos pueden contribuir a reforzar la expresividad de lo dicho en publicaciones informales (generalmente, en las intervenciones que son breves, sobre todo en *Twitter*, y en las intervenciones de respuesta, y no en publicaciones del muro individuales y extensas de *Facebook*); o también, en contrapartida, a validar epistémicamente aquellas publicaciones de mayor formalidad (esto es, las más extensas, las cuales coinciden, con mayor frecuencia, con las publicaciones en los muros individuales del género de *Facebook*).

Pese a las conclusiones extraídas, esta primera aproximación contrastiva de los MMDD reformulativos en México y España no queda exenta de limitaciones. Es por ello que se mantienen abiertas diferentes líneas de trabajo. Así, por ejemplo, resulta necesario realizar un estudio cuantitativo para agrandar la muestra del corpus y comprobar si las tendencias de uso de los MMDD analizados se mantiene a mayor escala y en los géneros elegidos. Añadido a ello, faltaría ahondar en las semejanzas y diferencias,

de una manera más afinada, en el comportamiento discursivo de ambas clases de MMDD en España y México, lo que supondría un trabajo empírico y más amplio que se espera poder realizar en futuras incursiones en el tema.

REFERENCIAS

CUENCA, M. J.; ESTELLÉS, M. (2020): Los marcadores contrastivos al contrario, antes al contrario y antes bien en español actual, en A. Messias Nogueira, C. Fuentes Rodríguez y M. Martí Sánchez. (coord.). **Aportaciones desde el español y el portugués a los marcadores discursivos: treinta años después de Martín Zorraquino y Portolés**, pp. 169-188.

ESTELLÉS, M. (2011). **Gramaticalización y paradigmas: un estudio a partir de los denominados marcadores de digresión en español**. Berna: Peter Lang.

FIGUERAS, C. (1999). Diferencias en el comportamiento discursivo de los marcadores reformuladores explicativos en español. **Actas ASELE X**: 257-270.

GARCÉS, M. P. (2008). **La organización del discurso: marcadores de ordenación y de reformulación**. Frankfurt: Iberoamericana.

GARCÉS, M. P. (2010). Marcadores de corrección y rectificación en los textos escritos. **Revista de Investigación Lingüística**, 13: 87-105.

PLACENCIA, M. E. (2020). Variación pragmática regional, en M. V. Escandell-Vidal, J. Amenós Pons y A. Kathleen Ahern (ed.). **Pragmática**, cap. 40, pp. 776-787.

PORTOLÉS, J. (1993). La distinción entre los conectores y otros marcadores del discurso en español. **Verba: anuario galego de filoloxia**, 20: 141-170.

PORTOLÉS, J. (2011 [1998]). **Marcadores del discurso**. Barcelona: Ariel.

VIGUERAS, A. (2014). Marcadores del discurso de la Ciudad de México. **Cuadernos de la ALFAL**, 5: 191-245.

YUS, F. (2014). El discurso de las identidades en línea: El caso de Facebook. **Discurso y sociedad**, 8 (3): 398-426.

YUS, F. (2020). La comunicación en la era digital, en M.V. Escandell-Vidal, J. Amenós Pons y A. Kathleen Ahern (ed.). **Pragmática**, cap. 30, pp. 608-623.

DO CONTO À SÉRIE TELEVISIVA: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA DA(S) RAINHA(S) MÁ(S) DA *DISNEY*

Ana Beatriz Maia Barissa

<https://orcid.org/0000-0003-0229-0892>

INTRODUÇÃO

A proposta do presente capítulo é a de refletir sobre a (re)significação da personagem Rainha Má, mãe-vilã do conto popular *Branca de neve e os sete anões*³³, produzido pelas indústrias Disney em 1937. Na nova leitura midiática, denominada *Era uma vez*³⁴, a Rainha Má é apresentada com uma proposta de humanização, o que a distância – de certa forma – de sua configuração arquetípica da sua versão literária – e reproduzida pela Disney na década de 1930 –, mas mantém a discussão sobre maternidade, clássico nas narrativas populares. Devido ao foco do ser-mãe (mote para a construção humanizada desse sujeito), nosso objetivo é observar como essa discussão sobre o ser-mulher e o ser-mãe traz em *Era uma vez* uma proposta, não somente de humanização em sua construção, mas uma ideia de empoderamento feminino (a fim de se atender a um determinado público) aparente. Dizemos aparente porque o seriado, enquanto elo na cadeia discursiva, ressignifica a imagem da Rainha Má a partir de sua versão animada, porém continua a perpetuar valores axiológicos sobre mulher e maternidade presentes em histórias desde tempos mitológicos.

³³ *Snow White and the seven dwarfs*, no original.

³⁴ *Once upon a time*, no original.

Pela extensão do seriado e, a fim de analisar de forma mais verticalizada o nosso *corpora*, foram selecionados o episódio dezoito da primeira temporada, o episódio nove da segunda temporada e a animação *Branca de Neve e os sete anões*. Como critério de seleção de episódio, pensamos a relação da personagem da Rainha Má com Branca de Neve (processo que nos permite observar sua posição enquanto mãe-vilã) e com Henry, seu filho adotivo no seriado, isto é, de quem escolhe ser mãe. Como nossa reflexão se propõe a pensar sobre uma personagem clássica dos contos de fadas, também faremos uma recuperação das personagens arquetípicas vindas das narrativas populares, refletida e refratada tanto na Rainha Má de *Branca de Neve e os sete Anões*, quanto a de *Era uma vez*. Assim, traremos como cotejo a versão literária escrita pelos Irmãos Grimm, *Branca de Neve*³⁵, publicada na coletânea *Contos da infância e do lar*³⁶, em 1812.

Ao nos debruçarmos sobre as ideias de mulher e maternidade a partir das imagens das Rainhas Más da Disney, a reflexão será feita a partir da filosofia da linguagem proposta pelo Círculo de Bakhtin. Dessa forma, essas concepções serão compreendidas enquanto signos ideológicos, responsáveis por concretizar os diversos fios ideológicos que perpassam as áreas da comunicação social, de forma a revelarem as constituições de sistemas ideológicos organizados responsáveis por determinar uma sociedade específica. Ao inserir o signo em sua forma concreta de comunicação, ele será determinado pelo horizonte social, no caso esse

³⁵ *Schneewittchen*, no original.

³⁶ *Kinder und hausmärchen*, no original.

horizonte é o da indústria Disney, cujas produções são regidas pelas suas valorações políticas, econômicas, morais, etc., especificado por um cronotopo específico e situado no contexto estadunidense de produção.

As questões aqui colocadas, exige que nosso trabalho seja orientado pelas considerações de Beauvoir e seus estudos sobre a mulher. Suas reflexões partem de uma concepção de feminino além do biológico. Para a autora, a mulher “reflete uma situação que depende da estrutura econômica da sociedade, estrutura que traduz os graus de evolução técnica a que chegou a humanidade.” (2009, p.70). Ao situarmos os enunciados *Branca de Neve*, *Branca de Neve e os sete anões* e *Era uma vez*, é necessário trazer o contexto – não somente – econômico, para compreender como este influencia na(s) imagem(ns) da(s) Rainha(s) Má(s), uma vez que será possível observar como o aparecimento da propriedade privada se tornou um marco para “a grande derrota histórica do sexo feminino” (Beauvoir, 2009, p.70). É o momento do estabelecimento da família patriarcal, que coloca a maternidade como o papel principal da mulher. Sobre a maternidade, traremos a obra de Badinter, com reflexões voltadas ao papel da Igreja e do Estado em reforçar a maternidade como função social obrigatória das mulheres.

Para o desenvolvimento da análise do capítulo, teremos como base a concepção de verbivocovisualidade da linguagem, desenvolvida por Paula e Luciano (2020) e compreendida em sua tridimensionalidade. Assim como os autores, é possível pensar toda e qualquer manifestação de linguagem enquanto verbivocovisual, independente da materialidade do enunciado a

ser trabalhado. Para os estudiosos, a materialidade é constituída de uma imagem acústica, concretizada como vocalidade, de um objeto do mundo real/social semiotizado por uma imagem mental e uma significação decodificada verbalmente. Como sustentação dessa ideia, utilizaremos os pressupostos bakhtinianos de linguagem.

No que diz respeito ao nosso processo metodológico, teremos como fio condutor para desenvolvimento do trabalho o método dialético-dialógico (Paula, Figueiredo, Paula, 2011). Embasados em Marx, o Círculo amplia a concepção de dialética marxista e sua importância na relação com a superestrutura e a infraestrutura. Essa relação será pensada pelos autores russos entre sujeitos, que se manifestam na/pela linguagem “[...] dialogicamente, como reflexo e refração discursivos, de acordo com as forças centrífugas e centrípetas do discurso”. (Paula, Figueiredo, Paula, 2011, p.91). Assim feitas as nossas considerações teórico-metodológicas e estabelecido o nosso objetivo em analisar as mudanças nas Rainhas Más, com foco especial na maternidade do desenvolvimento desses sujeitos mulheres, com resgate das narrativas populares mitológicas até o seriado na contemporaneidade.

DO MITOLÓGICO AO CONTO DE FADAS: MÃES (E) VILÃS AO LONGO DOS TEMPOS

A partir das considerações de Volóchinov ([1929] 2017) sobre o signo, entendido pelo autor como todo e qualquer movimento (seja um gesto, um som ou movimento) de um homem compreendido (isto é, criado um

significado) por outro, sujeito pertencente a um grupo humano com um determinado horizonte cognoscitivo, refletiremos acerca da vilania (re)produzida na Rainha Má de *Branca de Neve e os sete anões* e em *Era uma vez*. O seriado, por trazer uma proposta de (nova) contação das narrativas clássicas populares e (re)feitas pela Disney em tempos passados, carrega em si aspectos formais referentes aos contos de fadas, que reflete e refrata imagem de mulher e maternidade surgidos desde os tempos mitológicos. A partir dessas duas concepções, o presente capítulo se propõe a compreender a construção da vilania nos dois sujeitos supracitados. Para tanto, faremos uma breve retomada das narrativas populares a fim de mostrar a presença da relação vilania-maternidade em mulheres para, assim, observar esse processo (com arquitetura outra) tanto nos contos de fadas, como na animação Disney e no seriado midiático.

Em *O mito, matriz da arte e da religião*, Moura se utiliza de um exemplo de narrativa sobre a origem do sol. A partir dela, o autor discorre como atuais correntes de dedicação aos estudos do mito defendem que as narrações não eram configuradas como simples lendas ou contos fabulosos, mas materializam a relação do homem (primitivo³⁷, no caso) com a realidade. Em suas considerações sobre a narrativa, Moura como a criação da narrativa envolve o público em um ambiente imaginário, de forma a criar uma atmosfera fantástica. No entanto, ao estabelecer uma ligação estreita

³⁷ Em seu texto, o autor dedica uma nota de rodapé para explicar o uso do termo “primitivo”, designado já consagrada para nomear povo antigos, de forma a se desintegrar qualquer sentido pejorativo.

com o enunciado – isto é, situá-lo em seu contexto de produção, o autor explica como

[...] a narração nos leva a refazer todo o nosso caminho: é o imaginário que nos conduzirá agora à realidade. A narrativa passa a perder inconsistência e sua fantasia nos transporta a um ponto de referência do real e verdadeiro que, se não é o mundo de nossas coisas, é o autêntico mundo do primitivo. (Moura, 1988, p.47).

Ao observar as considerações de Volóchinov ([1929] 2017) sobre o psiquismo subjetivo, compreendemos o processo descrito por Moura em sua análise sobre *Os hinos homéricos* e sua e sua explicação sobre a origem do sol. Para o autor russo, o psiquismo subjetivo está relacionado com a compreensão ideológica e da interpretação socioideológica compreensiva. Ao dizer que a narrativa nos guia do fantasioso “[...] a um ponto de referência do real e verdadeiro [...]” (Moura, 1988, p.47), o processo ocorre porque não é possível ocorrer psiquismo fora do à parte do material sgnico. O mesmo decorre com os demais mitos, como é possível observar no trecho a seguir, retirado da peça de Eurípedes *Medeia*, cujo nome deu origem ao mito da mãe má:

Redireciono a fala neste ponto –
Pranteio o fato a ser perfeito: *mato*
Meus filhos... e ai de quem ficar na frente!
Arraso o alcácer de Jasão e sumo,
Pela sanha fatal contra os meninos
Que mais amo no mundo, sob o crime
Que mais que nenhum outro agride o pio:
O riso do inimigo fere o íntimo.
A vida avulta? Avilta, se há vacância

De lar, pátria, refúgio contra os sujos.

Que erro crasso deixar o paço pátrio,

Cair no logorreia de um helênico,

O qual se deus quiser, será punido. (Eurípides, 2010, p.99, grifos nossos).

Nesse breve trecho, Medeia proclama o assassinato dos filhos para atingir o companheiro, Jasão, que decidiu se casar com outra mulher. Nas palavras de Vincenzo Di Benedetto, cujas críticas são encontradas nessa versão de *Medeia*, a mulher-mãe se submete a um esforço intelectual a fim de enquadrar sua situação pessoal num contexto mais amplo e tomar consciência do seu destino em relação aos filhos. Essa força de extrema racionalidade é percebida nos trechos em destaque, os quais nos permitem visualizar o afeto materno presente nesse sujeito, mas que é sobreposto em um esforço extrapessoal com a necessidade de se vingar de Jasão. É a partir desse sacrifício e da tragédia familiar, que Eurípides constrói sua obra. Otto Maria Carpeaux (cujas palavras também se encontram nessa mesma versão) revela como o momento histórico pelo qual Atenas passava foi refletido e refratado em sua obra. As discussões individualistas da época embasaram a tragédia euripidiana, de forma que o autor coloca a família como desintegradora da liberdade do indivíduo, que se dissolvia em um momento de destaque de rígido coletivismo.

A obra, (re)lida e (re)significada ao longo dos séculos, traz novos significados para a leitura de Medeia. Na contemporaneidade, seu mito é relacionado, com frequência à alienação parental na área da psicologia, o que coloca a criança em um papel de maior destaque. Ao situarmos o enunciado em seu momento histórico – enquanto resposta a esse meio de

produção – teremos valores axiológicos revelados daquele contexto específico. No entanto, a vivência do mito está justamente na sua relação dialético-dialógica com outros enunciados que, ao entrar em contato com outros signos, geram novas significações.

O mesmo processo acontece com os contos de fadas. O imaginário existente nas palavras do mitológico faz conduzir o público à realidade, o que acontece pelo fato de o mito constituir “[...] uma forma de conhecimento, confundida e, melhor ainda, fundida pelo primitivo com a vivência de seu mundo cotidiano”. (Moura, 1988, p.48). É na sua relação com o mundo, que o sujeito se manifesta de determinada forma a revelar valores sociais que concordam, discordam, refutam, reafirmam o meio em que vivem. No caso dos contos de fadas, algo importante a ser destacado é a sua função moralizante, de forma a ditar regras sociais a serem cumpridas por homens e – principalmente – mulheres, como veremos com a obra dos Grimm.

Para o Romantismo e seus autores, o conto de fadas se tornou um exemplo de expansão da fantasia, o que abriu caminhos para aproveitamento de significativo potencial simbólico da área e permitiu intensa veiculação de ideias e sentimentos típicos da época e trazer a emergência dos valores estéticos que começaram a reger a Europa de 1800. A Alemanha, em específico, recebeu um grande impacto das narrativas populares no que diz respeito à redescoberta da própria identidade nacional. As invasões napoleônicas às terras alemãs causaram crise identitária no país e o processo de compilação do seu folclore, isto é, o retorno às raízes populares a partir

da coleta de narrativas feita pelos Irmãos Grimm, foram condição *sine qua non* para a recuperação dessa identidade.

Acerca dos novos valores estéticos, as narrativas coletas passaram por um trabalho de reconfiguração linguístico-literário, de modo a adequar as histórias aos preceitos religiosos vigentes naquele momento histórico. Da mesma forma que os mitos foram a materialização da boa conduta e moral a ser seguida, os contos acabaram por terem para si essa mesma função social. A partir daí, o polimento cristão dá acabamento estético às narrativas e, para o presente capítulo, destacamos a construção das imagens de feminino a partir da figura materna:

Um ano mais tarde seu marido, o rei, casou-se com outra mulher. Era uma dama belíssima, mas orgulhosa e arrogante, e não podia suportar a ideia de que alguém fosse mais bonita que ela. Possuía um espelho mágico e, sempre que ficava diante dele para se olhar, dizia:

“Espelho, espelho meu,

Existe outra mulher mais bela do que eu?” (Grimm, W.; Grimm, J. 2010, p. 129).

Para compreendermos a construção da vilania na personagem da Rainha Má³⁸, recuperamos a catarse provocada na leitura de *Medeia*, quando a personagem proclama o plano para matar os filhos a fim de cumprir com sua vingança. A emoção se dá na relação ambivalente de querer provocar dor no marido a partir da perda dos filhos e do amor que sente por eles. A temática da mãe que não exerce o seu papel materno (este, socialmente

³⁸ O termo “Rainha Má” é utilizado pela primeira vez na animação Disney de 1937. Utilizamos a mesma nomenclatura para nos referirmos à personagem da versão literária como forma de facilitar sua identificação.

imposto) causa o espanto por conta das valorações axiológicas na imagem da maternidade. Essas valorações são perpetuadas ao longo dos séculos, com outra arquitetura. A partir dessas considerações, podemos compreender a intencionalidade³⁹ da obra ao analisarmos o trecho destacado.

Nele, há a introdução à madrasta da Branca de Neve, cuja representação materna é o oposto àquele re(a)presentado pela mãe biológica da princesa-mulher. Na passagem destacada, é possível observar como os valores católico-cristãos são presentes na obra. A vilania começa a ser construída, primeiramente, pela vaidade da mulher, condenado um dos pecados capitais. Ressaltamos que a beleza em si não é condenada – tanto que a passagem “Era uma dama belíssima...” é colocada de forma a realçar tal predicado. O que a prejudica e a condena enquanto sujeito são seu orgulho, um dos sete pecados capitais, e a arrogância – introduzidos pela conjunção adversativa “mas”, que anula a qualidade de “belíssima” da Rainha. As devidas qualidades de uma mulher (mãe) são apresentadas logo em seguida pela imagem da mãe biológica de Branca de Neve:

Era uma vez uma rainha. Um dia, no meio do inverno, quando flocos de neve grandes como plumas caíam do céu, ela estava sentada a costurar, junto de uma janela com uma moldura de ébano. Enquanto costurava, olhou para a neve e espetou o dedo com a agulha. [...] “Ah, se eu tivesse um filhinho branco como a neve, vermelho como o sangue e tão negro como a madeira da moldura da janela.” Pouco tempo depois, deu à luz uma menininha que era branca como a neve, vermelha como o sangue e negra como o ébano. Chamaram-na Branca de

³⁹ Compreendemos intencionalidade, não como a ideia de intenção do autor (ou o que o autor quis dizer, o que é irrelevante nos estudos do Círculo), mas o direcionamento de ideia proposta em uma determinada obra.

Neve. A rainha morreu depois do nascimento da criança (Grimm, W.; Grimm, J. 2010, p. 129).

O conto é aberto com essa descrição da mulher-mãe, sem identidade – para os valores cristão, ser-mãe é a identidade maior de qualquer mulher – e restrita ao ambiente doméstico. A morte precoce reforça sua imagem sagrada, de forma a trazer um desfecho do cumprimento do papel de boa-mãe nos contos de fadas. Refletir sobre a construção da vilania é necessário pensá-la na sua relação com o sujeito que materializa a idealização de imagem ideal feminina. Ou seja, pensar esse sujeito mulher-vilã é colocá-la num movimento social de interação com o outro e fazer uma análise a partir da alteridade. O sujeito Rainha Má não é centrado em si, mas constituído na sua relação com Branca de Neve – que, por sua vez, substitui sua mãe (biológica) na imagem de mulher ideal.

Tal como o enunciado, constituído no embate de vozes e concretizado na/pela linguagem, o “eu” existe somente na relação a um tu, sempre axiológicos, revelados nesse embate, o que é possível de observar com esses dois trechos destacados de *Branca de Neve*, cuja elaboração é feita de modo a materializar a função moralizante do conto ao colocar esses dois sujeitos-mulheres em embate. Sobre a relação da madrasta com a beleza, Corso; Corso (2007) discorrem como é possível observá-la a partir de sua relação com o espelho: ele é o responsável por ditar quem é “a mais bela de todas” e, ao indicar Branca de Neve, a inveja assume seu ponto mais alto da narrativa e, mais uma vez, temos a retomada de mais um pecado capital cometido pela Rainha Má, o que reforça a sua condenação e direciona Branca de Neve à sua ascensão na história. A partir dessas breves

considerações sobre a construção da vilania na Rainha Má, podemos compreender como o seriado midiático refletirá essa concepção arquetípica e refratará com valorações do momento histórico estadunidense da década de 1930.

RAINHAS MÁ: DIÁLOGOS ENTRE *BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES E ERA UMA VEZ*

No que diz respeito à madrasta e sua beleza – com constante necessidade de reafirmação por parte do espelho, colocado como o outro que a ajuda a se constituir enquanto sujeito. O espelho encarna valores axiológicos da época e é lhe dado o poder de decidir quem é “a mais bela de todas”, elemento utilizado pela Disney como cena de abertura da animação:



Figura 8: Rainha consulta o espelho

Fonte: *Branca de Neve e os sete anões*⁴⁰ (1937)

Na cena em destaque, temos o aparecimento da imagem da Rainha Má em movimento de baixo para cima, compreendida aqui como ascensão e relacionada com a sua posição monárquica. As escadas ajudam a causar esse movimento superior, jus à sua colocação na história. O espelho, que possui

⁴⁰ Minutagem: quadro 1: 2’27’’; quadro 2: 2’29’’ e quadro 3: 2’30’’.

uma face própria ao ser invocado pela Rainha, aparece na cena como reflexo – isto é, o outro desse sujeito – que a constitui como tal.

Para Bakhtin (2011), o “eu” é insuficiente em si mesmo. A Rainha Má fechada em si mesma perderia a essência, pois esta se constitui na relação – com Branca de Neve, o espelho, etc. É a partir desse outro, que a voz social a qual representa toma consciência no ser-evento e em seu posicionamento axiológico. Esse recorte foi colocado de forma a destacar o tópico pecado capital (aqui, no caso, o orgulho), recuperado pelas indústrias Disney e trabalhada na animação, o que reafirma os valores católico-cristãos pelos quais o estúdio é regido e faz configurar a Rainha Má enquanto sujeito de linguagem.

Ainda na Figura 1, temos como construção imagética da Rainha Má uma combinação de cores que se tornou marca registrada na vilania Disney. Nesse jogo multicolor, temos o roxo e o preto (concentrados nas roupas – pelo reflexo do espelho, é possível perceber que o vestido em tom roxo) e o verde presente no espelho. A partir dessa combinação, temos uma valoração sobre o ser-vilã (o que implica em valorações sobre o ser-mulher e ser-mãe) dentro do contexto Disney, uma vez que essas cores, nesse enunciado, possuem significados específicos, observados por nós a partir das considerações de Heller (2008) em seu *Psicologia das cores*.

Enquanto signo ideológico, o preto possui a ideia de morbidez e ausência de vivacidade (uma vez que o vivo é sinônimo de luz, combatido pelos vilões). Em suas primeiras palavras sobre o preto, a autora o considera uma cor relacionada ao poder, à violência e morte, três características aplicadas

à Rainha Má, uma vez que a posição hierárquica máxima que ocupa traz poder no sentido político e aquele conquistado pelo conhecimento (a vilã se mostra uma dominadora de magia – das trevas). Sua ganância por querer ser a mais bela de todas traz em si uma postura violenta em relação à Branca de Neve, uma vez que envia um caçador para matá-la.

O preto também está associado à elegância, demonstrado no manto, um dos maiores símbolos da realeza, junto à coroa e ao cetro. Outra característica desse tom é o de transformar todos os significados positivos as demais cores cromáticas em seu oposto negativo. O roxo, por exemplo, é tipo por Heller como a cor do poder e da magia. No entanto, o poder e a magia da Rainha Má são vis por estarem associados ao preto – à morte. A cor roxa também é considerada a cor da vaidade e demais desvirtuamentos (assim considerados pela Igreja) ligados à beleza, marca registrada da vilã. No caso da cor verde (dos olhos da Rainha e do espelho – seu outro) está associado à inveja (possível até de lembrarmos da expressão “ficar verde de inveja”) e ao veneno, primeiro tom a ser adquirido pela maçã ao mergulhá-la em poção e dá-la à Branca de Neve.

Assim, aos fazermos nossas observações sobre a composição cromática da personagem, é possível observar a construção arquetípica existente desde os tempos mitológicos refletida e refratada na Rainha Má. Por meio das cores (signos ideológicos), são perpassados valores difundidos no plano social há séculos e retomados de tal forma que, ao se ter contato com esse conjunto de elementos em uma personagem, associamo-los à imagem de

vilã(o). E esse processo se repete quando nos voltamos para a imagem da Rainha Má de *Era uma vez*:



Figura 9: Rainhas Más, da Disney

Fonte: *Branca de Neve e os sete anões* (à esquerda) e Internet⁴¹

Como é possível observar, a versão midiática da Rainha Má resgata elementos visuais de sua leitura animada de 1937. As cores escuras (preto e roxo como os tons mais predominantes), como o estilo do vestido também é bem semelhante. A posição ereta, de ombros alinhados ressalta o poder trazido tanto pela posição de rainha quanto pela magia avançada que ambas possuem. Ao colocarmos esses dois sujeitos em embate, é possível perceber como a Rainha Má de *Era uma vez* reflete e refrata, não somente sua versão animada, mas também a literária, de modo a recuperar – em partes – o

⁴¹ Disponível em:

http://pm1.narvii.com/6706/02952d342e468d33deebb467e070986a42ef274a_00.jpg.

Acesso em: 30 dez. 2021.

aspecto arquetípico tão caro aos contos de fadas. A seguir, trazemos um fotograma como exemplo:



Figura 10: Regina prende Branca de Neve

Fonte: *Era uma vez*⁴²

Antes das considerações sobre a cena, é preciso contextualizar, de forma breve, a narrativa do seriado. *Era uma vez* possui como fio condutor do enredo a história de *Branca de Neve* e possui dois cronotopo principais: o da Floresta Encantada em tempo impreciso, onde se passa o conto canônico e o espaço contemporâneo fictício denominado StoryBrooke (mas que, no seriado, é localizado no Maine, um dos estados dos Estados Unidos), criado pela Rainha Má (que, nesse novo ambiente, chama-se Regina) como forma de amaldiçoar Branca de Neve e o Príncipe Encantado, sujeitos que têm suas memórias substituídas por outras e não se lembram de quem eram originalmente. Por isso, temos no fotograma uma cena com ambientação moderna, com Branca de Neve presa em uma delegacia devido a um plano desenvolvido pela Rainha Má. Nesse recorte, percebe-se uma movimentação da câmera em alternância entre ambas as personagens, o que provoca uma intercalação de valores: a heroína materializada em Branca de Neve subjugada – novamente, de forma outra – pela Rainha. As cores

⁴² Minutagem: quadro 1: 30'25"; quadro 2: 30'32"; quadro 3: 30'47" e quadro 4: 30'57".

escuras (nas roupas, na maquiagem carregada e na sombra das grades em seu rosto) predominam na vilã, de forma a realçar a maldade e o poder exercidos em Branca, cujo contraste de roupas, mais claras e discretas, revelam valorações ideais acerca da mulher – indefesa, frágil, com feições mais suaves. No entanto, a série mantém essa construção arquetípica das personagens somente até o fim da primeira temporada. A partir da segunda, notam-se mudanças na Rainha Má, cujo adjetivo ainda se mantém, mas com alterações causados pela maternidade. Analisemos um exemplo:



Figura 11: Rainha Má salva Branca de Neve e sua filha

Fonte: *Era uma vez*⁴³

Sobre a cena, faremos uma breve contextualização. Branca de Neve e sua filha passam por uma situação de perigo e Regina salva ambas as mulheres, a pedido do seu filho adotivo, Henry. Para nossa análise, destacamos dois pontos importantes: o primeiro é a decisão em ajudar Branca de Neve rompe com a narrativa canônica e estabelece uma nova perspectiva para a personagem, que começa, aqui, uma jornada de redenção. Em segundo, ressaltamos que essa redenção é determinada pela maternidade. O ser-mãe nessa Rainha Má é uma discussão cara, devido à sua relação com o filho, adotado para que pudesse suprir um vazio. Enquanto estava fora da

⁴³ Minutagem: quadro 1: 35'17", quadro 2: 35'18"; quadro 3: 35' 27" e quadro 4: 35'30".

condição materna, esse sujeito-mulher não havia alcançado a realização plena, mesmo após cumprir seu principal objetivo. Como é clássico dos estúdios Disney (e dos contos de fadas literários) a maternidade é sinônimo de plenitude e realização feminina, e a indústria, orientada por um determinado horizonte ideológico, faz suas produções atravessarem (e serem atravessadas) por determinados valores axiológicos presentes, não somente nas narrativas do século XIX, mas na sociedade estadunidense contemporânea. Ao escolher ser-mãe, à Rainha é concedida uma redenção, o que nos revela (e reforça) a imagem sagrada da maternidade, propagada de forma intensa no Ocidente desde o surgimento de Maria, personificação da mulher perfeita: virgem e mãe. Assim, compreendemos que, apesar da nova proposta de narrativa, o seriado traz em si valorações que perpetuam axiologias manifestadas sobre a mulher desde a Antiguidade, passando pelo Romantismo do século XIX até a contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente estudo, buscamos refletir sobre a vilania Disney, construída de forma dialético-dialógica na personagem da Rainha Má (re)construída em um seriado midiático contemporâneo estadunidense. Foi possível observar como essa personagem reflete e refrata suas versões anteriores (literária e animada), de forma a retomar valorações sobre o ser-mãe e ser-mulher – no conto de fadas e na vida. A proposta de (des)construção – principalmente em relação às personagens femininas, como uma forma de atender às exigências de um determinado público – ainda traz valorações de

tempos passados, o que acontece tanto com a animação de 1937 quando com o seriado de 2011.

Observar essa produção cultural enquanto produto de interação entre enunciados e sujeitos é o que nos permite analisar esse jogo dialético de respostas e posicionamentos entre as indústrias Disney – analisada enquanto sujeito de linguagem – e compreender esses enunciados como respostas ao meio em que foram produzidos. Trazer essas duas (re)leituras da personagem literária, possibilitou-nos refletir como a nova proposta de *Branca de Neve* no seriado é construída de forma ambivalente, com direito à redenção devido à sua escolha em ser-mãe. Esse processo revela e reforça a perpetuação da ideia de obrigatoriedade social da maternidade às mulheres propagado pela Disney enquanto indústria cultural.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. (2011). **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes.
- BEAUVOIR, S. de. (1970). **O segundo sexo: fatos e mitos**. Trad.: Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- BRANCA DE NEVE. (1937). Direção: David Hand. Produção de Walt Disney. Estados Unidos: RKO Radio Pictures. DVD.
- COELHO, N. N. (2003). *O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos*. São Paulo: DCL.
- CORSO, D. L.; CORSO, M. (2007). **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed.
- EURÍPIDES. **Medeia**. (2010). Trad.: Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34.

GRIMM, J., GRIMM, W. Branca de Neve. (2010). In: **Contos de fadas: de Perrault, Grimm, Andersen e outros/** apresentação Ana Maria Machado. Trad. Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar.

JUNG, C. G. (2000). **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes.

HELLER, E. (2008). **Psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Barcelona: Gustavo Gili AS.

MEDVÍEDEV, P. (2012). **O Método formal nos estudos literários**. São Paulo: Contexto.

MENDES, M. (2000). **Em busca dos contos perdidos: o significado das funções femininas nos contos de Perrault**. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

MOURA, T. (1988). O mito, matriz da arte e da religião. In: Morais, R. (org.). **As razões do mito**. Campinas: Papirus.

O HOMEM DO ESTÁBULO. (Temporada 1, episódio 18). (2011). **Era uma vez** [Seriado] Direção: Dean White. Produção de Edward Kitsis, Adam Horowitz, Steve Pearlman, David H. Goodman e Andrew Chambliss. Estados Unidos: Produtora ABC Studios. 1 DVD (43 min.) son., color.

PAULA, L. M. H.; FIGUEIREDO, S. P. (2011). O marxismo no/do Círculo de Bakhtin. In: Stafuzza, G. B. **Slovo**. Curitiba: Appris, 2011.

PAULA, L. de; Luciano, J. A. R. (2020). A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. *Linha D'Água*, São Paulo (SP), v. 33, n. 3, p. 105-134. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/171296>. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v33i3p105-134>.

RAINHA DE COPAS. (Temporada 2, episódio 9). (2021). **Era uma vez** [Seriado] Direção: Ralph Hemecker. Produção de Edward Kitsis, Adam Horowitz, Steve Pearlman, David H. Goodman e Andrew Chambliss. Estados Unidos: Produtora ABC Studios, 1 DVD (43 min.) son., color.

VOLÓCHINOV, V. (2013). **A Construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro e João.

VOLÓCHINOV, V. (1926). **Discurso na vida e discurso na arte** (*sobre poética sociológica*). Tradução de Carlos Alberto Faraco; Cristóvão Tezza. Circulação restrita.

VOLÓCHINOV, V. ([1929], 2017). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34.

COLABORADORES

Adriana Martins Simões

Doutora (2015) e mestre em Letras (2010) pelo Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da Universidade de São Paulo. Integra o grupo de pesquisa Fontanella de Weinberg - Grupo de Estudios Gramaticales y Sociohistóricos del Español (CNPq/UFBA). Realiza pesquisas sobre a expressão do objeto anafórico acusativo na gramática do espanhol comparada à do português brasileiro e no processo de aquisição/aprendizagem do espanhol como língua estrangeira por brasileiros.

Amanda Macedo Balduino

Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2022). Tem experiência na área de Letras e Linguística, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: português de São Tomé e Príncipe; português brasileiro; fonética, fonologia e morfologia do português; sociolinguística; políticas linguísticas; contato linguístico; línguas crioulas; trabalho de campo e ensino de português como língua materna.

Ana Beatriz Maia Barissa

Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação de Linguística e Língua Portuguesa da UNESP/Araraquara e Mestre (2019) pelo mesmo Programa. Sua pesquisa é voltada para a discussão de maternidade e amor materno a partir de Regina Mills, personagem fictícia da série "Once Upon a Time", a partir da perspectiva bakhtiniana de linguagem.

Ana Livia Agostinho

Possui Doutorado (2014) em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo e realizou estágio pós-doutoral (2020) no Departamento de Linguística da Universidade da Califórnia, Berkeley, nos Estados Unidos. Realiza trabalho de campo em São Tomé e Príncipe e Guiné Equatorial desde 2009.

Ángela Helmer

Doctorado en Literaturas y Lenguas Hispánicas, con especialización en Lingüística, por la Universidad de California Los Ángeles (2010). Su tesis de doctorado es una investigación sobre el rol del latín como lengua de prestigio en la sociedad colonial peruana bajo el concepto de la diglosia. Sus intereses de investigación incluyen la coexistencia del latín y el español durante el período colonial en las Américas, lingüística histórica y sociolingüística. Es profesora titular en el Departamento de Lenguas, Lingüística y Filosofía de la Universidad de Dakota del Sur, EE.UU.

Camila Barros

Doutoranda na Freie Universität Berlin e trabalha com a interface de gestos e prosódia. Compõe o Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem (Universidade Federal de Minas Gerais), trabalhando com compilação e tratamento de corpora de fala e multimodal, principalmente para o estudo de unidades da fala e gestos.

Dermeval da Hora

Doutorado em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professor Titular pela Universidade Federal da Paraíba (Aposentado). Pesquisador 1B do Conselho de Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil (CNPq). Presidente da Associação de Linguística e Filologia da América Latina desde 2017 até 2024.

Gladis Massini-Cagliari

Doutorado em Linguística (1995) pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Fez Pós-Doutorado na University of Oxford, em 2002-2003. Em 2005, obteve a Livre-Docência em Fonologia na UNESP, Campus de Araraquara. É pesquisadora 1B do CNPq. Desenvolve pesquisa nas áreas de Português Histórico e Fonologia.

Heloísa Mello

Doutorou-se pelo Graduate Center da City University of New York. Sua pesquisa atualmente é focada em metodologias para coleta e tratamento de corpora, além de análises linguísticas de base léxico-sintática e pragmática. É co-coordenadora do projeto C-ORAL-BRASIL.

M. Amparo Soler Bonafont

Especialista em análise do discurso e pragmática sincrônica. Durante sua trajetória, tem-se aprofundado no domínio da modalidade epistêmica, assim como no funcionamento de algumas marcas de modalização específicas, como os marcadores discursivos ou os verbos doxásticos, nos que tem-se fixado, não só do ponto de vista semântico e pragmático, mas também social, de acordo com as atividades de imagem que produzem.

Marcelo Módolo

Marcelo Módolo é professor pesquisador da Universidade de São Paulo e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – nível 2. Cumpriu estágio de pós-doutorado (2006) em Linguística Histórica e Semântica Cognitiva no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

Maria Beatriz Nascimento Decat

Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas pela Pontifícia Católica de São Paulo (1993). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sintaxe Funcional e Linguística dos Gêneros e Tipos Textuais, atuando principalmente nos seguintes temas: funcionalismo, língua portuguesa, escrita, oralidade, retextualização, gêneros textuais.

Nancy Mendes Torres Vieira

Doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-graduação de Filologia e Língua Portuguesa da USP-SP. No Doutorado, a pesquisa tem como objetivo desenvolver três revisões sistemáticas dos resultados de estudos que, a partir dos métodos da sociolinguística quantitativa, investigam fenômenos que têm como domínio a coda silábica, no português falado no Brasil.

Philippe Boula de Mareüil

Linguista, diretor de pesquisa do CNRS francês, é afiliado ao Laboratório Interdisciplinar de Ciências Digitais (LISN) localizado no campus da Universidade de Paris-Saclay. Os seus tópicos de pesquisa são a percepção e o processamento automático da fala.

Plínio A. Barbosa

Tem formação em Engenharia Eletrônica e Linguística, com ênfase na área de Fonética experimental, atuando principalmente nos seguintes temas: análise e modelamento dinâmicos da prosódia da fala, prosódia experimental, teoria de sistemas dinâmicos, ciências da fala e da linguagem, ensino de fonética do francês. Tem mais de 140 publicações em periódicos especializados.

Sara Fernández Gómis

Doutora em Língua Espanhola e Literatura pela Universidade de Alcalá. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade de Heidelberg. Em sua trajetória profissional destacam cursos de verão de espanhol para fins específicos, a preparação dos exames oficiais da Câmara de Comércio de Madrid.

ISBN: 978-65-999248-0-4

CSL



9 786599 924804